

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

ELIAMAR GODOI

**PARA A CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO
NA OBRA SOUSANDRADINA: uma contribuição**

UBERLÂNDIA

2007

ELIAMAR GODOI

**PARA A CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO
NA OBRA SOUSANDRADINA: uma contribuição**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Lingüística - Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Orientador: Professor Dr. Evandro Silva Martins.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

G588p Godoi, Eliamar, 1968-
Para a construção de um glossário na obra Sousandradina : uma
contribuição / Eliamar Godoi. - 2007.
202 f.

Orientador: Evandro Silva Martins.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em Lingüística.
Inclui bibliografia.

1. Lexicologia - Teses. 2. Neologismos - Teses. Literatura brasileira
-
Dicionários – Teses. I. Martins, Evandro Silva. II. Universidade Federal
de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III. Título.

CDU: 801.3

ELIAMAR GODOI

PARA A CONSTRUÇÃO DE UM GLOSSÁRIO NA OBRA

SOUSANDRADINA: uma contribuição

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Lingüística – Curso de Mestrado em Lingüística, do Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia, para obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Linha de Pesquisa: Teorias e análises lingüísticas: estudos sobre léxico, morfologia e sintaxe.

Dissertação submetida à defesa em 14 de maio de 2007 pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins – UFU

Prof. Dr. Braz José Coelho – UFG

Prof. Dra. Waldenice Moreira Cano – UFU

Dedico este trabalho aos meus familiares: mãe, esposo, filha e irmãos pelo estímulo, compreensão e carinho.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela presença constante em minha vida, pela força, pela motivação e pela oportunidade de obter mais esta conquista.

Ao meu orientador Prof. Dr. Evandro Silva Martins em cujas lições fui colher o que de melhor existe neste trabalho, pelo companheirismo e a palavra sempre amiga.

Ao coordenador do Mestrado em Lingüística da UFU, Prof. Ernesto, assim como ao Prof. Waldenor, pela seriedade e dedicação irrestrita para o êxito do programa.

Ao meu amantíssimo esposo Sílvio pelo companheirismo, paciência e compreensão em todos os momentos e pela cobrança na medida justa e necessária pela minha presença no seio familiar.

À minha adorada filha Sílvia Camila, luz da minha vida, pela paciência de suportar minhas ausências e pela presença carinhosa e pelo sorriso alegre.

À minha mãe, Maria de Fátima, esteio de minhas realizações, sempre presente, apoiando-me irrestritamente com carinho, afeto e atenção.

Às minhas irmãs Cleidmar e Edilamar, pela torcida e apoio e aos meus irmãos Romildo, Romar e Egmar pelo afeto e companheirismo.

À professora Enivalda, a quem nutro grande admiração e amizade, pelo incentivo inicial e por despertar em mim o desejo de continuar meus estudos.

À professora Kátia Marques, pelo estímulo e apoio recebidos em momentos decisivos de minha vida.

Aos demais familiares, que souberam entender minha ausência, em momentos que foram marcantes para a nossa família.

À minha querida amiga Nilza pelo apoio incondicional e troca de informação e materiais, e empenho irrestrito em levar-me a palavra sempre amiga em momentos de angústia e desinformação.

Ao meu amigo Valdinei pela motivação, apoio e troca de informação.

Às funcionárias do Mestrado em Lingüística, Solene e Eneida, pela solidariedade e carinho no atendimento.

*“Ingrato o filho que não ama os
berços/ Do seu primeiro sol. Eu se
algum dia/ Tiver de descansar a vida
errante,/ Caminhos de Paris não me
verão:/ através os meus vales
solitários/ Eu irei me assentar, e as
brisas tépidas/ (...) Meu primeiro
suspiro elas me deram;/ Meu último
suspiro eu lhes darei”.* Sousândrade
(HS - Harpa XLV)

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo construir um glossário com os neologismos criados por Sousândrade nas obras literárias: “Harpas Selvagens” (1857) e “Harpa de Ouro” (1888/ 1889) e criar definições para os vocábulos neológicos embasados pelo contexto abonatório dessas obras. Para desenvolver esse trabalho, o procedimento metodológico escolhido foi o da pesquisa bibliográfica que envolveu relevantes teorias para o desenvolvimento dessa dissertação. Desse modo, com base nos pressupostos teóricos de Boulanger (1979) foram arroladas e analisadas 124 unidades neológicas, entre neologismo formal e semântico. Também, como base teórica, foram tomados os conceitos formulados pelos lingüistas Guilbert (1975), Rey (1976), Barbosa (1981; 2000) e Sablayrolles (1996). As hipóteses de trabalho foram confirmadas, pois, verificou-se que, realmente, o vocabulário sousandradino contém neologismos formais e semânticos e que houve uma maior aparição de neologismos, sobretudo, os formados por composição, nas últimas obras produzidas pelo autor. Ainda, no decorrer da pesquisa, pôde ser constatado que o autor se deixa mostrar pelo seu léxico, pois, manifesta suas vivências e ideologias por meio uma obra autobiográfica. Assim, pontos de vista e parte da realidade da época vivida por ele se apresentam espelhados em suas criações lexicais. Dentre os mecanismos de formação de palavras empregados, o processo de composição foi o que chamou mais a atenção pelas criações inusitadas e sintetismo utilizados por Sousândrade, apesar de que também foi utilizado processo de derivação. Em todos os casos, foi necessário recorrer ao contexto lingüístico e extralingüístico, para que se pudesse compreender o sentido das lexias neológicas. Não obstante se trate de uma análise parcelar, espera-se que este trabalho contribua de forma significativa para o crescimento dos estudos lingüísticos, sobretudo no que tange aos estudos sobre o léxico desse autor. Espera-se, ainda, que esse trabalho seja uma forma de perenização do léxico de Sousândrade e também de se compreender melhor a obra e o momento sócio-histórico-cultural em que se processou a sua linguagem e a sua criatividade.

Palavras-chave: Glossário, neologismo literário, Sousândrade, Lexicologia e Lexicografia.

ABSTRACT

This research had as objective to make a glossary with the neologisms created by Sousândrade in the literary works: “Harpas Selvagens” (1857) and “Harpa de Ouro” (1888 / 1889) and to create definitions for the neological words based on the context of these works. To develop this work, the chosen methodological procedure was of the bibliographical research that involved important theories for the development of this dissertation. In this way, based on the foundations of Boulanger’s theory (1979), 124 neolological units were listed and analyzed, between formal and semantic neologism. As theoretical base, were used, also, the concepts formulated by linguists such as Guilbert (1975), Rey (1976), Barbosa (1981; 2000) and Sablayrolles (1996). The work hypotheses have been confirmed, therefore, were verified that, really, the sousandradino’s vocabulary contains formal and semantic neologisms and there was a bigger appearance of neologisms, above all, that ones formed by composition, in the last works produced by the author. Still, in elapsing of the research, it could be evidenced that the author lets show himself for his lexicon, because, he manifests his experiences and ideologies trough an autobiographical work. Thus, points of view and parts of the reality, of the time lived by him, come evident in his lexical creations. Among the mechanisms of word formation used, the composition process was the one that called more attention to the unusual creations and synthetism used by Sousândrade, although derivation process was also used. In all cases, it was necessary to appeal to the linguistic and extra linguistic context, to understand the sense of the neological words. Nevertheless be a partial analysis, expects that this work contributes of significant form for the growth of the linguistic studies, above all, that ones in that refers to the studies about the lexicon of this author. It is expected, still, that this research be a form of to became perennial the lexicon of Sousândrade and also of better understanding the work and the sociologic-historical-cultural moment in which was processed his language and creativity.

Word-key: Glossary, literary neologism, Sousândrade, Lexicology and Lexicography.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- 1 adj. – Adjetivo
- 2 A.M.S.- Antônio de Moraes Silva
- 3 C.A. – Caldas Aulete
- 4 fig. – Figurado
- 5 HO – Harpa de Ouro
- 6 HS – Harpas Selvagens
- 7 N/C – Não Consta
- 8 Oc. – Ocorrências
- 9 s.m. – Substantivo masculino
- 10 s.f. – Substantivo feminino
- 11 vi – Verbo intransitivo
- 12 vt – Verbo transitivo

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 – CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	12
1 INTRODUÇÃO.....	12
1.1 Considerações iniciais	12-14
1.2 Justificativa	14
1.3 Objetivo	15
1.3.1 Objetivo geral.....	15
1.3.2 Objetivos específicos.....	16
1.4 Hipótese	16-17
1.5 Embasamento teórico	17-19
1.6 Metodologia	19-23
1.7 Organização do trabalho	24-25
 CAPÍTULO 2 – AUTOR E OBRA – Sousândrade pioneiro e suas	
contribuições no domínio das inovações do léxico: audácias que o	
projetaram para fora do seu tempo.	26-35
 CAPÍTULO 3 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - Neologia lexical:	
um panorama entre o neologismo, a novidade e o neologismo	
literário.	36-65
 CAPÍTULO 4 – Estrutura do glossário e análise do <i>corpus</i>	66
4.1 Glossário e sua organização	66-71
4.1.1 Da macroestrutura	71-73
4.1.2 Da microestrutura	73-75
4.1.3 Palavras neológicas: análise do <i>corpus</i>	76-189
 RESULTADOS E DISCUSSÕES	190-192
CONCLUSÃO	193-197
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	198-199
ÍNDICE DE PALAVRAS NEOLÓGICAS	200-202

CAPÍTULO I – CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações iniciais

Tendo em vista a importância da criação léxica para o desenvolvimento de qualquer língua, observamos que o neologismo aparece como um fenômeno responsável pela renovação e expansão do Léxico. Embora os falantes em geral reconheçam com facilidade as unidades da sua língua que podem ser consideradas novas, o conceito de ‘neologismo’ é tão relativo que nos leva a questionar se se trata de um conceito ou um significado atualizado num dado contexto. Sabemos que neologismo pode ser uma palavra nova ou um sentido novo dado a uma palavra já existente e tem surgido de maneira cada vez mais rápida e de forma cada vez mais inusitada. Compreendemos que esse fenômeno ocorre para acompanhar a evolução da língua que, de modo significativo, acompanha a evolução da humanidade, sendo necessário, assim, o aparecimento dessas novas formas léxicas. Desse modo, o fenômeno neológico, como sinônimo de novidade, está sempre se opondo a um enquadramento mais rigoroso, além de se apresentar revestido de grande complexidade. Por isso, o neologismo está ligado a todas as inovações das atividades humanas, em todos os ramos.

Conscientes que qualquer língua viva apresenta uma multiplicidade de registros distintos, cujas características são determinadas por fatores de natureza histórica, geográfica e social, neste trabalho, ressaltamos, dentre esses registros, a chamada criação vocabular, ou seja, os neologismos que tendem a respeitar traços determinados por fatores científicos, técnicos ou profissionais. Desse modo, e sempre dentro das possibilidades do sistema

lingüístico, estes neologismos são utilizados e criados na comunicação formal, informal, e quotidianamente pelos falantes de uma mesma comunidade lingüística e em textos literários.

Como os novos vocábulos aparecem em todos os ramos, destacaremos os que surgem em textos literários, criados por expressividade. Este tipo de neologismo, denominado ‘neologismo literário’, surge, devido à necessidade que os autores têm, assim como os demais usuários da língua, de criar novos vocábulos, quando os existentes já não lhes são suficientes, ou já estão desgastados; fazem isso por pura ousadia, inventividade ou expressão pessoal.

O presente trabalho visa à construção de um glossário dos neologismos extraídos das obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de ouro’ (1889/1899), de Joaquim de Sousa Andrade, doravante Sousândrade, e faz parte de um projeto mais amplo denominado “Observatório dos Neologismos Literários do Português do Brasil” de autoria do professor Doutor Evandro Silva Martins que objetiva analisar os neologismos na sequência literária ‘periodológica’ da literatura brasileira, desde o Romantismo até a modernidade.

Escolhemos estas obras, dentre outros motivos, por ser Sousândrade um autor que muito contribuiu para o engrandecimento da cultura brasileira, sobretudo, na criação de novas palavras e expressões que rechearam toda sua literatura. E ainda, por haver certa carência de estudos na área do léxico no que se refere ao neologismo literário, principalmente, nessas obras.

Como afirmamos acima, a idéia desse trabalho surgiu ao tomarmos conhecimento sobre o projeto do professor que já se encontrava em andamento. Desse modo, cresceu também o interesse em pesquisar o neologismo, sobretudo, o literário. A natureza desse estudo e a reflexão nos levaram ao caminho da investigação crítica possibilitando vislumbrar uma análise mais acurada do léxico de Sousândrade. Pesquisar o léxico desse autor nos permitiu conhecer e resgatar o vocabulário e o efeito de sentido pretendido por ele nas referidas obras.

A parte prática desta investigação consiste na compilação e análise dos substantivos, adjetivos e verbos das obras escolhidas para verificar a condição de estarem atestados ou não em dicionários utilizados como *corpus* de exclusão. Os dicionários consultados para avaliar as formas léxicas foram selecionados pelo critério de data de edição. Um dicionário produzido antes, um durante a constituição das obras pesquisadas (1857 e 1889 respectivamente), e outro atual, são eles: ‘Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa’ de Antônio de Moraes Silva, editado em 1813, o ‘Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa’, de Francisco Júlio Caldas Aulete, editado em 1881, e por último, o ‘Dicionário Houaiss da língua portuguesa’, de Antônio Houaiss, editado em 2001. Assim, as formas léxicas não atestadas por esses dicionários se configurarão em neologismos e os conceituaremos segundo o contexto em que foram produzidos tendo como base as abonações.

Para efeito do presente trabalho, as formas léxicas, não atestadas pelos dicionários mencionados acima, opor-se-ão às formas atestadas e, por conseguinte, entendidas como neologismos que compreendem unidades léxicas tidas como novas ou um sentido novo de uma unidade já existente. Feito isso, será montado um glossário com os vocábulos neológicos criados por Sousândrade.

Assim, para dar forma e prosseguimento ao nosso trabalho, delinearemos nos itens subseqüentes uma breve descrição da estrutura e as diretrizes dessa dissertação. Inicialmente apresentaremos a justificativa, os objetivos, a hipótese, a fundamentação teórica, a metodologia e a forma de organização do trabalho.

1.2 Justificativa

Este projeto se justifica pelo fato de que identificar a presença de neologismos, nos meios de comunicação e na literatura, contribui para o enriquecimento do acervo lexical de qualquer língua. Sabe-se que a língua é a maior riqueza de toda uma comunidade lingüística e aos membros dessa sociedade é dado o direito da criatividade léxica. A criação de um glossário de neologismos literários perpetuará tais criações léxicas, mantendo vivos registros e idéias que retratam toda uma época.

Ainda, em relação à inserção do neologismo no dicionário, acreditamos ser relevante suscitar a importância do registro do novo vocábulo no sistema lingüístico já que o desenvolvimento da língua depende dessas criações. Os neologismos, uma vez incorporados ao acervo de um dicionário padrão, ou até mesmo a algum tipo de glossário, tendem a perdurar, pois o registro escrito documenta esses lexemas e os transmite às gerações futuras.

A pesquisa ainda se justifica pelo fato das obras escolhidas terem sido pouco pesquisadas, sobretudo no que se refere ao aspecto lingüístico, principalmente àqueles estudos que se relacionam às criações neológicas. Assim, esperamos que este trabalho proporcione uma contribuição no esclarecimento de sentido dos vocábulos inusitados produzidos por Sousândrade nas referidas obras, servindo como um material de apoio para os estudiosos e tradutores da obra sousandradina.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral:

Esta pesquisa tem como principal objetivo a elaboração de um glossário dos neologismos criados por Sousândrade nas obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de Ouro’ (1889/1899) a fim de demonstrar que o léxico deste autor explicita a presença de criações lexicais.

1.3.2 Objetivos específicos:

- a) Levantar, nas obras escolhidas de Sousândrade, o vocabulário neológico.
- b) Analisar e conceituar, conforme o contexto fornecido pelas abonações, os neologismos encontrados nas referidas obras.
- c) Construir um glossário contendo neologismos encontrados nas obras: ‘Harpas Selvagens’ e ‘Harpa de Ouro’, de Sousândrade.

1.4 HIPÓTESE

Sousândrade, nascido no Maranhão, em pleno século XIX, produziu uma obra que em crítica moderna pode ser recebida como uma virtuosa contribuição de relevo estilístico. Suas inovações são consideradas como precursoras das insurreições gramaticais modernistas. Assim, a nossa principal hipótese é de que o vocabulário manuseado por Sousândrade em suas obras: Harpas Selvagens (1857) e Harpa de Ouro (1889/1899) podem conter inúmeros neologismos literários, evidenciando, assim, a capacidade criadora do poeta. A pertinência desse pensamento está embasada em alguns trabalhos que investigaram a produção literária

desse autor que, apesar de poucos, evidenciaram a expressiva criatividade e irreverência desse poeta maranhense.

Nossa hipótese, também, parte do pressuposto de que o vocabulário sousandradino pode conter neologismos: formais e semânticos. E, ainda, que a criação de neologismos formados pelo processo de composição se apresenta em maior número, e com significativa frequência a partir das últimas obras produzidas por Sousândrade.

Nesse contexto, partindo do pressuposto que o contexto sócio-histórico-cultural reflete e influencia o léxico do falante, então, assumimos, também, como hipótese que o léxico utilizado por esse autor exprime muito de sua ideologia e dos acontecimentos da época vivida por ele. Assim, experiências de vida do autor podem apresentar-se espelhadas em suas criações léxicas.

1.5 Embasamento teórico

Nosso trabalho sobre os neologismos encontrados nas obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de Ouro’ (1889/1899) de Sousândrade, partindo do objetivo fundamental de montar um glossário dessas lexias neológicas, seguirá os fundamentos teóricos da Linguística em suas subáreas: Lexicologia e Lexicografia em estreita conexão com a informática. É perceptível, contudo, que há uma fechada e restrita literatura produzida em torno da área de estudos sobre o neologismo, sobretudo, o literário. Há, porém, uma literatura na qual cada autor expõe conceitos numa linguagem acessível contribuindo para aclarar questões relevantes sobre a unidade neológica.

O fenômeno neológico que sempre se opôs a um enquadramento mais rigoroso, deveu-se também à própria complexidade em que se apresenta. O neologismo é uma forma aberta às

interpretações e projeta efeitos no receptor. Por isso, está presente não só na arte literária, mas em todos os campos de interesse do homem. Assim, a linha de interesse do usuário da língua na criação do neologismo é bastante grande, pois, os neologismos estão ligados a todas as inovações nos diversos ramos de atividade humana.

Avista disso, num primeiro momento, em nosso trabalho, teceremos informações sobre Sousândrade demonstrando que sua criatividade o lançou fora e à frente de seu tempo e o colocou à margem da literatura. Para isso, traremos informações sobre o estilo criador desse poeta, sobretudo, no campo da criação lexical. A construção do texto sobre o autor pesquisado tem como fonte: Williams (1976); Campos (2002) e Williams e Moraes (2003).

Quase clandestino, Sousândrade sempre obteve críticas de exceção, pois fugiu à regra geral dos literatos contemporâneos. Viveu, assim, na opacidade e no repúdio da crítica e da sociedade para retornar muito depois, ainda, meio opaco, incomum, anormal, audacioso, causando perplexidade. A obra de Sousândrade impõe o reexame, análises acuradas e, sobretudo, requer uma análise no campo do léxico, já que se trata de um templário de criações lexicais.

Diante disso, tendo em vista a importância da criação neológica para o desenvolvimento de qualquer língua, debruçar-nos-emos na definição de neologismos para realização desta pesquisa. Neste contexto, num segundo momento, para refletir sobre as definições, tomaremos como embasamento teórico autores como: Guilbert (1975); Rey (1976); Boulanger (1979); Barbosa (1981 e 2000) e Sablayrolles (1996) que reforçam a necessidade de criação de novos vocábulos para a língua viva e apresentam teorias que distinguem os neologismos entre formais e semânticos, e atestados e não atestados. Assim, vão corroborar com a nossa pesquisa, inclusive abrindo o enfoque para o neologismo literário, denominado segundo Guilbert de neologia estilística, configurando-se como base de nossa análise.

Nesse contexto, sabe-se que os dicionários, glossários e vocabulários constituem uma organização sistemática ou ao menos uma tentativa de descrição do léxico. Desse ponto de vista, trata-se de produtos culturais direcionado ao consumo do grande público, apesar de que o dicionário é um produto de ordem comercial, ao contrário das demais obras lexicográficas. Importante mencionar que o dicionário, em si, recolhe o tesouro lexical da língua num dado momento da história de um grupo social, mas a sua feitura deve compreender os valores políticos, históricos e sociais. Por isso, o lexicógrafo deve ter como finalidade a compreensão do todo léxico e o modo pelo qual a comunidade lingüística tem incorporado os regulamentos de criação e expansão desse léxico e de acordo com cada ideologia e sob cada lógica.

Assim, em relação às outras obras lexicográficas, apresentaremos informações sobre o glossário de forma específica. Para isso, evidenciaremos sua organização a partir da micro e macroestrutura, buscando embasamento teórico em Haensch (1982) e Barbosa (1995) os quais esclarecem que o glossário se trata de uma tipologia específica do discurso manifestado em um texto escrito.

Do material lido, levantaremos os contextos que constituem o *corpus* do trabalho em questão, donde relacionaremos todos os neologismos encontrados, a fim de analisá-los de acordo com suas respectivas abonações respeitando sempre o contexto em que foram produzidos.

1.6 Metodologia

Neste item, demonstraremos os principais passos seguidos para a execução dos objetivos por nós propostos neste trabalho.

Os procedimentos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento dessa pesquisa foi o da pesquisa teórica ou bibliográfica, em que foram tratados conceitos envolvendo neologismo, montagem de glossários, arrolando os teóricos mais relevantes para o desenvolvimento do nosso projeto. Assim, a elaboração do glossário obedeceu sete etapas aqui relacionadas:

- 1) Escolha do autor e as respectivas obras literárias a serem pesquisadas;
- 2) Pesquisa bibliográfica e definição de critérios de verificação sobre o estatuto neológico e identificação das palavras a serem incluídas no glossário, além da escolha dos dicionários para tal verificação;
- 3) Utilização do programa *folio VIEWS* para separar as obras literárias em palavras, a fim de verificar o número de ocorrências e abonações;
- 4) Levantamento das palavras neológicas (as não atestadas nos dicionários escolhidos);
- 5) Definição de critérios e pesquisa bibliográfica sobre a definição e formatação de glossários;
- 6) Análise e definição de acordo com as abonações para cada neologismo encontrado;
- 7) Montagem do glossário com os neologismos encontrados na obra sousandradina;

Sendo o glossário uma forma de documentar os lexemas em determinado texto manifestado, também, pode ser fonte de constatação de existência ou não de novas palavras no léxico. No entanto, para esta pesquisa utilizamos como critério para se chegar aos neologismos presentes nas obras literárias alguns dicionários de língua com a finalidade de inventariar os lexemas, neles, não atestados, para montarmos, nesse caso, o glossário dos neologismos criados por Sousândrade. Para isso, fizemos um levantamento dos neologismos presentes nas obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de Ouro’ (1889/1899) de Sousândrade para a elaboração do glossário contendo os neologismos semânticos e formais.

Assim, temos como *corpus* de exclusão alguns dicionários representativos da língua portuguesa que serão usados para eliminar dúvidas quanto a ser ou não forma neológica.

Como critério de escolha do *corpus* de exclusão, foram selecionados dicionários produzidos num período que abarcou certa época anterior à produção das obras, outro do período em que a obra foi produzida e outro de publicação atual. Isso, para que pudéssemos conferir o valor neológico das palavras não atestadas encontradas nas obras literárias a serem pesquisadas. Assim, os dicionários foram criteriosamente escolhidos tendo em vista as datas de edição, a saber: ‘Dicionário da Língua Portuguesa’ de Antonio Moraes Silva, editado em 1813, (editado antes das edições das obras literárias a serem analisadas), o ‘Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa’, de Francisco Caldas Aulete, de 1881 (editado durante a produção das obras) e o ‘Dicionário *houaiss* da língua portuguesa’, de Antônio Houaiss, editado em 2001 (formato eletrônico). Importante ressaltar que embora tenhamos utilizado o dicionário de edição atual como *corpus* de exclusão, optamos por ele, também, para verificarmos se houve dicionarização desses neologismos. Para isso, o dicionário eletrônico *Houaiss*, publicado recentemente e considerado de grande circulação na nossa comunidade lingüística, funcionou como apoio.

Os mencionados dicionários serviram de parâmetros para a execução da pesquisa e seleção de neologismos extraídos das mencionadas obras literárias sousandradinas. Nesse caso, a apresentação de um novo sentido não registrado ou a não existência da lexia nos referidos dicionários, segundo nosso critério de análise, confirma a neologização.

A coleta de dados para a constituição do *corpus* foi feita por meio dos textos integrais publicados pela Editora Typographia Universal de Laermmert, que editou a 1ª edição de *Harpas Selvagens*, em 1857, no Rio de Janeiro. Já *Harpa de Ouro* é uma edição fac-símile dos manuscritos e textos apurados da obra editados pelas Edições AML, organizada por Frederick G. Willians e Jomar Moraes, em São Luís – Maranhão, em 2003. A busca pelas primeiras

edições teve como objetivo levantar todos os vocábulos de produção original sem atualizações que possam descaracterizar o engenho efetuado pelo poeta em suas obras. Pudemos vislumbrar, assim, a real criação do referido autor. De posse de tais obras, digitamo-las novamente, mantendo a escrita original com o intuito de lançá-las num programa de computador para selecionar as lexias de determinadas classes de palavras como: substantivos, adjetivos e verbos.

Assim, como instrumento de coleta de dados, utilizamos o programa de computador *Folio VIEWS 3.1*, com o qual desmembramos o material em palavras com suas respectivas abonações. Este permitiu-nos selecionar as palavras em ordem alfabética e dar o número de ocorrência das palavras, além de transferir o trecho abonatório para outro arquivo sem ter que digitá-lo novamente. Isso, para levantarmos os contextos que constituíram o *corpus* do trabalho em questão, donde relacionamos os neologismos caracterizados do ponto de vista formal e semântico.

Para a elaboração do glossário, depois de completado o estudo sobre a parte teórica, desenvolvemos as seguintes ações:

- a) digitação das duas obras literárias para fazer o desmembramento por meio do programa de computador;
- b) coleta de todos os substantivos, adjetivos e verbos;
- c) transposição de todas as abonações em seus respectivos lexemas para averiguação do sentido dado pelo autor;
- d) confronto de todos os lexemas levantados na obra com os três dicionários escolhidos como *corpus* de exclusão, para verificação das formas atestadas e não atestadas;
- e) seleção de todas as formas não atestadas com suas respectivas abonações;
- f) montagem de um quadro no qual registramos respectivamente a base lexical (quando existente), e as acepções tiradas de dois dos dicionários consultados. Nesse caso, apenas as

acepções dos dicionários de Moraes (1813) e do Caldas Aulete (1881) e as que estavam em consonância com o sentido proposto pelo texto ou que nos davam idéia do sentido proposto pelo autor foram registradas.

g) lançamento da palavra neológica, do número de ocorrências, das referidas abonações e das obras;

h) montagem das definições em consonância com as abonações para cada forma não atestada e conseqüentemente considerada neológica;

i) composição de um bloco de informações lingüísticas sobre o lexema considerado neológico em que especificamos a classificação do neologismo em semântico e formal. Nesse bloco, informamos também o contexto, a interpretação possível do verso ou da estrofe com finalidade de contextualizar, por vezes historicamente, a criação do autor e testar a influência do meio sócio-histórico-cultural na criação de palavras e na obra. Algumas vezes, o processo de formação neológica que gerou a palavra em questão foi mencionado, mas somente quando necessário para aclarar o sentido do vocábulo. Esse bloco de informações foi denominado de ‘notas lingüísticas’.

j) montagem do glossário, em ordem alfabética, composto por neologismos formais, semânticos e formais-semânticos.

A nomenclatura, advinda a partir da obra literária, segue os seguintes critérios:

Os neologismos entram na forma maiúscula e em negrito seguidas da classificação gramatical e do número de ocorrência.

Em relação à abonação, esta vem após a palavra de entrada trazendo a palavra contextualizada e, logo em seguida, a localização dela na obra, entre parênteses, compreendendo a abreviatura da obra e a indicação da página. Elas devem tomar uma oração completa, um sintagma ou mesmo uma estrofe para que o lexema possa ser esclarecido, e facilite a compreensão do consulente. Após isso, vem a explicitação do sentido possível do

neologismo e, ainda, notas a partir das definições, visando o esclarecimento lingüístico e contextual do neologismo.

1.7 Organização do trabalho

Para desenvolver nossa pesquisa, optamos pela divisão deste trabalho em quatro capítulos. No primeiro, a introdução. Nela, apresentamos a justificativa, os objetivos, hipóteses, o embasamento teórico, a metodologia com a coleta de dados e, por fim, delimitamos a organização do trabalho.

O segundo capítulo é composto por pesquisa sobre o autor, pois compreendemos a relevância desse tipo de pesquisa para aclarar o sentido dos neologismos nas obras e por entendermos que a criação lexical também se baseia na procura da expressividade. Nesse caso, o autor utiliza as palavras para traduzir sentimentos, emoções, idéias e ideais; envolvido por ideologias próprias ou não, influenciado por um meio sócio-histórico-cultural e ideológico em uma determinada época ou, apenas, para se expressar, chocar e entreter.

No que se refere à linguagem literária, os neologismos têm comportamentos distintos das demais áreas, e, por isso, o presente trabalho apresenta uma estrutura diversificada já na fundamentação teórica apresentada no terceiro capítulo. Nesse caso, num primeiro plano, dentro da literatura pesquisada, apresentamos os conceitos de neologia e neologismo segundo os autores que fundamentaram nossa investigação, bem como os tipos de novidade apresentados pelos neologismos de uma língua. Desse modo, tendo em vista, a importância da criação léxica para o desenvolvimento de qualquer língua, para a realização desta pesquisa tomamos como embasamento teórico autores como: Louis Guilbert (1975), Alain Rey (1976), Jean-Claude Boulanger (1979) Maria Aparecida Barbosa (1981) e Jean-François Sablayrolles (1996).

Nesse contexto, percebemos que o neologismo embora tenha chamado a atenção dos lingüistas, está longe de se enquadrar em conceitos rigorosos. Por isso, restringimo-nos a estudá-los quanto à noção de novidade fazendo referência aos mecanismos disponíveis para a criação de neologismos literários. Assim, trouxemos reflexões sobre a neologia em geral, enquanto fenômeno que afeta o léxico de uma língua e, em particular, sobre o neologismo literário, criado pela expressividade do autor.

Já no quarto capítulo, apresentamos o glossário em sua micro e macroestrutura, e analisamos o material recolhido.

Após, são apresentadas as considerações finais e, logo a seguir, as referências bibliográficas. Finalmente, como apêndice, construímos um índice das palavras neológicas criadas por Sousândrade, a fim de facilitar a busca pelo consulente.

CAPÍTULO: 2 – O pioneiro Sousândrade e suas contribuições no domínio das inovações do léxico: audácias que o projetaram para fora do seu tempo.

Para a construção do glossário a partir de neologismos extraídos das obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de ouro’ (1889/1899), de Sousândrade, torna-se necessária a busca por informações sobre o autor e sobre seu estilo, já que o contexto sócio-histórico-cultural reflete e influencia o léxico do falante. Nesse caso, tais informações podem contribuir para uma análise mais acurada e para a montagem das definições dos neologismos encontrados nessas obras.

Assim, neste capítulo, buscaremos apresentar informações biográficas do autor, contudo, pautar-nos-emos apenas nas informações elucidativas de seu estilo e que esclareçam a alta incidência dos efeitos obtidos por meio de suas criações lexicais inusitadas. Isso pelo fato de o interesse de nosso trabalho estar pautado exclusivamente no campo da criação lexical que envolve todo o trabalho de Sousândrade. Nessa parte do trabalho, apresentaremos, também, breves considerações sobre cada uma das obras analisadas a fim de ressaltar a temática de cada uma e suas principais características levando informações relevantes ao conhecimento o leitor. Começaremos pelo contexto que abrangeu a criação das obras.

Apesar de Joaquim de Sousa Andrade – Sousândrade (1832-1902), esteticamente, não ter se enquadrado no período literário em que viveu e ser um autor de estilo divergente e à frente de sua época, se partirmos da data de produção das obras analisadas, percebemos que ele viveu em plena era do Romantismo.

Sabe-se que o período romântico representou um tempo de grandes transformações para o Brasil, e que foi uma época de carência de evolução industrial. Dessa forma, o Romantismo representou a tendência de um povo que vinha de um colonialismo puro e que ainda mantinha colunas do poder agrário e uma monarquia conservadora apesar dos surtos

republicanos. Essa situação gerou temas representativos que circundaram aquele período, caracterizado como segunda geração romântica.

Temas como: amor, pátria, a natureza, religião, o povo, e o passado, afloraram por diversas vezes na poesia romântica e foram tematizados também na obra de Sousândrade, principalmente, temas relativos à pátria. Outros temas, bastante recorrentes desde a primeira obra publicada ‘Harpas Selvagens’ de 1857, os quais, segundo Williams (1976), podem ser considerados como prediletos são: as saudades da terra natal, as aventuras amorosas desastrosas e as belezas da natureza sempre comparadas a alguma mulher amada. Trata-se de temas basicamente românticos que sempre se relacionam com as vivências do poeta, traduzindo-se, assim, num certo subjetivismo biográfico, característica bem marcante da obra de Sousândrade.

Adicionalmente, tal biografia abre a possibilidade de um olhar mais detido para um ‘americanismo sousandradino’ um dos aspectos mais marcantes e menos estudados da obra desse autor. O amor desse poeta pela América, como um todo, é bastante aparente em sua obra ‘Harpa de Ouro’, publicada postumamente. Enquanto a maioria dos autores brasileiros de sua época não conseguia estabelecer relação com o exterior senão como extensão e prolongamento das tendências européias, Sousândrade, que manifesta um acentuado amor ao Brasil e ao Maranhão, observou a situação e elegeu como pátria toda a América, unida por seu ideário de liberdade.

Nesse contexto, a originalidade do trabalho desse autor está na extraordinária visão das Américas, desde os tempos pré-colombianos, pois tinha amplo conhecimento da cultura que regia aqueles povos. Ele detinha um vasto conhecimento de vários idiomas adquiridos por meio das inúmeras e variadas viagens realizadas em diversos lugares do planeta, além do amplo conhecimento de história, mitologia, filosofia, literatura e várias outras áreas de conhecimento consideradas como ciência daquela época.

Sousândrade foi novidade em uma época em que os poetas brasileiros seguiam o caminho dos moldes acadêmicos num contexto fechado e provinciano. Este poeta fez inúmeras viagens à Europa e viveu bastante tempo nos Estados Unidos e, por isso, pôde conhecer de perto o mundo diferenciado da ascensão industrial e capitalista, das concentrações urbanas de cidades como Nova Iorque, além de conviver com a democracia da competição e do dinheiro. Dessa experiência, surgiu-lhe o desejo e a utopia da República livre e comunitária que conservasse certa inocência, diferente das competições por dinheiro que testemunhou em suas viagens. Ele foi, então, testemunha das mudanças que ocorreram após a Guerra da Secessão (1861-65), sendo contemporâneo da expansão industrial norte-americana e dos escândalos financeiros que marcaram aquele país. Sua presença *in loco* foi fundamental para a matéria prima que recolheu em sua obra. Seu retorno ao Brasil, contudo, coincidiu com sua ruína financeira.

Sousândrade viveu em uma época conturbada em que a burguesia marginalizou e neutralizou alguns grandes escritores que se diziam contra a ideologia capitalista que se especulava naquele tempo. De origem da elite latifundiária, este poeta desde cedo se rebelava contra a condição desumana em que o escravo era tratado e já preconizava a República que segundo ele “República é menina bonita/ diamante incorruptível” HO.

Segundo Willians e Moraes (2003) a obra ‘Harpa de Ouro’ é tida como a canção republicana de Sousândrade que saúda o novo sistema de governo, com o qual o poeta já sonhava há muitos anos. Contudo, apesar de ser uma louvação, também nessa obra, ele faz graves acusações criticando os problemas que se acirravam na aplicação desse regime no Brasil. A princípio, a obra ‘Harpa de Ouro’ seria uma declaração de amor à princesa Isabel: “Acordar! Não entr’isteças/ Ao esplendor de tanta luz!/ Sou o ideal em que pensas/ - Oiço Isabel ou Jesus”. Entretanto, os temas do sonho republicano e da abolição da escravatura prevaleceram na maior parte da obra.

Já a obra ‘Harpas Selvagens’ (1857), o livro de estréia de Sousândrade, é considerada a mais bem realizada sob um ponto de vista técnico. Revelador de fortes características românticas, esta obra traduz grande beleza plástica e apresenta uma variedade temática abordando filosofia, religião, viagens, escravidão, além de descrever cenas lúgubres e até macabras. Tem-se também o mar, a morte, a sombra, a noite, a saudade e desespero, amor erótico, como outros temas que são marcantes nessa obra cuja temática se apresenta sempre num tom bucólico contextualizado num ambiente de solidão, desespero e sofrimento: “E dum lado o demônio e o anjo doutro/ E eu no meio, minh alma despedaçam/ (...) Cândidas salva-me: o demônio embora/ Me persiga mostrando-me os meus dias/ Como são desgraçados... porém, antes/ Falaz espe’rança, que a descrença eterna”.

Diacronicamente, o brasileiro, ante a recente independência, proclamada em 1822, ansiava por uma resposta à pergunta sobre sua origem. Diante de uma sociedade desestruturada, carente e necessitada de uma identidade própria surge, então, Sousândrade, numa época em que uma pequena e privilegiada elite do Maranhão vivia um bem-estar material buscando sempre nos modelos europeus as bases de criação dos filhos. Era comum entre a elite formar seus filhos em universidades estrangeiras, como ocorreu com Sousândrade.

Todavia, este cenário engendrou, por outro lado, o surgimento de um escritor crítico, lúcido, ativo, antecipador das formas da poesia moderna, mas marginalizado. E toda essa experiência o colocou a frente dos outros poetas daquela época, pois lhe abriu vastíssimos horizontes possibilitando criação de obras inovadoras e irreverentes, distintas de toda a poesia brasileira do século XIX. Assim, criou obras recheadas com palavras formadas de diferentes processos de composição, arranjos sonoros incomuns, palavras plurilingüísticas, além de agressivos conjuntos verbais e até inusitadas montagens sintáticas. Por tudo isso, segundo

Bosi (2001, p. 126) “o poeta não podia ser assimilado no seu tempo e, de fato, não o foi...”. Sousândrade preferiu não seguir os moldes acadêmicos que a tradição romântica legara.

Sousândrade criou obras representativas de sua ideologia frente àquela sociedade especuladora e capitalista que era representada pela burguesia triunfante e, por isso, traz arraigado e manifestado em todo seu trabalho muito de sua história, de seu tempo e de seu ponto de vista. Sendo assim, é indiscutível a riqueza literária, histórica e cultural dessas obras e o que elas representam para a arte brasileira, todavia trabalharemos no campo lexical, sobretudo no que tange à criação neológica.

Ao analisar a estilística sousandradina, na área pertinente ao léxico percebe-se que há uma inusitada forma de conceber a sonoridade em seus poemas, e ainda utilização de ousadas invenções vocabulares, principalmente na criação de palavras compostas. Trata-se de uma obra em que a criação de neologismos e associação de palavras é freqüente, em uma constante busca de novas formas de expressão. Segundo os irmãos Campos (2002)

O léxico de Sousândrade chama logo a atenção, pela alta incidência e pelo inusitado dos efeitos obtidos, um procedimento morfológico: a composição de palavras. (...) Trata-se, pois, na microestética, de uma constante sousandradina (CAMPOS, 2002, p. 107).

Na maioria das vezes, o fato de implementar em suas obras valores típicos de seu estilo e conhecimentos de língua, idiomas e culturas diversas levou o autor a criar novos vocábulos ou dar novos significados à palavras já existentes no léxico português. Mas, foi no campo da criação lexical, e especificamente, usando o processo de composição de palavras que surge o diferencial deste poeta. Assim, Sousândrade além de montar anagramas com palavras estrangeiras e portuguesas ainda misturou o léxico de outros idiomas com o nosso, fazendo jogos sonoros e também dando formas e sentidos diferenciados ao juntar partes de palavras estrangeiras entre si ou com outra parte de palavra portuguesa. Ou seja, ele antecipou, com sua riqueza lingüística e imagética, a poesia 'participante' que se faria no

século 20. O poeta recorreu a várias línguas, entre vivas e mortas, para captar os efeitos de sentido inusitados de suas criações neológicas. Sua poética não só perpetua o espírito libertário e revolucionário do movimento romântico, como também pode ser incluída num Romantismo forte e contestador. A partir desse romantismo racional, a poética de Sousândrade pode ser compreendida como precursora da modernidade.

Assim, podemos perceber que muito da criatividade de Sousândrade, inclusive os compostos criados por ele surgem como projeção da linha imagista do poeta e brotam a partir do seu vasto conhecimento da estrutura da língua em vários idiomas. Ou seja, há um encontro de vários planos semânticos que, ao invés de se desdobrarem um de cada vez, fundem-se em um único signo. Contudo, ele parte de construções lexicalizadas ou semilexicalizadas. Diríamos com os irmãos Campos (2002) que apenas a inversão de termos determinantes em relação aos determinados já é um fator de perturbação da norma lingüística como na palavra ‘doce-elétrica’, por exemplo: “(Todos) olhando os céus de ti/ Luz doce-elétrica irradiando...” (HO p.434). Outras vezes, são os anagramas produzidos pelo poeta em sua estilística que causa perturbação e refletem a microestrutura léxica desse autor. Em ‘Harpas de Ouro’ ele fala do Brasil como se fosse um navio, segundo Jomar Moraes (2003, p. 424), navio era uma alegoria comum nos Estados Unidos. Então ele cria o anagrama (navio/noiva): “E do navio no anagrama/ Co’a noiva estou... vendo navios”. (HO, p.436).

Sousândrade criou compostos e inúmeras palavras neológicas em toda sua obra, contudo, tais criações teve um aumento bastante significativo nas últimas obras produzidas por ele. Diante disso, não podemos, contudo, perceber o aumento de tais criações como se fosse apenas excentricidade do poeta haja vista as criações de Sousândrade ter sempre função expressiva. Por isso, os irmãos Campos (2003) advertem que

Deve-se assinalar que esses compostos não atuam como meras extravagâncias, mas têm função expressiva no contexto respectivo, correspondendo geralmente a momentos de especial intensidade criativa na poética sousandradina (CAMPOS, 2002, p. 110).

Assim, em relação à estilística de Sousândrade, verificamos, em consonância com a teoria citada pela obra acima, que o poeta aciona a linguagem utilizando inúmeras potencialidades da língua. Por isso, é fácil encontrar em sua obra características de diversas tendências estéticas como: Barroco, Neoclassicismo, Romantismo, Simbolismo, Realismo, Parnasianismo e, inclusive, tendências modernas. Nesse caso, a obra sousandradina é recheada de palavras arcaicas, atuais, estrangeiras, palavras novas originadas de línguas vivas e/ou mortas, inclusive palavras que fundem dois idiomas como na palavra *wifezita*. Nesta palavra, o poeta funde um substantivo da língua inglesa – *Wife* – com um sufixo indicador de diminutivo do Português – *zita* apresentando a idéia de “esposinha” termo criado para caracterizar carinhosamente a República, então, recentemente proclamada.

Na jacarândeia árvor da vida
Trepá; eu desenho o resplendor
D’Wifezita Syke-Hamadryada
Que atira flores no pintor
- Vem ver o fiel quadro, querida -
“*Nonsenses fruit I give you for*” (SOUSÂNDRADE, 1888, p. 436)

Os irmãos Campos (2002) esclarecem que Sousândrade substitui as partes fracas ou gastas da língua fazendo nominalizações de adjetivos, introjetando substantivos no centro de ações verbais. Tal procedimento rompe o fluxo das convenções da norma criando as denominadas ‘palavas-ilhas’ ou ‘palavras-coisas’, como se fosse blocos autônomos. Tudo isso carregado de sentido e possibilidades de interpretação, pois a informação, trazida por esses blocos, transcende a semântica, além de ser imprevisível causando inúmeras surpresas nas ordenações dos signos. Segundo os irmãos Campos (2002), a linguagem sousandradina

apresenta níveis estilísticos vários, uma linguagem sincrética por excelência, abrindo-se num verdadeiro feixe de dicções, que tanto vai se alimentar nos clássicos da língua, quanto se projeta em invenções premonitórias do futuro da poesia (CAMPOS, 2002, p. 32).

Nesse caso, os irmãos Campos, estudiosos da obra sousandradina, ainda esclarecem que o barroquismo é uma das grandes linhas que se pode discernir na obra desse poeta. Contudo, não se trata do estilo barroco histórico, mas num estilo abstrato que se manifesta nos cultismos léxicos e sintáticos (palavras raras e arcaizantes, neologismos, hibridismos, hipérbatos, elipses violentas, elusões e alusões etc.) num arrojado processo metafórico, na recarga de figuras retóricas, na tessitura sonora que incorpora as onomatopéias e a dissonância, na importação constante de recursos sintáticos e morfológicos de extração estrangeira, além de interpolações idiomáticas que vão beber em outras fontes como o tupi, o quíchua, o espanhol, o italiano, o holandês. Assim, corroborando com nosso pressuposto de que Sousândrade apresenta em sua obra um subjetivismo biográfico, os irmãos Campos (2002, p. 33) acrescentam que o poeta maranhense possuía arrosos formais que tinham um lastro emocional em sua vida acidentada e peregrinante, e um lastro intelectual na sua experiência de civilizações variadas e na sua vasta e multilingüe área de leitura, o que se configura bastante perceptível em toda extensão da obra sousandradina, inclusive nas primeiras publicações.

Augusto e Haroldo de Campos (2002), ainda, assinalam nessa referida obra, que sob uma análise mais detida dos compostos e dos contextos onde opera, Sousândrade recorreu a processos formais extraídos de línguas estrangeiras, principalmente do Inglês. Nesse caso, ele se aproxima de línguas isolantes como o chinês que tende à criação de palavras compostas, já que constituem em unidades mais complexas, e cria em parte, um novo e único organismo verbal ou nominal. Esses autores enfatizam que essas observações derivam do fato de que o chinês é uma linguagem relacional, não flexionada e possui a estrutura baseada na ordem das palavras. Assim, o Inglês também tem sido comparado nesse aspecto como o Chinês. Os irmãos Campos (2002) afirmam que no Chinês a posição do vocábulo na frase pode determinar a classe gramatical dos vocábulos, isso sem necessidade de morfemas especiais,

ou seja, nessa língua, a ordem das palavras se traduz em morfemas: sol + lua = brilho, copo sol + lua = o copo brilha; sol + lua copo = copo brilhante. Já no Inglês, com certa semelhança, temos: Mountain wheat = trigo da montanha, literalmente: montanha trigo. Nesse caso, os substantivos funcionam como adjetivos, mediante a simples anteposição na frase. Estas são construções que facilmente, segundo os Campos, se convertem em compostos e se lexicalizam. Nessa perspectiva, os irmãos Campos concluem que

Sousândrade, além de se inspirar, em muitas de suas criações, em processos morfológicos desta índole: terra-amor (amor terreno ou telúrico); lança mão de uma sintaxe típica de línguas isolantes ao manipular seus compostos dentro dos contextos respectivos “copos cristal-diamantes” (com dois substantivos justapostos em função adjetiva) é a sua construção para copos cristalinos-adamantinos (CAMPOS, 2002, p. 111).

Essas colocações de Haroldo e Augusto de Campos, considerados grandes estudiosos da obra desse poeta, levam-nos a crer que Sousândrade, conhecedor e estudioso de vários idiomas que era, pôde realmente ter utilizado em suas criações neológicas esse conhecimento das estruturas de formação de palavras de outros idiomas e também do Português. Ele frequentemente usa anteposições, traz compostos verbais com substantivos ou adjetivos antepostos ao verbo agindo como um prefixo radical completando a ação verbal e/ou adjetivando, forjando assim, neologismos verbais com bases de substantivos ou adjetivos verbificados, como no verso: “Sinto o coração livre-abrindo” (HO p. 430). Também cria neologismos forjados de nomes próprios: Izabelzinha, Zeus-trovador.

É notório, entretanto, que a obra ‘Harpa de Ouro’ apresenta muitos versos recheados de palavras, expressões e até compostos em outros idiomas. O Inglês é o que prevalece, contudo, é perceptível uma grande utilização do Grego Clássico. Segundo os irmãos Campos (2002, p. 113) “Sousândrade era helenista e latinista exímio, na grande tradição humanista maranhense de um Odorico Mendes, do qual certamente conhecia as traduções de Virgílio e Homero”.

Importante ressaltar, todavia, que várias fabricações de palavras e/ou compostos neológicos de Sousândrade não decorrem de nenhuma importação ou aclimação de processos morfológicos de outras línguas, surgem do sintetismo, redução ou ampliação semântica, e cadeias metafóricas resumidas em um, dois, três ou mais palavras ou expressões justapostas e até aglutinadas em uma única palavra-ilha. Essas criações apresentam novas combinações de palavras existentes, em algumas vezes contrações de novas combinações de metáforas demonstrando uma imagética resultante da expressividade desse autor. Ele junta, aglutina, justapõe as classes de palavras simultaneamente num mesmo impulso como se quisesse dizê-las de uma única vez. Nesse caso, blocos de sintagmas são reduzidos a uma só unidade, o que permite a Sousândrade fundir numa imagem complexa toda uma série de ações ou estados.

Diante disso, percebemos que Sousândrade consegue elevar a tensão estrutural e semântica de sua poesia a níveis raramente atingidos entre os poetas. Possuidor de sensibilidade moderna, esse poeta apresenta, de um ponto de vista estético e estilístico, um alto teor de criatividade que até a atualidade é tido como sem paralelo entre seus contemporâneos brasileiros. Assim, a obra de Sousândrade marca a independência da literatura brasileira em plena era romântica, o que ocorreria apenas no século seguinte com os modernistas. Por isso, como já mencionamos, ele é considerado um dos precursores do modernismo brasileiro.

Sendo a criação lexical sousandradina base de nossa pesquisa, no próximo capítulo desse trabalho, traremos estudos sobre o neologismo, apresentando-o como fator representativo da expansão do léxico e, ainda, autores que fundamentaram teoricamente as reflexões sobre esse tema, demonstrando os pontos de vista, conceituações e divergências entre esses estudiosos da língua.

CAPÍTULO: 3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA - Neologia lexical: um panorama entre o neologismo, a novidade e o neologismo literário.

O neologismo, de uma forma mais geral, é definido como sendo uma palavra ou expressão nova, ou como uma palavra antiga com um sentido novo. Contudo, o conceito de neologismo tem chamando a atenção de alguns estudiosos, pois, apesar de parecer claro e simples nem sempre se consegue chegar a um consenso ao se debruçar sobre a noção de neologismo, já que há, todavia, pontos de vista diferenciados.

Neste capítulo, arrolaremos reflexões de vários lingüistas sobre o fenômeno neológico que se apresenta carente no que se refere a uma definição mais precisa. Apontaremos também reflexões sobre o neologismo como novidade e seus processos de criação, e a sua condição de atestados e não atestados e, sobretudo, os formados por composição os quais são parte fundamental desta pesquisa haja vista o estilo sousandradino de privilegiar a composição como processo de formação de palavras. Assim, deter-nos-emos nos processos de criação neológica, mas destacaremos, também, as reflexões sobre o neologismo literário, já que no discurso literário o neologismo está ligado a uma situação específica de discurso.

Tendo em vista a importância da criação léxica para o desenvolvimento de qualquer língua, e, na tentativa de aclarar algumas questões sobre o neologismo, tomamos como embasamento teórico lingüistas que contribuíram enormemente para a construção de uma teoria sobre esse assunto, salientando: Guilbert (1975), Rey (1976), Boulanger (1979), Barbosa (1981; 2000) e Sablayrolles (1996).

O lingüista Louis Guilbert (1975), possivelmente, um dos precursores dos estudos sobre o fenômeno neológico, apresenta tipos de processos geradores da neologia lexical, inclusive o processo gerador do neologismo literário e, também, uma definição bastante consistente para os neologismos semânticos.

Diríamos com Guilbert que todo ser humano tem uma realidade a exprimir. Logo, devido à necessidade de compartilhar experiências, cada pessoa traz consigo um mundo interior que está sujeito ao enriquecimento, generalizações e exposto a trocas de experiências em contextos de comunicação. Assim, Guilbert (1975) ressalta que a realidade a exprimir de cada pessoa demonstra tanto a realidade objetiva do mundo exterior, quanto o que se produz de atividade criativa dos homens, além da experiência específica de cada membro da comunidade em relação ao mundo exterior. Nesse caso, o movimento, a evolução, a transformação, a renovação que esta realidade suscita requer o surgimento de novos signos lingüísticos.

Se a realidade do ser humano está em constante transformação, a linguagem tende a acompanhá-la. Se a realidade em que o falante se insere abrange áreas de conhecimento, inclusive as reações psicológicas inerentes a cada ser que se encontra em constante evolução e mutação, a mudança no léxico se faz necessária, já que a cada lexema criado, ou transformado, representa a evolução da língua viva que deve assegurar a sua continuidade. Tendo em vista o processo de expansão da língua, a criação de novos signos deverá acompanhar esse processo como um desenvolvimento inerente e necessário à comunidade lingüística.

Atualmente, podemos vislumbrar os processos de criação lexical designados por esse lingüista em todos os ramos em que o neologismo aparece, pois, tais processos abarcam a neologia fonológica, sintagmática, semântica e por empréstimo. Nesse caso, segundo esse autor, o neologismo surge a partir de elementos de significação que chamamos de semas ou quando os traços de significação se reagrupam no limite da palavra-signo. Assim, com o conjunto constituído, se mantém ou se desloca para dar nascimento a traços mais complexos. Pudemos perceber, por meio dessa teoria, que o neologismo surge a partir da movimentação, deslocamento dos traços sêmicos para constituírem as novas significações e ainda que a

substância significante utiliza uma base lexical preexistente. Igualmente, verificamos que a neologia semântica, segundo Guilbert, se define por essa possibilidade de combinação de semas. Surge aí, no nosso ponto de vista, uma melhor e mais detalhada conceituação para os neologismos já que é fundamentada numa transição de semas e incluem ganhos e/ou perdas de sentidos além de estar envolvidos nos processos geradores de neologia propostos por ele.

Aqui, importa ressaltar a definição de neologia proposta por Guilbert (1975). Ele conceitua a neologia lexical como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em consequência das regras de produção incluídas em um sistema lexical. Assim, com base nesta definição, Guilbert (1975, p. 41) estabelece quatro tipos de neologia, considerada por nós como relevantes para nossa reflexão, sobretudo, no que se refere à neologia estilística ou literária. Segundo esse lingüista, a definição de neologia se diferencia em quatro tipos de criatividade lexical que são: neologia denominativa, neologia estilística, neologia da língua e poder gerador de certos elementos constituintes. Para ele, a primeira forma se baseia na necessidade de denominar novos objetos ou processos próprios da linguagem, este tipo é próprio da linguagem científica, logo a neologia estilística se configura na busca da expressividade para traduzir idéias não originais de maneira nova, este tipo é próprio dos escritores. A terceira forma aparece freqüentemente na fala coloquial, já o quarto tipo aparece por palavras conhecidas e formantes, mas que ainda se mostra como novidade. Contudo, dentre todas as formas neológicas apresentadas por este autor, a neologia estilística é a que nos causa maior interesse haja vista o *corpus* de nossa pesquisa ser uma obra literária. Nesses termos, seguindo uma tipologia lexicográfica, montamos um glossário dos neologismos literários presentes na obra de Sousândrade, já que, na obra desse autor, aparecem traços característicos de criação neológica literária.

A neologia estilística apresenta um modo de criação lexical que busca a palavra escrita para exprimir idéias de maneira nova, incomuns e manifestar certa individualidade conquistando, assim, a liberdade de expressão.

Segundo Guilbert (1975):

existe outra forma de criação lexical fundada na pesquisa da expressividade da palavra, nela mesma ou na frase para traduzir idéias não originais de uma maneira nova, para exprimir de uma forma inédita uma certa visão pessoal do mundo (GUILBERT, 1975, p. 41)¹.

A fala poética traduz essa forma de criação proposta por Guilbert. Desse modo, os autores de obras literárias produzem uma matéria lingüística nova e apresentam uma significação diferente da cotidiana, já que esta ação está ligada à originalidade e individualidade do falante-poeta que tem conquistado grande liberdade de expressão.

Nestes termos, Guilbert (1975) assegura que o texto literário é ao mesmo tempo ato de criação lingüística e de expressão puramente pessoal traduzindo certa prática social da arte literária. Assim, os neologismos literários vão surgindo a partir dessa produção literária, dependendo sempre da categoria estabelecida pela sociedade, com críticas e regras estéticas e ideológicas. Depois de certa inserção e difusão em meio ao público leitor, o neologismo literário aparece mediado pelos padrões econômicos, sociais, próprios do mercado em si.

Então, neologismo literário é definido, por esse autor, por meio de toda atividade verbal que dá lugar a um texto escrito. Diante disso, percebemos que essa definição engloba todas as formas novas que aparecerem na literatura e até nos meios de comunicação de massa. Contudo, para o escritor, criador do neologismo literário, o leitor se torna um ser mais presente com o qual se pode tomar liberdade, procurando produzir efeitos no ato de comunicação, ao invés de aprofundar nas regras das estruturas mais comumente produtivas ou

¹ Texto original: “Il existe une autre forme de création lexicale fondée sur la recherche de l’expressivité du mot en lui-même ou de la phrase par le mot pour traduire des idées non originales d’une manière nouvelle, pour exprimer d’une façon inédite une certaine vision personnelle du monde”.

nas palavras já adaptadas. Por isso, tais criações são freqüentemente passageiras e dificilmente se inserem no léxico do falante-leitor.

Entretanto, Guilbert (1975) ressalta que os neologismos literários merecem ser vistos como demonstração de uma dentre as inúmeras possibilidades da criatividade lexical, já que o papel da literatura é bastante importante para a difusão da cultura. Desse modo, as criações léxicas produzidas nas obras literárias pelos autores devem ser percebidas como criações de autor e não de língua e não deve ser tomada como monopólio do escritor. A partir desse fato, percebe-se que o neologismo literário, embora seja desejado e pessoal, é destinado a chamar a atenção do leitor, chocá-lo, entretê-lo, além de causar sensações, entretanto, está exposto à lei da difusão e da aceitabilidade no contexto de uso. No entanto, esse mesmo neologismo pode se tornar parte do léxico de uma comunidade lingüística, pois uma vez aceito pelo público ele pode ser perenizado passando a elencar o vocabulário dos falantes dessa comunidade.

Nessa dimensão, percebemos que os traços característicos da criação neológica literária, freqüentemente, encontram-se às margens da norma lingüística, principalmente no que tange à derivação e a composição. Todavia, o sistema deve reger essas mudanças para que ocorra uma melhor compreensão e aceitação por parte dos leitores.

Resumindo, para esse lingüista, o neologismo, de um modo geral, surge pelas novas relações entre significante e significado tendo a finalidade de continuar referenciando as coisas, as novas criações e os novos pensamentos. Assim, o neologismo responde à necessidade do ser humano de acompanhar, pelo conhecimento e pela linguagem, os ritmos de evolução do mundo e à necessidade de comunicação de toda nova experiência.

Já o neologismo literário, de forma mais específica, além de abarcar essa teoria das novas relações no signo, ainda representa a busca da expressividade lexical dos autores literários, entretanto, também está sujeito à aceitação pelos leitores e ao enquadramento ao

sistema lingüístico. Desse modo, criação neológica é um dos fenômenos responsáveis pelo desenvolvimento e expansão do léxico na língua viva e traz consigo o caráter da novidade.

Diante disso, em relação ao neologismo tido como novidade lexical, apresentamos reflexões feitas, agora, por Alain Rey (1976) o qual esclarece que para delimitar um conceito para esta novidade que se constitui no neologismo, pode ser útil mostrar ou construir um domínio adjacente bem diferenciado, já que esse autor admite ver no neologismo uma unidade lingüística nova, de certa maneira, formal e/ou semântico. No entanto, Rey (1976) percebeu que o conceito de neologia e neologismo no discurso era controverso e ideológico, pois as dificuldades para definir a palavra e o léxico aparecem quando se analisa o neologismo. Mas, admite, retomando Guilbert (1975), ver na unidade lexical um conceito que envolve movimentação de semas e/ou um conceito de natureza informativa. Dessa forma, constata-se pela teoria de Rey, que o conceito de neologismo não coincide exatamente com ele em si mesmo. Desse modo, Rey (1976) questiona sobre quais unidades novas são, concretamente, qualificadas de neologismo. Assim, aclara que o conceito de neologismo pode ser aplicável na combinatória que faz passar a análise do morfema ao sintagma, lá apenas, sem interferência, inclusive, da cronologia. Nesse caso, a cronologia seria apenas uma marca, um elemento sem grande importância para o funcionamento da palavra, como a etimologia, por exemplo. Por isso, o neologismo deve, por conseguinte, ser encarado como uma novidade lexical funcional, pragmática, já que o conceito depende dos julgamentos coletivos.

Em meio ao domínio central da neologia, segundo Rey (1976), o mais importante, quantitativamente, se acha separado em dois conjuntos de neologismos:

- a) o dos empréstimos e outras formas não fundamentadas para a maioria dos locutores, imprevisíveis e estrangeiros à gramática da língua; e

b) o da morfologia, que reflete - pela estrutura semântica - uma estrutura sintática mais profunda. Esta segmentação tem implicações práticas fundamentais (REY, 1976, p. 8)².

Nesse caso, as novidades morfológicas são palavras formadas de uma base e um sufixo, um prefixo e uma base, ou duas bases e/ou palavras parassintéticas mais complexas ainda, podem ou não entrar no léxico, formando uma unidade semiótica ou informativa (caracterizada por pertencer ao código, como unidade). Todas as combinações possíveis, autorizadas pela gramática, são virtualmente aceitáveis; mas, constrangimentos, nomeadamente socioculturais, fazem com que algumas apenas funcionem no código. Rey (1976), em consonância com Guilbert (1975), acrescenta que a criação do neologismo não pode ser dissociada do discurso tido pelo inventor, indivíduo integrado a uma comunidade, que se exprime numa situação dada. Mas, ainda, continua questionando sobre o que é realmente novo no neologismo.

De acordo com a teoria de Rey (1976), antes de caracterizar a novidade do neologismo, deve-se distinguir uma qualidade neológica, que pode ser formal, semântica ou pragmática.

A novidade formal, por exemplo, advém do discurso, do funcionamento sintático da língua, do sintagma complexo que é o original. Ela pode ser resultado da aplicação das regras da gramática ou estoque de morfemas da língua. Há novidade formal apenas no sistema lingüístico, já o empréstimo consiste numa operação, não de criatividade gramatical (morfológico), mas de transferência lexical de um elemento já formado que se efetua entre línguas diferentes ou de uma variedade ou outra de um mesmo sistema (empréstimo interno). A assimilação, assim como o parentesco das formas e as morfologias, pode mascarar a origem

² Texto original: “a) celui des emprunts et autres formes non motivées pour la majorité des locuteurs, imprévisibles et étrangers à la grammaire de la langue; b) celui de la morphologie, qui reflète – par la structure sémantique – une structure syntaxique plus profonde. Ce clivage a des implications pratiques fondamentales”.

e a natureza de verdadeiros empréstimos. Por isso, certas formações de aparência estrangeira são consideradas por Rey como pseudo-empréstimos.

Pudemos perceber que em relação ao neologismo por empréstimo há divergências entre Rey e os demais lingüistas analisados, já que estes consideram esse tipo de neologismo como formal e Rey (1976) o considera apenas como transferência de um elemento já formado, e ainda critica, que se assimilá-lo como neologismo formal, dissimula o verdadeiro empréstimo.

Em relação à novidade semântica, Rey (1976) considera que, esta se refere a todos os neologismos, sem exceção. Para os que apresentam uma novidade formal, a novidade semântica pode ser concomitante e total no sistema (certos empréstimos) e parcial (semantismo da prefixação, da sufixação, da aglutinação nas palavras complexas, semantismo do sintagma nos grupos de palavras) ou muito fraca (a sigla e o acrônimo veiculam o sentido da expressão que abrevia, mas, abreviando, eles alteram pelo menos as suas conotações). Ainda se pode acrescentar a estes neologismos os casos de derivação dita interna, ou seja, de transferência funcional, e para os neologismos de sentido, têm-se as transferências semânticas que podem ser internas ou emprestadas. Segundo Rey (1976) as regras desta transferência foram implementadas e estudadas pela semântica lexical tradicional.

A aparição dos neologismos de sentido permite precisar a definição proposta para a ‘unidade nova’ que deve ser compreendida como uma unidade lingüística veiculando um produto significante-significado novo, em que o significado (a forma e a substância do conteúdo) seja uma inovação ou não (neologismos que retornam a um conceito já nomeado) e que o significante (expressão) seja novo ou antigo.

Na novidade pragmática, percebe-se que é impossível considerar o neologismo de forma abstrata como um elemento novo de um sistema, independente do funcionamento concreto da linguagem. Segundo Rey (1976), este aspecto é extremamente importante, porque

o estudo das criações lexicais num contexto de uso poderia fundar as apreciações, os critérios de aceitabilidade dos neologismos que funcionam no grupo social. Naturalmente, qualquer novidade formal e semântica desencadeia e supõe a novidade pragmática. Os três aspectos ligados são necessários para definir o valor do morfema *neo* em neologismo.

Mas, de acordo com Rey (1976), é o sentimento coletivo da novidade que caracteriza culturalmente o neologismo, e que dá conta do emprego concreto dos vocábulos neológicos, ou seja, o neologismo no uso. Em relação ao aspecto social e informativo, os vocabulários funcionam num quadro social e de acordo com situações concretas de comunicação. Um mesmo neologismo não terá o mesmo valor, o mesmo peso, a mesma importância se está restrito a uma classe de locutores ou todos, se for empregado unicamente na fábrica, no escritório, na rua ou nos lares.

Assim, esta novidade, o neologismo, que deve ser apreciada em relação a uma definição precisa e empírica do código, corresponde em geral a um sentimento específico nos locutores. De acordo com o modelo de código escolhido, distinguir-se-ão, por conseguinte, neologismos sincrônicos de sentido amplo ou restrito, neologismos para a língua como um todo ou para um uso determinado, neologismos num contexto temático especializado (técnica e ciência) ou não especializado, etc.

Estes elementos de definição põem em relevo o caractere relativo do conceito. Não há evidentemente neologismo em si, mas em relação a um conjunto de usos arbitrariamente definidos. Tendo em conta estas observações, poder-se-á considerar que se trata de um conceito pragmático, metodológico, sem dúvida trivial, mas não um pseudo-conceito. Assim, Rey (1976) considera que o neologismo existe, não por si só, mas de forma contextual, já que o vê dependente de uma situação, lugar, época e associado a um discurso inserido em uma comunidade lingüística, considerando assim, o sentimento coletivo da novidade.

Ainda, em busca de aclarar questionamentos sobre o neologismo, sobretudo em relação ao conceito e sua formação, apresentamos o lexicólogo canadense Jean-Claude Boulanger (1979) que definiu a nova unidade lexical da seguinte forma:

o neologismo constitui uma unidade lexical de criação recente, uma acepção nova que se atribui a uma palavra já existente ou, então, um termo recentemente emprestado de um outro código lingüístico e aceito numa língua (BOULANGER, 1979, p. 65-66)³.

Pudemos perceber que o conceito de neologismo proposto por esse autor se aplica a todos os fenômenos que envolvem a criação de palavras e atingem uma língua.

No que tange às criações lexicais, Boulanger (1979) estabelece três tipos de neologia, quais sejam: formais que são neologismos criados por meio de derivação, composição, siglas, redução de palavras ou pela articulação de uma ou diversas sílabas que possuem um valor significante inédito; semânticos que são os neologismos criados pela atribuição de um novo significado a um mesmo segmento fonológico; e os por empréstimo que são os neologismos que resultam da adoção de um lexema estrangeiro.

Para este autor, em concordância com os teóricos citados anteriormente, ao ser criado, o neologismo deve ser integrado ao sistema da língua e essa integração deve obedecer aos critérios ortográficos, fonológicos, e morfossintáticos do referido idioma. Já o neologismo por empréstimo, Boulanger o considera um tipo de neologia formal, definindo-o na classificação de neologismo por meio de uma distinção entre aspectos formais e semânticos.

Segundo Boulanger, (1979) a língua altera-se constantemente e não se fixa a nenhum momento da sua existência. Compreendemos, assim, que as línguas continuam se alterando de acordo com o curso do tempo, e por isso se adaptam às circunstâncias e as necessidades

³ Texto original: “le néologisme est une unité lexicale de création récente, une acception nouvelle d’un mot existant déjà, ou encore, un mot emprunté depuis peu à un système linguistique étranger et accepté dans la langue”.

novas, sem mumificarem-se por um conservantismo e purismo excessivos. Atualmente, a língua se transforma a um ritmo acelerado, pois a circulação das idéias e os objetos novos aumentam incessantemente.

Boulanger (1979) considera que a língua se mantém viva na medida em que é empregada numa grande gama de domínios que sejam claramente perceptíveis. Assim sendo, a reestruturação e/ou a criação de novas palavras continua nomeando os novos objetos e idéias. Nesse caso, as línguas vivas sofrem uma evolução constante que é o resultado da história e o cruzamento de acontecimentos múltiplos que as influenciam. É uma herança das épocas passadas que as gerações atuais protegem, conservam, transmitem e enriquecem. Este mesmo lingüista propõe que, num mundo largamente técnico, a língua é chamada a preencher mais que nunca a sua função essencial de comunicação a fim de designar todas as realidades nascentes, caso contrário, pode desaparecer ou não se desenvolver.

Percebemos, assim, que a movimentação e evolução da língua viva são contínuas e necessárias gerando o surgimento de novos vocábulos ou novos sentidos. Isso à medida que se inventam as coisas, pois as nomeações são indispensáveis para compreender, para distinguir um objeto do outro e/ou para comunicá-lo a todos. Nesse caso, Boulanger (1979) afirma que

a neologia aparece como uma função normal e espontânea da linguagem. O seu vigor e a sua constância refletem o estado de saúde de uma língua. Excesso de purismo, freqüentemente imbuído de uma intolerância sem limites, pouco serviu, até o presente (BOULANGER, 1979, p. 12)⁴.

Assim, para esse lingüista o neologismo é a capacidade da língua de exprimir a novidade. Segundo a teoria de Boulanger é necessário tirar do neologismo o rótulo de pecado contra a pureza da língua e diminuir a intolerância em relação a ele. Desse modo, a fobia do neologismo é uma atitude perigosa que vai contra ao movimento natural e necessário de um

⁴ Texto original: “La néologie apparaît comme une fonction normale et spontanée du langage. Sa vigueur et sa constance reflètent l’état de santé d’une langue. L’excès de purisme, trop souvent imbu d’une intolérance sans limites, n’a guère servi, jusqu’à présent”.

idioma, pois, para Boulanger, (1979) a neologia é considerada como um fenômeno global de criatividade lexical de cunho eminentemente social, já que o material lexical de uma língua se renova essencialmente pela neologia em todas as suas formas e por empréstimo.

Por estarmos abordando a neologia, convém apresentar uma breve definição, a fim de orientar a diligência lingüística proposta por Boulanger (1979). Entre toda a massa possível das definições do neologismo, reter-nos-emos nesta indicada por esse lingüista: a neologia é o processo pelo qual se elabora ou emerge de um neologismo e que é um aspecto específico do ato de nomear. (Boulanger, 1979, p. 65). Trata-se do processo de formação de novas unidades lexicais visto sob seu ângulo mais amplo. Assim, retomando Rey (1976), Boulanger, ainda, conceitua neologismo como uma

unidade do léxico, palavra, lexema ou sintagma, das quais a forma que significa ou a relação significar-significado, supondo um funcionamento efetivo em um modelo de comunicação determinado, não era realizado à fase imediatamente anterior do código da língua (REY, 1976 apud BOULANGER, 1979, p. 65)⁵.

Estas definições, segundo Boulanger, permitirão emancipar uma tipologia geral da neologia. Já que as novas unidades lexicais podem ser criadas de acordo com três grandes modos quais sejam: a neologia de forma, a de sentido e a por empréstimo, mas deter-nos-emos na neologia de forma, sobretudo no que se refere aos compostos haja vista o privilégio, dado por Sousândrade, a esse tipo de formação.

O primeiro modo é a neologia de forma ou neologia morfológica que consiste em fabricar novas unidades lexicais a partir de elementos que pertencem ao sistema morfológico da língua ou de sistemas estrangeiros antigos (latino, grego) ou atuais.

O sinal novo, ou seja, o neologismo pode ser empregado para designar uma noção nova ou para referir a um significado anterior à criação do signo. Serão classificados nesta

⁵ Texto original: “unité du lexique, mot, lexie ou syntagme, dont la forme signifiante ou la relation signifiant-signifié, supposant un fonctionnement effectif dans um modèle de communication déterminé, n’était pas réalisée au stade immédiatement antérieur du code de la langue”

categoria de neologia lexical os termos criados por: afixação (adição de um prefixo ou um sufixo) de um elemento básico ou radical. O afixo pode ser douto (recurso do grego ou do latim) ou não, único ou múltiplo; pode igualmente provir da redução ou por truncamento de uma palavra. O neologismo pode nascer igualmente pela adição simultânea de um prefixo e um sufixo a uma base ou a associação de um prefixo e um sufixo. Este método de criação chama-se derivação.

Em meio ao processo de derivação surge a idéia das unidades autônomas proposta por Boulanger (1979) em neologia de forma.

As unidades autônomas alteram o papel regular que desempenham no interior do sistema morfológico do qual fazem parte, libertam-se deste sistema e chegam a funcionar como afixos formando os chamados compostos, saídos da reunião de termos individuais preexistentes, ou eles mesmos novos na língua. Assim, a palavra ‘grupo’, por exemplo, que é uma palavra autônoma por vocação, desempenha o papel de prefixo no composto ‘grupo-alvo’.

Desse modo, para Boulanger (1979), as palavras criadas com a ajuda da composição com duas ou várias bases (com ou sem expansão), constituem uma nova seqüência lexical de referência única funcionando como uma unidade simples, que exprime uma realidade recente ou não, que une apenas uma noção nova ou não. Para ele, estes neologismos se apresentam sob a forma de palavras compostas ou sob a forma de sintagmas, já que o neologismo de composição é mono-referencial independente do seu tipo de composição, pois, a união destas unidades léxicas constitui uma nova seqüência lexical cujo referente é único.

O segundo modo proposto por Boulanger (1979, p. 89)⁶ é a “neologia de sentido, ou neologia semântica que consiste em utilizar um significante (forma) já existente da língua, lhe conferindo um significado (conteúdo semântico) novo”. Este conteúdo semântico pode provir

⁶ Texto original: “la néologie de sens, ou néologie sémantique, qui consiste à utiliser un signifiant (forme) déjà existant dans la langue, tout en lui conférant un signifié (contenu sémantique) nouveau.”

de uma noção completamente nova ou pode ter sido expresso, inclusive nesse momento, por um outro que significa, já que aquisição de um sentido novo pode efetuar-se de diversas maneiras.

Já o terceiro modo de criação lexical indicado por esse autor é a neologia por empréstimo. “Ela consiste na transferência lexical de um elemento já formado aparentemente em uma língua estrangeira viva ou morta” (BOULANGER, 1979, p. 95)⁷. Ele a denominou de neologia externa. Contudo, para aclarar esse conceito, retomando Guilbert (1975) e Rey (1976) esclarece que a neologia por empréstimo não se trata de uma criação de um signo, mas de uma adoção.

Pudemos verificar assim, que o empréstimo segundo esses lexicólogos implica em uma adoção de um significante completo, ou pode ser também uma adoção unicamente de um elemento afixal proveniente de línguas vivas ou mortas. Desse modo, o empréstimo de afixos geralmente pode funcionar como um empréstimo quase interno. Nesse caso, os elementos afixais são emprestados, mas a unidade lexical produzida se tornará produto interno pertencente à comunidade lingüística, ou seja, da língua materna. Aqui, em consonância com a teoria de Boulanger (1979), acreditamos que o empréstimo lexical realmente pode ser considerado um neologismo formal, pois o vocábulo ao ser adotado passa a pertencer àquela comunidade lingüística nomeando àquela realidade interna, propriamente dita. Compreendemos, também, que o empréstimo em si é indispensável à evolução de uma língua viva e faz parte de fenômenos lingüísticos comuns em tempos modernos. Situação esta que não deve ser ignorada.

Muito se tem discutido sobre o fenômeno neológico e sua necessidade para a evolução da língua viva. Desse modo, reiteramos que a renovação lexical ou neologismo é parte da Lingüística Geral e da Lexicologia, e estudá-la é perceber as transformações que um sistema

⁷ Texto original: “Elle consiste en un transfert lexical d’un élément déjà formé appartenant à une langue étrangère vivante ou morte”.

social e um sistema cultural passam. Pelo fato de o sistema lexical de uma língua inovar-se constantemente, tal evidência não deve trazer conotações negativas como se a neologia lexical fosse um mal inevitável, ao contrário, esta é a primeira condição a partir da qual o idioma pode permanecer um instrumento de comunicação.

Assim, também, no que se refere ao neologismo como fenômeno de renovação do código lingüístico e como fator resultante da neologia que funciona como instrumento de construção ideológica de uma cultura, é relevante citarmos também Maria Aparecida Barbosa (1981). Essa lexicóloga brasileira retoma a proposta de Guilbert (1975), acrescentando, entretanto, o aspecto cultural, já que segundo ela, a criatividade lexical é parte responsável pela riqueza imediata, pois evidencia a expansão da língua viva. Nessa perspectiva, Barbosa (1981) apresenta o neologismo como um processo que integra a competência do falante ao utilizar a criação neológica como renovação das normas gramaticais.

Percebe-se que isso ocorre pelo fato de a língua funcionar pelo seu próprio código em virtude do qual são produzidos os enunciados de discurso e as formações lexicais. O neologismo nasce da necessidade que os usuários sentem de criar novos termos, quando os existentes já não lhes são suficiente, ou já estão desgastados. Assim, eles inventam novas formas ou até mesmo novos sentidos para velhas formas, como a metáfora ou a metonímia, por exemplo. Segundo a teoria de Barbosa, as unidades léxicas neológicas são criadas a partir da combinatória de elementos mais simples existentes na língua.

Barbosa (1981), consoante à proposta de Guilbert (1975), conceitua Neologia e Neologismo, como:

À oposição entre o processo e produto pode-se fazer corresponder a distinção entre neologia e neologismo: se neologia é o processo que pode ser definido em termos de uma tipologia, o neologismo é o produto que depois de passar por aquele processo, pertence a uma tipologia de neologia. (BARBOSA, 1981, p. 78).

Nesse caso, se a neologia é o processo pelo qual a mudança lingüística provoca o aparecimento de formas de significante e significado novos, ela deve ser estudada pelas unidades léxicas neológicas, ou seja, estudar o neologismo como uma consequência, ou resultado da neologia.

Barbosa, ainda reforçando a teoria de Guilbert (1975) em relação ao neologismo, também, acredita que as grandezas-signos surgem da necessidade que tem determinado grupo de apreender o real, analisar, recortar, classificar e organizar o potencial de informações dos dados das experiências contínuas com que se defronta. Isso para elaborar e, constantemente, reelaborar, além de sustentar seus sistemas de valores, sua visão de mundo, ou seja, um mundo lingüística e semioticamente construído. Assim, cada nova palavra implica em uma resposta a necessidade de apreensão do real numa conjuntura mais ampla, pois o mecanismo de formação de novos signos, ou de atribuição de novos significados aos signos preexistentes, apresenta-se freqüentemente, como processos complexos de formulação e de seleção de proposições feitas no seio do grupo social envolvido.

Para essa lingüista o neologismo passa por três importantes etapas que são a sua criação; num segundo momento sua recepção ou aceitabilidade, além de sua inserção no conjunto das unidades léxicas memorizadas e por último a sua desneologização. Para ela, se a palavra neológica passa a ser de alta freqüência e de distribuição regular entre os falantes, deixa de ser neologismo, pois perde esse caráter e passa a pertencer ao subconjunto do vocabulário dos membros da comunidade lingüística. Por isso, é natural palavras nascerem, perdurarem, conviverem e deixarem de existir no decorrer da história da língua viva.

Por outro lado, Barbosa, ainda, retomando o Guilbert (1975) chama a atenção para o fato de que a língua possibilita os grupos apreenderem a realidade, já que a substância semântica, ou seja, o sentido dessa realidade seria formulada e estruturada pela estrutura lingüística pertencente a cada um, individualmente. Nesse caso, a língua se torna um

instrumento de construção de uma ideologia e de uma cultura. Por isso, a língua não seria o reflexo da maneira de um grupo encarar a realidade, mas um meio utilizado para criar esta realidade. Desse modo, Barbosa (2000) salienta que:

a gênese do neologismo, conduz a examiná-lo do ângulo de sua utilização como instrumento de uma ideologia, de determinada época, do pensamento de um grupo. Por essa razão, muitos neologismos, depois de se integrarem ao vocabulário usual, tornam-se signos-símbolos de certas facetas culturais, de universos de discurso, de discursos manifestados (BARBOSA, 2000, p. 177).

Neste contexto, percebemos que, na realidade, muitas dessas palavras neológicas tem, além do sentido polissêmico no sistema, uma função simbólica de evocar uma cultura, uma ideologia e até mesmo, uma filosofia dominante. Por isso, a definição do sentido desses signos é contextual, já que os neologismos dependem de vários fatores para existir. Desse modo, identificar a presença de neologismos nos meio de comunicação e na literatura e registrá-los contribui para o enriquecimento do acervo lexical de qualquer língua, já que a língua é a maior riqueza de toda uma comunidade lingüística. Assim, a criação de dicionários, vocabulários e glossários perpetuam tais criações léxicas, mantendo vivos registros e idéias que retratam toda uma época.

Em relação ao neologismo literário, Barbosa (2000) salienta que a criação de um novo léxico literário envolve um universo de discurso que reúne sincreticamente certos aspectos dos demais universos de discurso, já que cada texto-ocorrência tem suas próprias marcas de criatividade. Isso reforça o valor da criação neológica no texto literário. Vejamos como a mencionada autora descreve a importância do sujeito e da especificação do *corpus* a ser estudado, já que o neologismo literário não está livre da influência do contexto temporal e social.

Ao considerar certos dados de ocorrência de neologismos na literatura, autora propõe que é improdutivo tentar analisar certos aspectos dos demais universos neológicos em um conjunto de obras literárias, pois esta questão deverá ser examinada em textos pertencentes ao

mesmo sub-universo de discurso. Por isso, deve-se considerar a criação em cada obra manifestada, pois o processo de produção de neologismo pode conduzir a uma tipologia de motivações de criação de vocábulos. Surge, assim, a apresentação de neologismos em discursos essencialmente figurativos e em paradigmas de criatividade.

Esta lingüista ainda esclarece que qualquer lexia, inclusive a neológica tem de ser considerada em dupla relação com a realidade que expressa e com o quadro enunciativo, pois não basta a criação do neologismo para que ele se integre ao acervo lexical da língua. Sendo assim, é necessária toda uma aceitação por parte da sociedade lingüística além de certo enquadramento no sistema, para então, identificar as criações léxicas que se anexarão à norma.

Ainda, em relação ao neologismo como novidade e a sua condição de atestado e não atestado temos Jean-François Sablayrolles (1996) com relevantes reflexões. Segundo ele, o neologismo adquire um conceito variável, pois vai depender do interesse dos estudiosos dessa área. Assim, podem surgir várias concepções a esse respeito. Mas, a novidade que se expressa sob a forma de neologismo é inegável, dentro do domínio do léxico.

Para Sablayrolles (1996), o conceito de neologia se amplia não apenas quando se consideram relevantes os segmentos de enunciados nos quais as lexias neológicas formam um conjunto amplo, mas também, quando a novidade é examinada em condições reais de produção. Nesse caso, podemos verificar que tais condições demonstram que grande parte de enunciados produzidos por falantes, sendo em forma de vocábulos simples, derivados e compostos, retomam outros enunciados emitidos anteriormente, apesar de haver, também, criações neológicas independente da existência anterior dessas lexias dentro da língua e de suas eventuais certificações nos dicionários. Assim, os falantes partem de regras morfológicas ou sintáticas que são aplicadas sistematicamente.

No que se refere aos enunciados que já foram produzidos, Sablayrolles (1996, p. 39)⁸ esclarece que até mesmo a união da “alusão aos elementos congelados e da novidade por modificações trazidas a estas unidades congeladas” traduzem a manifestação da criatividade lexical dentro do léxico. Por isso, o autor critica a instabilidade dos conceitos de neologia e neologismo e se restringe a examinar a noção de novidade e a define. Para ele “A novidade coloca crucialmente em jogo o tempo e a duração: ela se define espontaneamente como o surgimento de qualquer coisa que não existia anteriormente...” (SABLAYROLLES, 1996, p. 6)⁹. Nesse caso, o autor expõe que o sentimento de novidade dura apenas dentro de determinado tempo já que a novidade não existe em si, mas pelos indivíduos e em relação a seus conhecimentos, e ao código que eles integram. A novidade é variável segundo os indivíduos e as circunstâncias, e deve ser percebida em dimensões coletivas, pois a difusão das lexias neológicas no seio da comunidade lingüística é complexa e quase sempre imprevisível.

Podemos observar, a partir desse posicionamento de Sablayrolles, que a definição de novidade proposta por ele é, sobretudo, contextual, já que depende do falante, da época, do lugar em que surge a novidade e das circunstâncias que envolvem toda a comunidade lingüística. Percebe-se assim, que esta proposta de Sablayrolles retoma a teoria de Rey (1976) e a de Barbosa (1981) para o neologismo, já que estes últimos não concebem, também, o neologismo em si mesmo, mas em relação ao seu uso e contexto.

Em relação aos aspectos que a novidade apresenta, o referido autor também a considera formal ou semântica, contudo, adverte que esta concepção dupla para o neologismo pode restringir a concepção de neologia no funcionamento da língua, embora, do ponto de vista semântico, os neologismos comprovam estabilidade referencial desde que surgem. Com

⁸ Texto Original: “l’allusion à des éléments figés et de la nouveauté par des modifications apportées à ces unités figées”.

⁹ Texto original: “La nouveauté met cruciallement en jeu le temps et la durée: elle se définit spontanément comme le surgissement de quelque chose qui n’existait pas antérieurement...”.

isso, eles dão estabilidade àquilo que não existia anteriormente, pois nomeiam coisas e ações e as conduzem à existência no discurso.

Segundo Sablayrolles (1996), os neologismos podem ser memorizados tanto quanto as unidades lexicais já existentes. Assim, essas lexias neológicas podem se juntar ao estoque de unidades mantidas pelo falante. Por isso, o autor assevera a necessidade de as lexias neológicas serem uma unidade lingüística de fácil memorização. Ele justifica que certas lexias neológicas são criadas e até recriadas a partir de outras já existentes no léxico e memorizados pelos locutores dessa língua. É no léxico, afirma Sablayrolles, que se encontram as informações que as regras não predizem.

Nesse contexto, Sablayrolles (1996, p. 8), em consonância com Guilbert (1975), expõe que uma mudança nos traços ou características registradas para uma lexia torna esta neológica. Podemos perceber, no entanto, que o neologismo surge mesmo não apenas pelas alterações nos traços sêmicos dos signos, mas também, quando associamos informações gramaticais e condições de emprego a uma unidade lexical nova, pois os elementos lingüísticos suscetíveis de serem neologismos são bastante variáveis no seu estatuto, proporção e complexidade. Desse modo, para Sablayrolles (1996) esses elementos formam um

continuum que parte de elementos que não são primitivamente signos (conjunto de letras ou de sons, sílabas), que passa por signos lingüísticos não autônomos (morfemas) e autônomos (vocábulo) até as seqüências longas e complexas que se destacam de lexias memorizadas (SABLAYROLLES, 1996, p. 9).¹⁰

Segundo esse autor, cada uma das categorias citadas acima pode manifestar um tipo de novidade. Assim, haverá unidades neológicas de nível inferior ao vocábulo como os morfemas não autônomos: prefixos, sufixos que podem tornar-se lexias neológicas, já que o

¹⁰ Texto original: “continuum qui part d’éléments qui ne sont pas primitivement des signes (suite de lettres ou de sons, syllabes), qui passe par des signes linguistiques non autonomes (morphèmes) et autonomes (mots) jusqu’à des séquences longues et complexes qui se démarquent de lexies mémorisées”.

referido autor em consonância com Rey (1976) esclarece que até uma série de elementos de segunda articulação, ou seja, uma série de letras (mais que fonemas) pode alcançar o estatuto de lexia.

Em relação ao neologismo do nível de vocábulo, percebe-se que estes são mais numerosos que aqueles e ainda trazem possibilidades de inovação que restauram o léxico. Sablayrolles (1996) distingue, como os demais lingüistas estudados, os neologismos formais (derivados, compostos e vocábulos-valises), os neologismos semânticos (por metáfora e metonímia) e os empréstimos. No que tange ao neologismo semântico, o autor diverge dos demais ao considerar que eles se configuram em metáfora e/ou metonímia, o que é, ainda, ponto conflitante entre os estudiosos. Acrescenta, também, que por vezes se omite as extensões e restrições de sentido importantes nesse tipo de neologismo. Assim, além dos tipos de neologismos citados acima (formal, semântico e por empréstimo) Sablayrolles (1996) apresenta, também, os neologismos de tipo sintático e os neologismos do tipo flexional.

Nesse caso, o autor considera como neológicas as mudanças de construção do tipo transitivação de verbos intransitivos, construção absoluta de verbos transitivos, modificação dos traços de seleção, já que essas mudanças modificam ou inovam os elementos já memorizados. Segundo a teoria desse autor, toda forma nova que substitui um vazio (verbos defectivos, flexão nominal incompleta - plural, gênero, caracterizações, grau - flexão irregular, quantificação...) reconstitui a neologia, portanto é um neologismo.

Esta maneira de ver o neologismo é até então inovadora, já que várias das reflexões abordadas por Sablayrolles, em relação a neologismos sintáticos e flexionais escapam a muitos estudiosos ou não lhes chamaram a atenção. Atualmente, essas variações inovadoras do léxico, propostas por este autor, têm chegado aos dicionários, sobretudo os eletrônicos, mas ele afirma que dicionários clássicos, também já figuram tais ‘anomalias flexionais’ de algumas lexias.

Há, também, as unidades de nível original superior ao vocábulo. São sintagmas preposicionais que a frequência de emprego e o semantismo simples se congelaram em lexias. Nesse caso, são as lexias neológicas que, pela proporção ou complexidade, se configuram em unidades superiores ao vocábulo. Segundo Sablayrolles (1996) tais unidades lexicais novas são obtidas pelo desvio de lexias que são ora unidades de língua, ora unidades discursivas secundariamente transformadas em lexias. Às vezes, são unidades de língua como as locuções, expressões, fragmentos do discurso, slogans, provérbios que são objeto de desvio. Estes desvios se fazem por adjunção, supressão ou transformação de elementos, além de associar paradoxalmente o antigo e o novo. Contudo, o autor adverte que mais longas que estas lexias preposicionais ou complexas, tais construções se configuram com lexias textuais, as quais não podem ser consideradas como neologismos já que o desvio completo de um texto constitui uma paródia, ou seja, um enunciado completo e independente do contexto.

Aqui importa ressaltar outra relevante reflexão de Sablayrolle (1996). É a teoria dos elementos lexicais atestados e não atestados. Segundo esse autor, os vocábulos podem ser atestados ou não tanto nos dicionários e/ou nas demais obras lexicográficas (glossários, vocabulários) como no seio da comunidade lingüística. Desse modo, tanto a obra lexicográfica quanto os falantes podem servir de base de atestação do elemento lexical.

Às vezes, alguma construção vocabular que parece neológica, pode estar atestada nos dicionários ou na fala cotidiana de membros de alguma comunidade lingüística, pois os falantes podem criar neologismos, conscientes ou não, independente da existência de uma construção anterior, atestada ou não. Caso haja variações quanto à forma já atestada nas obras lexicográficas, o autor esclarece que numa leitura superficial elas podem ser vistas não como criação, mas como reemprego, pois alguns neologismos podem passar despercebidos.

Diante disso, pudemos perceber que um vocábulo pode ser neológico e atestado em um contexto e não ser em outro, já que certos elementos lexicais antigos e estagnados podem

surgir com caráter de novidade em diferentes regiões e ambientes. Sendo assim, determinadas lexias são empregadas e reempregadas dentro de círculos estreitos, antes de conhecer uma expansão rápida ou não.

Quando uma lexia sai de seu campo de aplicação ordinária para penetrar novos domínios, ela constitui um neologismo. O autor ressalta que uma lexia pode ser inúmeras vezes neológica e atestada, pois certos elementos podem ser atestados em várias obras lexicográficas e serem utilizados com caráter de novidade por um falante de certa comunidade lingüística. Sablayrolles apresenta o vocábulo ‘sinergia’ como exemplo:

é um empréstimo erudito introduzido em fisiologia (1778) para designar a colaboração de todos os músculos ativados para produzir um movimento determinado. Ele conhece uma extensão metafórica no fim do séc. XIX para designar todos os colaboradores que participam de uma obra comum. Durante um século, ele continuará restrito neste sentido, antes de conhecer uma brutal extensão nos anos 80: ele passa sempre por acabado de ser criado. (SABLAYROLLES, 1996, p. 29).¹¹

Diante da citação acima, pudemos verificar que as inúmeras incertezas que pesam sobre o futuro de uma lexia, no momento de sua criação, se juntam às centenas trajetórias complexas ou inesperadas.

Dessa forma, Sablayrolles (1996) critica o uso do dicionário para verificar o estatuto neológico de uma lexia em caso de dúvida. Segundo ele, a atestação ou não dentro do dicionário é freqüentemente tomada como teste da novidade e de aplicação simples: se a lexia figura no dicionário, ela não é neológica, se ela não figura, ela o é. Nesse caso, a duração neológica se mede por uma subtração, ou seja, a lexia neológica é neológica dentro do intervalo compreendido entre o momento de sua criação e o de sua inserção no dicionário.

¹¹ Texto original: “C’est un emprunt savant introduit en physiologie (1778) pour désigner le concours de tous les muscles activés pour produire un mouvement déterminé. Il connaît une extension métaphorique à la fin du XIXe siècle pour désigner tous les collaborateurs qui participent à une œuvre commune. Pendant un siècle il restera confidentiel dans ce sens, avant de connaître une brutale extension dans les années 80: il passe souvent pour venant d’être créé”.

O autor ressalta que esta comparação é bastante recusada no plano teórico, mas é sempre utilizada na prática com alguns resultados satisfatórios além de ter o mérito da simplicidade. O recurso do dicionário é, então, uma espécie de reflexo sobre o qual não se interroga mais, todavia, permanecer apenas com esse recurso é pouco satisfatório, assim, o dicionário deve ser usado com reservada precaução para medir a neologicidade dos elementos lexicais novos.

Este autor adverte, ainda, que o teste de atestação nos dicionários isenta, por um lado, de uma decisão pessoal, qualquer um que se questione sobre o estatuto neológico de um vocábulo, mas este conceito depende do papel dos neologismos na interlocução e suas condições sociolingüísticas de aparição. Além do mais, em consonância com Sablayrolles (1996), acreditamos que os dicionários não são completos e a ausência de uma lexia numa obra lexicográfica não significa, necessariamente, que ela seja neológica, já que os vocábulos não entram nos dicionários assim que são implantados na língua. Se assim fosse, poderíamos inverter a proposta tradicional e considerarmos, também, que os vocábulos não são neológicos porque estão no dicionário, mas que entram no dicionário porque já não são mais neológicos. Contudo, muitas vezes, a ausência de um outro critério mais efetivo e seguro força o lexicólogo a manter a opção de adotar os dicionários para verificar a condição de atestados ou não atestados e o teor de novidade das criações lexicais analisadas.

Nessa circunstância, os dicionários não devem se constituir como aparelho medidor da duração da novidade dos neologismos já que não conseguem uma delimitação automática, ou seja, para Sablayrolles (1996, p. 17)¹² “eles não dizem efetivamente nada sobre o funcionamento dessas lexias porque não permitem ainda medir o sentimento neológico”. Com efeito, a duração do sentimento neológico varia em função da ampliação e da rapidez da

¹² Texto original: “ils ne disent en effet rien sur le fonctionnement de ces lexies car ils ne permettent guère de mesurer le sentiment néologique”.

difusão dos neologismos. É por isso que o autor coloca a difusão do neologismo como parte importante em relação à duração do caráter de novidade dos elementos lexicais novos.

Diante desse contexto, Sablayrolles (1996) evidencia que é impossível preocupar apenas com a criação dos elementos neológicos, já que a difusão também é um fator que deve ser considerado. Segundo ele, consoante à teoria de Barbosa (1981), quando o neologismo se difunde é o momento em que perde seu caráter de novidade. Por isso, o autor considera como neológico não somente o processo criador, mas os primeiros reempregos pelos primeiros receptores que os reproduzem diante de outros ouvintes, embora esse teórico não se oponha em relação à quantidade de reempregos em que a lexia não pode ser mais considerada neológica.

No entanto, uma lexia neológica pode ser freqüentemente empregada por um falante sem ser repetida por nenhum outro e sem estar atestada em obras lexicográficas. Ou, ao contrário, pode estar atestada nessas obras e serem usadas pelos falantes de forma metafóricas ou metonímicas com sentidos divergentes e com caráter de novidade.

Tendo em vista este aspecto, o autor esclarece que não há razão para se fixar um limite numérico ao número dos círculos de reemissores, aquém do qual a lexia seria neológica e além do qual ela não o seria. A fixação de uma duração para o caráter de novidade do elemento neológico lhe parece bem arbitrária e efetivamente difícil, pois há algumas lexias neológicas com durações de novidades breves ou longas. Essa duração pode variar entre segundos, horas, podendo chegar a séculos. Nesse caso, Sablayrolles (1996, p. 15) postula que existem casos que não se inscrevem neste quadro temporal, particularmente os neologismos literários que podem guardar seu estatuto de novidade por vários séculos após sua emissão.

Assim, no que tange aos neologismos literários, Sablayrolles (1996) os analisa, também, em relação ao sentimento de novidade e os identifica como aqueles esculpidos pelos autores e sem extensão de emprego. A lexicografia clássica tende a excluir esse tipo de

neologismo depois de não terem recebido a sanção social que os faria entrar no léxico dos membros da comunidade. Sendo assim, os dicionários teriam dificuldades de atestá-los, pois se o fizessem teriam que concedê-los o mesmo estatuto dos vocábulos usuais.

Outro ponto a ser ressaltado são as interpretações dos elementos como neológico e a compreensão do sentido empregado. Sablayrolles (1996) defende que estas interpretações podem ser quase simultâneas, pois os neologismos que são emitidos, compreendidos e/ou interpretados em um curto espaço de tempo têm mais possibilidade de serem enquadrados no conjunto vocabular se estendendo no tempo. Isso na língua corrente e nos meios de comunicação, mas são as obras literárias que apresentam os mais longos períodos de interpretações possíveis. Desse modo, os neologismos empregados em determinadas obras literárias, quer constituam ou não hápax,¹³ continuam a sê-lo para seus novos leitores durante séculos após sua criação. Ainda, segundo Sablayrolles (1996)

estas obras foram destinadas a serem divulgadas, mas os neologismos emitidos em um momento preciso para um destinatário intérprete preciso, podem ser levados ao conhecimento de inúmeros interpretes os quais o criador jamais poderia perceber, a não ser a existência, quando a edição de documentos de arquivos, de correspondências privadas inéditas, etc (SABLAYROLLES, 1996, p.31).¹⁴

A citação acima evidencia que a divulgação é fator importante para a integração do neologismo literário na língua corrente, contudo, a existência de inúmeros intérpretes pode levar a lapsos no tempo permitindo prolongar o período da difusão desse tipo de neologismo. A estas múltiplas interpretações devem-se acrescentar os casos sempre possíveis de re-interpretação até por um mesmo intérprete, quer ele tenha esquecido a existência do neologismo e o redescubra, quer quando de uma leitura posterior o neologismo lhe agrade e

¹³ Vocábulo da área da Lexicografia utilizado por Sablayrolles para descrever a existência de uma única abonação nos registros da língua para certas palavras ou expressões.

¹⁴ Texto original: “Encore ces ceuvres étaient-elles destinées à être divulguées, mais des néologismes émis à un moment précis pour un destinataire interprétant précis peuvent être portés à la connaissance d’interprétants nombreux dont jamais le créateur n’aurait pu envisager ne serait-ce que l’existence, lors de l’édition de documents d’archives, de correspondances privées inédites, etc”.

lhe venha à memória com seu caráter novo. Isso, durante um espaço de tempo que, segundo Sablayrolles, pode ser mais ou menos longo. Além do mais, há a necessidade de ressaltar, ainda, que não é necessariamente no primeiro contato que um leitor vê a neologia de uma lexia. O neologismo literário, às vezes, não é percebido da primeira leitura, e pode demorar a ser evidenciado. Nesse caso, a multiplicidade, que é infinita, das interpretações e percepções dos neologismos literários se junta aos problemas ligados à identificação do responsável pelo neologismo.

Finalmente, ao analisar a teoria de Sablayrolles (1996), pudemos verificar que para esse autor a novidade, que se manifesta sob a forma de neologismo nos domínios do léxico, é inegável, e por isso, o conceito de neologia recebe uma definição mais ampla. A ampliação da noção se opera em duas direções: de um lado, os segmentos de enunciados susceptíveis de serem considerados como relevantes do léxico e as lexias que formam um conjunto mais amplo que os vocábulos tradicionais. De outro lado, a novidade que deve ser examinada em condições reais de produção na língua.

Nesse caso, a noção de novidade não pode mais ser concebida como discreta, e a neologia se apresenta como um fenômeno tendo ao centro elementos que aparecem claramente como criações. Já os demais elementos que estão próximos da morfologia (neologismos flexionais) da sintaxe (neologismos por mudança de construção), ou de efeitos estilístico-semânticos (neologismos literários e os que ficam na fronteira entre polissemia e homonímia) demonstram que a novidade não é objetiva, mas é dependente das concepções de língua e do contexto do surgimento.

Em relação ao neologismo literário, esse autor o considera como criação léxica a qual a difusão pode durar séculos, e acrescenta que não se deve excluí-lo nem da lexicologia e nem da análise do discurso. Concernente ao estatuto de neologismo, o autor alimenta uma desconfiança do teste da presença ou ausência de uma lexia no dicionário e adverte que os

dicionários não devem constituir-se como único aparelho medidor da novidade, já que não esclarecem nada a respeito das novas lexias. Estas podem aparecer atestadas, ora numa obra lexicográfica, ora na fala cotidiana em uma comunidade lingüística. Nesse caso, embora haja esta desconfiança em relação ao uso do dicionário como medidor de neologia, em nosso trabalho, adotamos esse critério pelo fato de não dispormos de outro procedimento mais seguro.

Diante de toda essa literatura direcionada ao estudo da lexia nova, pudemos perceber que o neologismo se configura como instrumento principal responsável pela expansão do léxico e como um elemento necessário ao desenvolvimento de qualquer língua viva, sendo possível identificá-lo, delimitá-lo e conceituá-lo apenas no interior de cada situação ou contexto. Já o neologismo literário constitui um caso de busca pela expressão e de ousadia em um discurso escrito, contudo deve passar pelos mesmos processos de difusão que os usuais, já que possui a mesma importância.

Enfim, de nossa parte, como pesquisadora, temos a intenção de fazer perdurar a criação léxica, sobretudo a produzida por Sousândrade nas obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de Ouro’ (1889/1899), trazendo à tona toda a sua criatividade lexical literária, disponibilizando-a em forma de um glossário para os leitores, especialmente aos pesquisadores, pois este trabalho objetiva fornecer informações significativas para a leitura e análise das criações poéticas e literárias desse poeta que marcou toda uma época histórica e cultural do Brasil.

Nesse caso, para desenvolver esse trabalho no nível lexical, buscamos embasamento em Guilbert (1975) que produziu relevantes estudos sobre a neologia lexical e a definiu como a possibilidade de criação de novas unidades lexicais, em razão das regras de produção incluídas no sistema lexical, e em meio à neologia lexical surge neologismo literário. Este, segundo ele, apresenta um modo de criação lexical que busca a palavra escrita para exprimir

idéias de maneiras novas, incomuns e manifestar certa individualidade conquistando, assim, a liberdade de expressão.

Em Rey (1976) tomaremos o neologismo em um conceito pragmático considerando que não existe neologismo em si, mas em um conjunto de usos, e ainda consideramos a novidade semântica como parte de todos os neologismos, sem exceção.

Neste contexto, ao desenvolvermos nosso trabalho, classificamos os neologismos encontrados nas obras de Sousândrade de acordo com a classificação proposta pelo lexicólogo canadense Boulanger (1979), que também contribuiu de forma significativa para os estudos da criatividade lexical, e apresenta uma teoria mais abrangente. Assim, para essa pesquisa, adotamos o neologismo como uma palavra ou expressão nova, ou como uma palavra antiga com um sentido novo. Nesse caso, temos como classificação a seguinte: neologismos formais – sobretudo, os criados com base na derivação e na composição; neologismos semânticos - resultantes de um novo significado atribuído a um significante já existente, já os neologismos por empréstimos - oriundos da adoção de uma unidade lexical estrangeira foram classificados como formais haja vista a proposta de Boulanger.

No que tange ao neologismo como um fenômeno novo que atinge uma língua, em consonância com a teoria proposta por Barbosa (1981), apoiar-nos-emos na função simbólica de evocação de uma ideologia e de uma cultura trazidas pelo neologismo o qual é contextual e depende de vários fatores para existir. Acreditamos como Barbosa (1981) que a identificação da presença dos neologismos inclusive na literatura contribui para o enriquecimento do léxico. Assim, os neologismos contidos nas obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de Ouro’ (1889/1899) podem, então, representar a época e as vivências de Sousândrade na segunda metade do século XIX. Nesse caso, montar um glossário com os neologismos criados por esse poeta significaria perpetuá-los, disponibilizando-os aos consulentes.

E, finalmente, em relação ao neologismo como novidade e sua condição de atestado e não atestado, pautar-nos-emos em Sablayrolles (1996) o qual assevera que a novidade é variável segundo os indivíduos e as circunstâncias e deve ser percebida em dimensões coletivas. No que se refere ao caráter de atestado e não atestado, nesse caso, embora conscientes que a verificação do estatuto de neologia utilizando o dicionário como *corpus* de exclusão pode ser um critério não muito confiável, na falta de outro critério mais seguro, optamos por utilizar dois dicionários da época da produção das obras pesquisadas para verificar se os vocábulos com caráter de novidade encontrados no *corpus* da pesquisa estão atestados ou não em tais obras lexicográficas. Assim, os elementos que não foram atestados nos respectivos dicionários serão considerados por nós como neologismos e receberão conceituação de acordo com as respectivas abonações. Contudo, procuramos fazer uma verificação se os vocábulos eleitos por nós como neologismos já se encontravam atestados nos dicionários atuais. Nesse caso, usamos o mencionado dicionário eletrônico *Houaiss* para completar nossa análise.

Diante do exposto, a montagem do glossário se fará de acordo com as teorias arroladas, por nós, nesse capítulo. Contudo, faltam alguns pressupostos sobre o glossário como tipologia de obra lexicográfica, tema relevante para nossa pesquisa que será desenvolvido no próximo capítulo desse trabalho. Para isso, faremos uma discussão buscando embasamento em dois significativos lexicólogos que são: Haensch (1982) e Barbosa (1995) para obtermos uma definição consistente desse tipo de obra. Enfocaremos, também, os critérios utilizados para o desenvolvimento de nossa pesquisa, além de apresentar o glossário em sua micro e macroestrutura e as palavras neológicas analisadas.

CAPÍTULO: 4 – Estrutura do glossário e análise do *corpus*

Este capítulo tem por finalidade apresentar a dinâmica desenvolvida para a composição da pesquisa e, em seguida, a análise dos dados.

Primeiramente, serão apresentadas teorias propostas por Haensch (1982) e Barbosa (1995) sobre glossário a fim de buscar uma definição consistente. A seguir, serão apresentados os procedimentos para estabelecer o *corpus* e os critérios para a montagem do glossário, além das entradas abonatórias motivadoras da nossa definição lexicográfica, e a micro e a macroestrutura do presente glossário. Em seguida, apresentaremos os dados analisados, nesse caso, as palavras neológicas cotejadas das obras *Harpas Selvagens* (1857) e *Harpa de Ouro* (1888/1899) e analisadas por nós.

4.1 O glossário em sua organização

Para se apreender uma boa leitura da obra de Sousândrade, o leitor deve buscar o sentido dos textos do poeta decodificando vocábulos, sintagmas ou enunciados, embora isso não seja fácil. A tarefa de examinar o léxico sousandradino para a realização de um glossário torna mais aguda a necessidade de desenvolver uma percepção dos vários e pouco conhecidos recursos do autor, no que se refere à exploração das virtualidades lexicais da língua portuguesa.

Entre esses recursos, os neologismos formais, envolvendo os por derivação, e, sobretudo, os compostos sousandradinos chamam a atenção pelo caráter inusitado que

apresentam e pela voltagem de poesia que possuem. E como outros artifícios do discurso de Sousândrade, demandam uma reflexão acurada. Para as observações que se seguem, introduzindo nossas investigações sobre a questão, partimos da noção de criação neológica estilística proposta por Guilbert (1975), e como ele mesmo expõe, é aquela operacionalizada pelos escritores.

Desse modo, nesse item, analisamos a definição de glossário de autores como Haensch (1982) e Barbosa (1995), e tecemos comentários sobre esse tipo lexicográfico. Com base nessa análise definimos o que entendemos por glossário, damos um perfil do nosso modelo, além de justificarmos sua aplicabilidade. Assim, a partir do material lido, levantamos os contextos que constituiu o *corpus* do trabalho em questão, donde relacionamos e classificamos os neologismos encontrados em formais e/ou semânticos. Nesse caso, apresentamos, também, a macro e a microestrutura do glossário a ser montado a fim de facilitar a busca pelo consulente no manuseio do material. Desse modo, nosso trabalho se estrutura a partir da proposição de apresentar um glossário que contemple os neologismos sousandradinos.

A princípio, debruçamo-nos sobre a definição proposta por Haensch (1982) o qual apresenta o glossário como um

Repertório de vocábulos destinados a explicar um texto medieval ou clássico, a obra de um autor, um texto dialetal, etc. Um repertório de palavras, em muitos casos de termos técnicos (monolíngüe ou plurilíngüe), que não pretende ser exaustivo, e em que a seleção de palavras se faz mais ou menos ao acaso; por exemplo, glossário de termos ecológico espanhol-inglês (HAENSCH, 1982, p.106).¹⁵

¹⁵ Texto original: “Repertorio de voces destinado a explicar um texto medieval o clássico, la obra de um autor, um texto dialectal, etc. repertorio de palabras, en muchos casos de termos técnicos (monolíngüe), que no pretende ser exaustivo, y em que la seleccion de palabras se há hecho más o menos al azar; por ejemplo, glossário de téminos ecológicos español-inglés”.

Pudemos perceber que, segundo Haensch (1982), glossário se trata de um conjunto de vocábulos extraídos de um texto em específico, seja poético ou técnico ou fora do comum como neologismos, por exemplo, em que se dá explicação de certas palavras antigas, novas ou pouco conhecidas. Interessante observar que não há um critério específico para a escolha do tema para a montagem de glossários, já que, segundo esse autor, isso se dá mais ou menos ao acaso, ou seja, depende da linha de interesse do lexicógrafo.

Haensch (1982) considera glossário toda obra lexicográfica que registra e explica vocábulos usados por autores em uma obra literária e critica advertindo que nem todas as obras lexicográficas que se presta a isso recebem o mesmo nome, já que inúmeras vezes autores insistem em denominá-las de ‘vocabulário’. Para Haensch, não apenas o texto literário, mas vários textos podem salientar palavras de entendimentos difíceis e quando tais palavras aparecem em ordem alfabética no final de um texto chama-se glossário. No nosso caso, o glossário de neologismos sousandradinos se enquadra nessa definição proposta por esse autor, já que se trata de um conjunto de vocábulos extraídos de um texto específico, tipicamente, poético.

Assim, ainda, baseados em fundamentos teóricos da lexicologia e lexicografia, buscamos em Barbosa (1995), um outro conceito para glossário.

Para Barbosa (1995, p. 19-21) o glossário pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado podendo ser classificado em *lato sensu* e *stricto sensu*. Ambos resultam do levantamento das palavras-ocorrências e das acepções em um único texto. Enquanto o *stricto sensu* as apresenta no contexto exclusivo de uma única atualização destacando sua significação específica, o *lato sensu* reúne as várias palavras ocorrências de um mesmo vocábulo. Nesse caso, o glossário de neologismo sousandradinos pode ser definido como *stricto sensu*, uma vez que contempla as atualizações únicas dos vocábulos novos criados por Sousândrade especificamente nas duas obras mencionadas.

Essa autora, também, considera que o glossário está limitado pelas peculiaridades da fala, já que o dicionário, por outro lado, se embasa no léxico e, ainda, acrescenta que os glossários são considerados obras de decodificação da língua. Nesta perspectiva, um glossário será ‘dicionário de discurso’, pois de uma forma mais clara, o glossário será um instrumento auxiliar para a compreensão de um texto e fonte de um estado de língua diferente. Assim, Barbosa (1995) aclara:

as unidades que o lexicógrafo seleciona e as informações gramaticais e semânticas que sobre elas são fornecidas dizem respeito a um *corpus*, exteriormente delimitado, que funciona como discurso individual, como exemplo de um ato de fala produzido num dado tempo e lugar (CRISPIM, 1990 apud BARBOSA, 1995, p. 20).

Essa autora, ao contrário de Haensch (1982) caracteriza a concepção de glossário e não considera que o conjunto de palavras que se encontra ao final de um texto possa ser denominado de glossário. Segundo ela

o chamado glossário que se encontra ao final de uma obra é, de certa maneira, um vocabulário, já que reúne os vários empregos, ou seja, as várias palavras-ocorrências de um mesmo vocábulo, muito embora sejam essas ocorrências de um único texto (BARBOSA, 1995, p. 21).

De acordo com a teoria dessa autora, o conjunto de palavra-ocorrência, para ser considerado glossário, deve ser apresentado em um contexto definido de uma única atualização. Importante ressaltar que Barbosa (1995) considera a palavra como unidade-padrão do glossário.

Tal conjunto de palavra-ocorrência proposto por essa autora pode vir de uma obra literária, por exemplo. Sabe-se que os autores literários (não apenas) ousam e buscam a expressividade lexical para traduzir idéias, conceitos e imagens não originais de maneira nova. Geralmente, essa busca lexical é fundada na pesquisa da expressividade da palavra, nela

mesma ou na frase para exprimir de uma forma inédita certa visão pessoal do mundo. No nosso caso, é perceptível que a literatura sempre teve papel decisivo na criação de neologismos. Atualmente, junto à literatura é inegável que várias linguagens como jornalismo, publicidade, música entre outras, têm contribuído para a renovação do nosso léxico, tornado-se, assim, um vasto campo para pesquisa, sobretudo, a lexicológica e lexicográfica.

Pudemos concluir, então, que o glossário, neste contexto, recupera, armazena, e compila palavras de um texto ou discurso específico e concretamente realizado. Mas pode ser visto, também, como um dicionário especial ou uma lista de palavras que consigna vocábulos sobre os quais um leitor comum pode ter dificuldades para entendê-las. Por isso, é normal a anexação de glossários em livros especializados ou não a fim de elucidar as palavras técnicas, expressões regionais e as pouco usadas em um dado texto. Contudo, os glossários se assemelham aos dicionários na colocação das suas entradas as quais são em ordem alfabética.

Assim, inúmeros glossários têm sido publicados com a finalidade de completar os dicionários gerais da língua, inclusive, tem-se publicado dicionários e glossários de neologismos que são úteis não apenas para o tradutor ou filólogo, mas também para o lexicólogo; especialmente para ter em mãos os vários tipos de obras lexicográficas ampliando assim, sua pesquisa e conhecimento de uma parte maior do léxico.

Sabe-se que os dicionários, glossários e vocabulários constituem uma organização sistemática ou ao menos uma tentativa de descrição do léxico. Desse ponto de vista, trata-se de produtos culturais direcionados ao consumo do grande público, apesar de que o dicionário é um produto de ordem comercial, ao contrário de outras obras.

Os critérios gerais elaborados por nós para a seleção dos neologismos que comporão o glossário determinam o levantamento de toda forma lexical inusitada e não atestada nos

dicionários pesquisados e, também, as palavras cujo sentido não estiver condizente com o atestado pelos mesmos dicionários utilizados como *corpus* de exclusão.

Além desse fato, o trabalho em questão examina o léxico sousandradino sem nunca deixar de lado as orientações da teoria investigada. Isso quer dizer que os neologismos encontrados em tais obras serão analisados tendo-se em vista os significados que assumem no interior do texto literário.

Passemos agora a uma descrição de todo o processo de elaboração e implementação do glossário proposto por nós nesse trabalho, tratando inicialmente da macroestrutura que comporá esta obra lexicográfica e, em seguida, apresentaremos esse glossário em sua microestrutura.

4.1.1 Da macroestrutura

A constituição do *corpus* desta pesquisa, na qual analisamos as criações lexicais sousandradinas nas primeiras edições das obras Harpas Selvagens (1857) e Harpa de Ouro (1889/1899), resultou de uma compilação dos neologismos encontrado nessas obras.

Em relação à escolha das obras, optamos por trabalhar as primeiras edições com o intuito de manter a ortografia original do autor, para não incorrermos no risco de perder o sentido proposto por Sousandrade nas atualizações. Assim, escolhemos uma obra que principiou o trabalho desse autor – Harpas Selvagens (1857) e outra que ‘finalizou’ - Harpa de Ouro (1888/1899). Sabe-se que esta foi uma das últimas obras de Sousândrade a ser publicada. A finalidade da escolha dessas obras (inicial e final) é de observar se houve algum tipo de variação quanto ao uso de neologismos no decorrer da produção literária desse autor.

Do ponto de vista da macroestrutura, o glossário se limita a tratar apenas dos substantivos, adjetivos e verbos. De posse dessas palavras, verificamos a condição de atestadas e não atestadas nos seguintes dicionários aqui escolhidos também pela ordem cronológica de publicação: Dicionário de Língua Portuguesa, de Antonio de Moraes Silva, publicado em 1813. Esse dicionário foi escolhido por ter sido publicado antes da produção das obras literárias escolhidas. Também consultamos: Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa de Francisco Júlio Caldas Aulete, publicado em 1881. Já esse dicionário foi escolhido por ter sido publicado no período de tempo em que as obras analisadas estavam sendo produzidas. Entretanto, para a verificação da atualização das palavras não atestadas no *corpus* de exclusão, foi feita uma consulta, também, no Dicionário Eletrônico *Houaiss*, o qual é atual e de grande circulação. O conjunto de palavras não atestadas por estes dicionários foi considerado por nós neologismos e constituiu o glossário.

O conjunto de entradas está organizado em ordem alfabética, preconizando a ortografia original, a fim de facilitar a consulta e todas as entradas têm o mesmo formato. Contudo, apresentamos um bloco de informações extras, denominado ‘notas lingüísticas’, logo após aclarar o sentido dos neologismos analisados. Nas notas lingüísticas são registradas a possível interpretação do verso ou da estrofe de forma contextual e/ou histórica, além de observações de cunho enciclopédico e/ou lingüístico sobre o vocábulo neológico. Desse modo, organizamos o glossário observando os seguintes aspectos em relação às entradas:

- Contextualização e embasamento das definições pelas abonações que atingiram desde um sintagma completo até uma estrofe. Isso com intuito de conseguir uma melhor definição com base no sentido proposto pelo autor.
- Explicação breve e objetiva para o significado do neologismo utilizando o conteúdo semântico em relação ao contexto de ocorrência. Se necessário, para o esclarecimento

dos elementos novos, faremos uso da sinonímia e antonímia para as acepções neológicas, além de sentidos propostos pelos dicionários, por meio das bases lexicais.

- Listagem dos nomes sempre no masculino singular e, para os verbos, no infinitivo.

4.1.2 Da microestrutura

Os campos propostos por nós aparecem compondo um paradigma cujo comportamento descritivo é uniforme na estrutura do conjunto de entradas que constitui o glossário. Orientamo-nos pela seguinte fórmula: Entrada; Base lexical; Entrada + categoria gramatical + gênero + número de ocorrência; Abonação + referência bibliográfica; sentido; notas lingüísticas.

Para a apresentação da microestrutura do glossário consideramos o seguinte para os verbetes:

- Distribuição dos verbetes em ordem alfabética composta por neologismos formais e semânticos. Tais entradas são numeradas e configurada em caixa alta e em negrito.
- Montagem de um quadro buscando em apenas dois dos dicionários consultados, as bases lexicais, quando existentes, com suas respectivas definições a fim de aclarar o sentido do vocábulo neológico criado por Sousândrade. As acepções que aparecem no quadro são apenas as que, porventura, estiveram em consonância com o contexto das obras literárias ou que sugeriram um possível sentido para a lexia nova.
- Lançamento da entrada, novamente, após os quadros de bases lexicais, desta vez, ainda em caixa alta e em negrito, seguida da abreviação da categoria gramatical e gênero e, ainda, seguida do número de ocorrência do vocábulo nas referidas obras.

- Abreviação das categorias gramaticais e gêneros, nesse caso, consideramos: s.m. - para substantivos masculinos; s.f. - para substantivos femininos; adj. - para adjetivos; v.t. - para os verbos transitivos; v.i. - para verbos intransitivos.
- Lançamento de abonação que pode tomar um sintagma completo ou até envolver toda uma estrofe. Desse modo, o lexema '**Abonação**' aparece em negrito. Em seguida, a abonação é transcrita em itálico com a palavra neológica destacada nas entradas abonatórias em negrito e por meio do uso dos símbolos <, no início, e > no final da palavra como em: <**neologismo**>. Ao final da abonação lançamos como referência bibliográfica as iniciais das obras e a página em que a abonação foi retirada. Assim, temos **HS** para 'Harpas Selvagens' e **HO** para 'Harpa de Ouro'. Como em:
Abonação: "<**Virente-aurea**> *bandeira/ Eu choro assim te olhando/ No ar desenrolando:*" (**HS**, p. 8)
- Apresentação do sentido proposto por nós em relação ao neologismo encontrado, logo após a abonação, desse modo, em explicações rápidas e objetivas em consonância com o contexto de ocorrência. Nessas definições o sentido criado, ainda, poderá ser por sinônimo ou antônimo. Isso com o intuito de delimitar com certa precisão um conceito pertinente com base nos traços conceituais distintivos, aclarando o sentido dos neologismos na obra literária.
- Exposição de um bloco de informações extras denominado de 'notas lingüísticas', a fim de apresentar elementos não definicionais, pois não fazem parte da definição propriamente dita, mas traz informações meramente explicativas ou descritivas da realidade da formação do neologismo analisado, além de avaliação enciclopédica da referida palavra nova.

Assim, a seguir, apresentamos o registro e análise de palavras neológicas cotejadas das obras literárias. Esse trabalho se configura como o produto de um fechamento investigativo sobre o léxico exposto nas escolhidas obras sousandradas. Com base nesses critérios, e como resultado de nossa pesquisa, iniciamos o registro numerado das palavras-ocorrências compondo o referido glossário de neologismos.

4.1.3 Palavras neológicas: análise do corpus

1 ABYSMOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Abismo	s.m. Profundidade, a que se não sabe o fundo.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Abysmo	s.m. logar muito fundo.

ABYSMOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “O’ desespero, ó fado! E sempre, e sempre Nessa queda <**abysmosa**>! Lindo fruto Da manhã suspenso á florea coma Que a borrasca fatal, que a mente accende, Agita e lança ao pó: cobre-o a poeira,” (HS, p. 31).

Sentido: Assustador; que causa abismo; que ocorre sem previsão; súbito; precipitado; assombroso; profundo e constante.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘abysmosa’, contextualizado nesta abonação, aparece produzido por meio do substantivo ‘abismo’ (abismo + osa), contudo diverge do sentido proposto pela base lexical. Esse adjetivo se refere à situação de ‘queda’ refletida como uma causa do desespero apresentado pelo eu lírico no poema, caso de uma queda abismosa. Desse modo, esse desespero, essa tristeza e esse pessimismo exagerado são características românticas apresentadas pelo poeta. Nesse caso, embora tenha transcendido o Romantismo como tendência literária Sousândrade não o abandonou. Como o substantivo ‘abismo’ se refere especificamente à profundidade ou lugar muito fundo, esse sentido não condiz com o sentido proposto pelo poeta. Assim, o adjetivo ‘abysmosa’ pode ser caracterizado como um neologismo semântico, já que houve grande movimentação dos semas. Embora o vocábulo ‘abismosa’ não tenha sido encontrado nos dicionários usados como *corpus* de exclusão, já se

encontra dicionarizado atualmente, entretanto, apresenta sentidos ainda divergentes na abonação.

2 ACENTRADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
centro	s.m. O que dista igualmente dos extremos de uma linha ou de qualquer corpo; o meyo; no âmagô.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
centro	s.m. (por ext.) O meio de um espaço qualquer.

ACENTRADO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “ *A lustrosa cantan, que se ergue olente; <<Já tayócas se alastrão doidamente <<Ou vão subterrâneas; n’alta matta <<O acauan cantou, echos de longe <<Levárão por mais longe os outros echos; <<Acimão-se nos céos os sete-estrellos, <<Acentrada> n’um forno a lua pende – <<Outros signaes eu vi – todos os astros <<São maiores, mais luzem; são mais fundo* ” (HS, p. 282).

Sentido: Colocado ao centro; centralizado; que se centrou; lançado ao meio; no âmagô.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘acentrada’, nesta abonação, aparece produzido por meio do substantivo ‘centro’ (a + centro + ada), mantendo o sentido proposto pela base lexical. Esse adjetivo se refere à ‘lua’ que foi lançada ao centro de uma situação constrangedora em comparação aos demais astros os quais parecem ao poeta como mais importantes. Nesse contexto, tanto os astros como a lua são personificações de personalidades importantes conhecidas por Sousândrade e, naquela época, tinham o comando da sociedade, tratava-se, principalmente, os políticos e religiosos. Assim, os ‘astros maiores’, ou seja, as pessoas de maior poder aquisitivo e político, eram consideradas pelo poeta como uma plêiade no auge do poder: “acimão-se nos céus”, e a lua, representação que pode caracterizar o próprio poeta, um

astro de menor “intensidade” ou de pouca influência, é colocada em uma situação de desconforto em meio aos outros ‘astros’ como se o jogassem ‘num forno’. Nesse caso, o adjetivo ‘acentrada’ se trata de um neologismo formal.

3 ACHO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
achar	v.t. Vir no conhecimento; inventar alguma verdade; averiguar; verificar.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
achar	v.t. encontrar por acaso ou procurando; descobrir; inventar; reconhecer; verificar; notar

ACHO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Divinos ontens. Céus abaixo, Desço; fui cimos, fui vulcão: Desço, às planícies percos e < achos>, Mas sem dispnéia ao coração Do subir da glória qual Naxos C’roa d’ariadna. Solidão*” (HO, p. 448).

Sentido: Novo; circunstancial; reconhecido; doloroso; inventado; descoberto por acaso.

Notas Lingüísticas: O adjetivo plural ‘achos’, aparece, a princípio, produzido por meio do verbo ‘achar’ conjugado no presente do indicativo e pluralizado. Este adjetivo foi usado para caracterizar o substantivo feminino plural ‘planícies’. Contudo, pode ser uma referência à Praça de Acho¹⁶, uma praça de touros em Lima no Peru. Esse adjetivo caracteriza o estado de espírito do eu lírico que não se encontra em uma posição confortável ante as movimentações políticas e sociais ocorridas no país, já então percebido como uma arena de lutas. Tais mudanças, inclusive o regime de governo e a abolição da escravatura, trariam alterações esperadas e inesperadas. Assim, o poeta recorda um passado glorioso: “divinos ontens”, mas

¹⁶ Praça de Touros de Acho (1768), um dos primeiros coliseus da América, onde se apresentam os melhores toureiros do mundo. http://www.br.terra.com/copaamericaperu2004/lima_ptostur.htm 20/01/07

teme um futuro que não consegue antever e que pode ser calamitoso e comparado à tragédia de Ariadne,¹⁷ personagem da mitologia grega que teve um fim trágico na ilha de Naxos.

4 ACIMAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
acimar	v.at. antiq. Acabar: v.g. acimarom um feito, façanha..

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
acimar	Não consta

ACIMAR (v.t.) (1 oc.)

Abonação: “<<O acauan cantou, echos de longe <<Levarão por mais longe os outros echos; <<**Acimão**-se> nos céos os sete-estrellos, <<Acentrada n’um forno a lua pende – <<Outros signaes eu vi – todos os astros <<São maiores, mais luzem; são mais fundos <<Os campos, perto os mattos d’outra banda” (**HS**, p. 282).

Sentido: Sobressair-se; distinguir-se; revelar-se; surgir; destacar-se.

Notas Lingüísticas: O verbo ‘acimar’ (a + cima + ar), apesar de aparecer atestado em um dicionário atual e em um dos dicionários do *corpus* de exclusão, ganha, aqui, sentido bastante divergente. Nesse caso, esse vocábulo apresenta a idéia de algo sobressalente que se distingue dentre vários. De acordo com a abonação o que sobressai são os ‘sete-estrellos’ que se trata de uma plêiade ou conjunto de pessoas ilustres de uma sociedade. Em relação ao contexto histórico, o poeta apresenta características de uma sociedade marcada pelo poder do dinheiro e da coerção. Neste tipo de sociedade sempre existem pessoas que tentarão mudar a situação, pois a base: “os mattos d’outra banda”, ou seja, o povo que rodeia e margeia a elite autoritária

¹⁷ Personagem da mitologia grega. Forneceu a seu amado, Teseu, o fio que lhe permitiu sair do labirinto onde se encontrava o Minotauro. Abandonada na ilha de Naxos, teve fim trágico. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

e detentora do poder, tentará sempre reverter a dominação. Para isso, torna-se necessário que as informações passem de uma pessoa para outra, como ecos do canto do ‘acaúan’ “que levarão por mais longe outros ecos” outros gritos. Assim, num determinado momento a mudança acontece como uma revolução. Assim, ‘acimar’ se configura em neologismo semântico.

5 AEREAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Aéreo	Adj. Pertencente ao ar; da natureza do ar; feita na atmosfera, ou região do ar; que anda no ar.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Aéreo	Adj. Que é de ar; que vive no ar; vão sem fundamento.

AEREAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Hão trombas como os elefantes, Talvez de mor força moral, As borboletas estelantes Qual alma em luz <aereal>: Aquelas dão guerras ruidantes; Esta glória a Plato e ao rosal*” (HO, p. 443).

Sentido: Que se apresenta superior, elevado e de forma sublime; relativo ao ar; que paira no ar.

Notas Lingüísticas: Com o adjetivo ‘aereal’ (aéreo + al) o poeta compara as borboletas brilhantes, personificação de pessoas alegres, festivas e inconstantes, com as almas que se encontra em um nível superior: “qual alma em luz aereal” e elas, nesse vôo de brilho, ou seja, nessa ascensão social, encham o local, o ‘rosal’, de glória. Nessa abonação, com sentido também metafórico, o poeta esclarece que pessoas carrancudas e irritadiças que demonstram mau humor podem inclusive provocar brigas “guerras ruidantes”, já as pessoas alegres e bem dispostas conseguem muitas conquistas gloriosas. Em relação à análise desse vocábulo, ele se

configura como um neologismo formal, pois foi formado a partir de uma base lexical atestada nos dicionários pesquisados, contudo apresenta uma mudança de semas traduzindo à base lexical um sentido de elevação numa dimensão que transcende o significado apresentado por ela. Desse modo, o vocábulo ‘aereal’ pode ser considerado, também, neologismo semântico.

6 AGULHA-IMÃ

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Agulha	s.f. Instrumento de coser com ponta; fig. O mexeriqueiro intrigante que faz inimizades; Instrumento que dirige os navegantes mostrando-lhe os rumos dos ventos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
agulha	s.f. hastezinha de aço aguçada em uma extremidade; fig. Mexeriqueiro, intrigante; agulha de marear .

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
iman	s.m. Pedra ferrenha que tem virtude de atrahir o ferro; fig. Attractivo; qualidade que attrahe e ganha a amizade, amor.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
imã	s.m. o magnete, o ferro, magnético. Fig. attracção.

AGULHA-IMÃ (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Polaris ciclista, da rosa D’em voltas – brilhas qual manhã! Beijo a cabeça gloriosa: Oh! strelejas! feres! "Mãe Só a beija!" Tal corajosa Treme abalada< agulha-imã>”* (HO, p. 434).

Sentido: Indivíduo inconstante, inseguro e intrigante, mas que atrai a amizade e direciona a confiança, o carinho e os bons sentimentos das outras pessoas.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘agulha-imã’ o poeta reuniu dois substantivos compondo um neologismo formal. A nova palavra foi utilizada para ‘codinomear’ a princesa Isabel que estava sendo pressionada por todas as vertentes políticas da época em relação à abolição da

escravatura e não demonstrava firmeza quanto a suas ações: “da rosa d’em voltas”. Nesse caso, o poeta criticou, mas reconheceu que não era uma situação de fácil resolução: “beijo a cabeça gloriosa”. Todavia, qualquer decisão poderia agradar alguns e ferir outros: “Oh! Estrelejas! Feres!... treme abalada...”.

7 ALGODOOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Algodão	s.m. Fruto do algodoeiro; um casulo oval e verde.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Algodão	s.m. Felpa que rodeia as sementes do algodoeiro. Longa, sedosa e de cor branca.

ALGODOOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: *“Nem oiro nem riquezas a fazião, Seu ser todo era ella, uma flor nua, Toda cheirosa e bella de si mesma: Doces nuvens de um puro firmamento Depois da chuva á tarde, os seus vestidos Pelo seu corpo <algodooso> e tenro, Os braços longos de vergôntea, os hombro De seda, se anilando se abrandavão; Se espreguiça no seio alvoreas pérolas, Com as bonanças do alto mar vivendo” (HS, p. 133).*

Sentido: Aconchegante; que se apresenta muito acolhedor; que causa impressão agradável aos sentidos.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘algodooso’ (algodão + oso) aparece produzido por meio do acréscimo do sufixo – oso que traduz a idéia de abundância, não de algodão, mas de maciez, de suavidade e paz. O poeta, numa situação de descrição erótica da musa, caracteriza o corpo da amada de ‘algodooso’, ou seja, muito macio. Ele, na verdade, faz uma descrição personificada do estado da Bahia por onde passara uns tempos. Sousândrade tem por estilo personificar as coisas e lugares por onde passou e se sentiu seduzido pelo lugar ou pelas

pessoas. Nesse caso, descreve um lugar que não apresenta riquezas: “Nem oiro nem riquezas a fazião”, mas que atrai e seduz pela beleza: “toda cheirosa e bella de si mesma”. Esse vocábulo se configura como um neologismo formal e semântico, já que houve variação quanto à forma e ao sentido.

8 ALIANÇA-AMOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Alliança	s.f. Parentesco por afinidade; Confederação; Mistura, liga dos metaes.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Alliança	s.f. Ato pelo qual duas ou mais pessoas se alliam; resultado dessa acção.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Amor	s.m. Sentimento com que o coração propende para o que lhe parece amável.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Amor	s.m. Afeição profunda;

ALIANÇA-AMOR (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Quem não ama curvar-se, ó bela, Sob o arco d’<aliança-amor>? Dentes como as frescas estrelas; Boca, o rosal sagrado em flor E esse do olhar lampear centelhas Reveses, doirado negror*” (HO, p. 431).

Sentido: Ato ou efeito de aliar-se por finalidade ou afeição profunda; pacto ou tratado entre pessoas ou entre indivíduos, povos ou governos para determinada finalidade que envolva sentimentos pessoais de afeto, benevolência e confiança.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘aliança-amor’ o poeta reuniu dois substantivos compondo um neologismo formal. A nova palavra foi utilizada para ‘nomear’ o ato em que as pessoas deveriam se envolver para que as conquistas políticas e sociais da época pudessem acontecer. Uma ‘aliança-amor’ foi sugestão do poeta à princesa Isabel que deveria conquistar a

confiança de todos os seus oponentes: “Quem não ama...” e fazer com eles uma espécie de aliança embasada por bons sentimentos para que mudassem de idéia e a apoiassem provocando, assim, ‘reveses’ de opinião entre eles.

9 ALMA-CLARIDÃO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Almo	adj. Poet. Criador que ajuda a vegetação: v.g. o almo sol; alma alegria.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Almo	adj. (poet.) que cria ou alimenta; santo, venerável; benigno, benéfico.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Claridão	s.f.. não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Claridão	s.f. ; não consta

ALMA-CLARIDÃO (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “Nuvem... que metamorfoseia Relâmpago... <alma-claridão> De Jesus, que eterno incendeia Sempre presente ao coração: Reino de Memória e cadeia De geração em geração” (HO, p. 442).

Sentido: Ser santo que reluz; ser benevolente que irradia luz santa; princípio instantâneo de vida que ilumina; que enche de luz; venerável.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘alma-claridão’ o poeta reuniu adjetivo e substantivo compondo um neologismo formal no qual a segunda palavra surge da junção da base lexical ‘claro’ com o sufixo -idão. A palavra foi criada para ‘renomear’ um relâmpago: fenômeno natural, que ao acontecer dissemina sua luz com tanta intensidade, rapidez e força. Este é comparado, pelo poeta, à força de Jesus Cristo eterno, cuja palavra se espalhou pelo mundo e causou, rapidamente, modificações no modo de pensar e agir da humanidade, permanecendo

“sempre presente ao coração” e na memória das pessoas em todas as gerações, como uma luz de brilho intenso, contínuo e benevolente.

10 ALMA-DEUS

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Alma	s.f. Substancia espiritual que anda anexa aos corpos durante a vida.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Alma	s.f. Parte incorpórea do homem; a sede da sensibilidade e da vontade.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Deos	s.m.. O Ente Supremo, Infinito em todas suas perfeições; criador do universo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Deus	s.m. Em Theol. Christan, ente tríplice e uno, infinitamente perfeito, livre e inteligente, criador e regulador do universo;

ALMA-DEUS (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “Indianas calmas - oh! iandara! Oh! inruceêm dos favos teus Do céu da boca: a nós cantara Te Deum laudamus! <**Alma-Deus**> Em que o doce amor encantara Os dias nossos, teus e meus” (HO, p. 439).

Sentido: Ser de instinto intenso que comanda; ser absoluto; ser de grande poder e perfeição; princípio instantâneo de vida que regula e ilumina; sensibilidade de infinita perfeição.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘Alma-Deus’ o poeta reuniu dois substantivos compondo um neologismo formal. Nesse contexto, uma alma infinitamente perfeita, inteligente e livre proporciona um “doce amor” ao eu lírico e encanta os dias do poeta.

11 ALMOÇO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Almoço	s.m. Comida com que se quebra o jejum, antes do jantar.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
----------------	---------------------------------------

Almoço	s.m. Refeição que geralmente se come pela manhã.
--------	--

ALMOÇO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Talheres de oiro, ao aristocrata <Almoço> estou. Democracia No jornal, lembra a intemerata Nau de Páris... só carecia D’estivador-curtidor. Grata Berlim, como é Faure a harmonia!*” (HO, p. 449).

Sentido: Que se apresenta indefeso e apetitoso; de fácil manipulação; que causa impressão de estar pronto para ser devorado; incorporável; controlável.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘almoço’ aparece da adjetivação de um substantivo. Produzido por meio do acréscimo de novos semas a uma palavra já existente e atestada nos dicionários consultados, ‘almoço’ se configura como um neologismo semântico. Nesse caso, não houve variação quanto à forma vocabular, mas quanto ao sentido. Utilizando o vocábulo ‘almoço’ de forma inusitada, Sousândrade apresenta o eu lírico em meio a um processo da transformação política, econômica e social que ocorria no país naquela época. A divisão das classes sociais está bem aparente nessa estrofe. Para os aristocratas “talheres de oiro”, pompa, conforto e poder, isso para que se fizessem importantes sobrepujando os menos favorecidos na base da exploração. De acordo com essa estrofe, a democracia, forma de governo tão sonhada pelo poeta, de acordo com os jornais era pura, incorrupta e íntegra. Contudo, não era o que acontecia na realidade do país, pois o povo vivia sacrificado e explorado pela minoria aristocrata que tudo decidia, sempre, a favor da própria acumulação de riquezas e poder.

12 ALMO-FLUENTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Almo	Adj. Poet. Criador que ajuda a vegetação: v.g. o almo sol; alma alegria

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
----------------	---------------------------------------

Almo	Adj. adj. (poet.) que cria ou alimenta; santo, venerável; benigno, benéfico
------	---

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Fluente	Adj. Fluído; que vai correndo; v.g. a chama é fogo fluente.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Fluente	Adj. Fluído, corrente; fig. Espontâneo, que lembra ou compreende fácil.

ALMO-FLUENTE (Adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Que vai ficando atrás do pó que erguemos, Os olhos inda estão, e os meus sómente Procurão naufragar, morrer... quem dera Porto de salvação onde ancorassem! - Um mar tempestuoso eu tenho dentro, Como este mar desesperado eu ando: Estes raios da noite <almo-fluentes> não me afagam. A lua cor das alvas Atravessa o occidente matutino,*” (HS, p. 126).

Sentido: Que flui com beleza e benevolência; que surge como um princípio instantâneo de luz que é corrente e alimenta; que surge de forma instantânea e benigna.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘almo-fluentes’ o poeta compôs um neologismo formal. Nesse contexto, esses contrastes entre calma e desespero, tormenta e quietude, salvação ou morte, claro e escuro e dia e noite traduzem um ambiente tipicamente barroco no qual Sousândrade apresenta uma arrojada cadeia metafórica e um eu lírico conflitante e pluralista. Assim, os ‘raios da noite’ ou princípio de noite deveriam acalmar eu lírico, mas não consegue afagá-lo. O poeta se apresenta com uma alma tempestuosa e inquieta, movimentada por angústias e desespero, isso o faz inconsolável. Percebe-se aqui, também, a influência do clima do Romantismo ‘mal do século’.

13 ALVO-AZUL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Alvo	Adj. Muito branco.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Alvo	Adj. Branco. Fig. Candido, puro

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Azul	Adj. Tinta azul; cor da massa extrahida do anil; cor do céu limpo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Azul	Adj. Que é da cor do céu sem nuvens; poet. firmamento.

ALVO-AZUL (Adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Que madrugada! voava aos ares Uma alva luz, luz <alva-azul> (Da flor de Zêni aos alamares) De Zêni e Célia, alguém do Sul Despertavas boa: que os Lares Aos teus clamavam... de Stambul*” (HO, p. 435).

Sentido: Que se percebe de uma cor que demonstra um tom límpido de azul; surge em uma cor que brilha branca e azulada ao mesmo tempo.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘alva-azul’ o poeta reuniu dois adjetivos compondo um neologismo formal. Nesse contexto, na madrugada, a luz do sol surge como se voasse “aos ares” provocando uma sensação de bem-estar ao poeta que a caracteriza de “luz alva-azul”. É como se a luz branca e brilhante do sol se misturasse com o azul límpido do céu.

14 ALVORAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Alvor	s.m. A alva da manhã.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Alvor	s.m. Alva, a primeira luz do dia. Alvura, brancura. brilho.

ALVORAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “<<Tantas riquezas, te denega escassa <<O teu pão de amanhã... se meu esposo... <<Meu esposo feliz! – além desta alma, <<Uns annos <alvoraes> e os meus

amores <<Castos, muito ouro para dar-te eu tenho.>> Os meus olhos na terra pelo ouro!...”
(HS, p. 215).

Sentido: Que está no início, no começo; que principia; que é o primeiro; que é jovem.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘alvoral’ (alvor + al) aparece da adjetivação de um substantivo. Produzido por meio do acréscimo do sufixo – al e de novos semas a uma base já existente e atestada nos dicionários consultados, ‘alvoral’ se configura como um neologismo formal e semântico. Nesse caso, houve variação quanto à forma vocabular e por essa variação de forma o poeta conseguiu implementar novos sentidos ao vocábulo recriado. Utilizando o vocábulo ‘alvoraes’, Sousândrade caracteriza os amores da adolescência como algo que principia a vida amorosa e os exprimem de forma casta, mas cheios de interesses: “os meus olhos na terra pelo ouro”.

15 ALVÓREO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Alvor	s.m. A alva da manhã.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Alvor	s.m. Alva, a primeira luz do dia. Alvura, brancura. brilho.

ALVÓREO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*De seda, se anilando se abrandavão Espreguiça no seio <alvóreas> perolas, Como ás bonanças do alto mar vivendo;*” (HS, p. 133).

Sentido: Que se apresenta com alvura; que possui uma brancura que brilha; que cintila branco e brilhante; relativo ao alvor.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘alvéreas’ aparece da adjetivação de um substantivo. Produzido por meio do acréscimo do sufixo -eo a uma base já existente e atestada nos dicionários consultados. ‘Alvéreas’ se configura como um neologismo formal, pois se manteve o sentido inicial ao se formar uma nova palavra. O vocábulo ‘alvéreas’, serviu para Sousândrade caracterizar as pérolas que se “espreguiça no seio” de alguma donzela bem vestida. Essa cena provoca tranqüilidade, desejos e harmonia no poeta que a compara “às bonanças do alto mar”.

16 ALVURA-MEL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Alvura	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Alvura	s.f. qualidade do que é alvo; brancura. Fig. Pureza, candura

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
mel	s.m. Succo doce que as abelhas recolhem das flores em seus favos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
mel	s.m. substância líquida e assucarada que as abelhas extraem das flores; fig. Grande doçura; extrema suavidade: mostrando mel nos beiços.

ALVURA-MEL (s.f.) (1 oc.)

Abonação: *“Vejo-a toda hora, à ubiquidade Nos céus, na terra, em meu hotel, O mesmo olhar e a divindade, Quão isolante e a <alvura-mel>! Mamã dizia "ser a lealdade" E a fronte queima-me o laurel” (HO, p. 448).*

Sentido: Qualidade, estado ou condição do que é claro e suave; brancura que se apresenta doce e terna; qualidade ou característica do que é puro; candura; inocência que se percebe com cândida doçura.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘alvura-mel’ o poeta reuniu dois substantivos compondo um neologismo formal. Nesse contexto, o poeta apresenta a lealdade como uma qualidade de grande valor para as pessoas daquela época. Sendo assim, essa qualidade deveria estar presente concomitantemente em toda parte e em todas as pessoas, além de ser transparente, suave e pura, já que era necessário saber com quem poderia contar e em que situação: “vejo-a toda hora, à ubiqüidade”. Naquela época, o país se encontrava em grande transformação política e o ‘estado’ precisava de pessoas leais.

17 AMAZÓNEO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Amazona	s.f. não consta
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Amazona	s.f. mulher de ânimo varonil e guerreiro; dama que monta a cavalo...

AMAZÓNEO (adj.) (1 oc.)

Abonação: *“Campeã sobranceira pelas nuvens, Imagem do condor das serranias! Arma e justiça no <amazono> braço, Ergue os teus filhos que te erguer sonharão; (...) Saliva invída, mas desprezo há nella! - A onde é viva a riqueza o homem corre, Todos amão viver, a pátria encontram: Em jazer dormente, não amigos” (HS, p. 303).*

Sentido: Forte; justo; varonil e guerreiro; imponente; relativo ou pertencente à amazona.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘amazóneo’ aparece formado pelo substantivo feminino ‘amazona’. Esse vocábulo foi produzido por meio do acréscimo do sufixo - eo a uma base já existente e atestada em um dos dicionários consultados. ‘Amazóneo’ se configura como um neologismo formal mantendo o sentido inicial da base lexical pela qual se formou uma nova palavra. O vocábulo ‘amazóneo’, serviu para o poeta caracterizar o Brasil ao se constituir

nação. O país deveria ser forte e lutar para impor suas decisões usando de braços fortes e guerreiros, levando a justiça em um “amazóneo braço”.

18 AMBROSIADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Ambrósia	s.f. manjar dos deuses da Fábula; cheiro suave; um planta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Ambrósia	s.f. alimento dos deuses do Olympo que dava e conservava a imortalidade; coisa que deleita e produz um prazer inefável; planta que exalam um cheiro activo semelhante ao do almíscar e ao do âmbar.

AMBROSIADO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Sua cabeça me encostou no peito Namorado, sua nuvem de cabellos D’<ambrosiadas> noites na montanha Despejou nestes hombros longos crespos! Cheirosa e pura, como os lírios são No vaporoso e candido crepúsculo*” (HS, p. 36).

Sentido: Que deleita e produz prazer pelo cheiro e pela aparência; que possui agradável perfume; Cheiroso e escuro.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘ambrosiado’ (ambrósia + ado) aparece formado pelo substantivo feminino ‘ambrosia’. ‘Ambrosiadas’ se configura como um neologismo formal e semântico, já que houve mudanças na forma e no sentido do vocábulo base. Nesse caso, o vocábulo ‘ambrosiadas’ passou a se referir e caracterizar, também, cabelos perfumados e negros como as noites numa descrição sublime e romântica da musa, feita pelo poeta.

19 AMORENADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Moreno	Adj. De cor parda escura.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Moreno	Adj. Diz-se de quem tem a cor um pouco escura; trigueiro.

AMORENADO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Cantando sobre os cachos: zumbe a abelha, A silvestre urucu se envermelhece*
Nos humidos matizes, se revolve Na dourada resina que destila O bacuri-panan de amenos
bálsamos E <amorenada> fruta. O sol fechou-se” (HS, p. 96).

Sentido: Que aparenta uma cor parda escura.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘amorenado’ (a + moreno + ado) que aparece formado pelo adjetivo ‘moreno’, encontra-se dicionarizado atualmente, contudo pode ser considerado como um neologismo semântico, já que houve mudanças no sentido do vocábulo base e passou a se referir, também, à fruta. Essa estrofe demonstra, claramente, que Sousândrade, também, seguiu as tendências românticas de valorização do ambiente natural como refúgio. Aqui, o eu lírico se deleita com a imagem tranqüilizadora que a natureza o proporciona. A natureza é descrita com adjetivos: “dourada”, “amenos” – que exprimem o ponto de vista do poeta em relação àquele ambiente que o leva a um momento de paz e reflexão.

20 AMOR-LUZELUZ

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Amor	s.m. Sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amável; afeição; bemquerença de nós mesmos e de nossas coisas

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Amor	s.m. Afeição profunda; sentimento vivo de gosto por alguma coisa; apego; desejo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Luze-luze	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Luze-luze	s.m. (pop) pyrilampo; f. Luzir

AMOR-LUZELUZ (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “Erra no umbror gota de luz, Lume de um hino dos cismares Dela, que vem, que a mim conduz De descobrimentos stelares Sonhos seus de <amor-luzeluz>. São Salvador! ao navegante Quão belo o ser salvo por ti ” (HO, p. 438).

Sentido: Sentimento de apego e bem-querer muito intenso e visível; grande afeição e desejo aparente que reflete afinidade entre duas pessoas.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘amor-luzeluz’ o poeta reuniu dois substantivos compondo um neologismo formal e semântico. Nesse composto sousandradino, a segunda palavra: luzeluz - surgiu da variação do vocábulo atestado por um dos dicionários consultados: ‘luze-luze’. O poeta usou um composto suprimindo o hífen e a última vogal, conseguiu uma movimentação dos semas e criou novos sentidos para aquela base, além de incorporá-la a outra base. Nesse caso, o poeta apresentou outra denominação para um sentimento almejado por alguém, ou seja, um “amor-luzeluz” que seja forte, reluzente e perceptível a todos.

21 ANDEAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Andes	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Andes	Não consta.

ANDEAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Eis de Setembro a inteligência; Ou d’Iporanga a onda cristal Onde bebeu a Independência Ou do chileno côndor <anddeal> Que a esta nova era abre existência, Fulgores toda a Ilha Fiscal...” (HO, p. 435).

Sentido: Que advém dos Andes; relativo aos Andes; típico de região montanhosa;

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘andear’ (andes + al) aparece formado pelo substantivo ‘Andes’. Nesse caso, esse neologismo formal foi criado por uma menção feita pelo poeta à Cordilheira dos Andes, região do Chile – país sul-americano. Este contexto demonstra um pouco do americanismo de Sousândrade que nutria um ideal de ter uma América próspera e livre da colonização. Por isso, é comum encontrar referências à cultura, região e povo americano em toda a obra sousandradina. Nesta estrofe, o poeta menciona, ainda, acontecimentos políticos importantes como a independência do Brasil, proclamada às margens do Rio Ipiranga e ainda menciona Cuba, a ‘ilha fiscal’ que havia ficado livre da dominação espanhola em 1899, contudo permaneceu sob intervenção norte-americana. Assim, Sousândrade menciona ambas as independências a do Brasil e a de Cuba.

22 ÂNDEO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Andes	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Andes	Não consta.

ÂNDEO (adj.) (2 oc.)

Abonação: “*Na amendoeira refletida; Teu nome eu gravo; o ergui do chão: O áureo estilete aí tens, querida Lembrança; guarda-o; e por tua vida Graves meu nome: és o meu pão - Oh, quão faminto o coração! O pão d'alma e luz, do banquete Montevideano, em que faz Brinde d'honra a cisplatinete Irmã mais velha, a doce paz De Buenos Aires e o Catete, E o <ânde> lar. Sonhar Bogotás.*” (HO, p. 431).

Sentido: Alto e tranqüilo; relativo à região andina; que tem a tranqüilidade e a paz aparente dos que vivem na região andina.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘ândeo’ (andes + -eo) advém do substantivo ‘Andes’ caracterizando a paz sentida pelo poeta. Desse modo, tem-se um neologismo formal criado por meio de uma base toponímica que não consta nos dicionários pesquisados. Nesta estrofe, o poeta, ao mencionar a lembrança que o faz viver, declara que esta lembrança o alimenta com um pão especial proveniente do concílio de paz ocorrido ao terminar uma guerra entre Brasil e Argentina no início do século XIX, a Guerra da Cisplatina (1825-1828). Nesse contexto, trata-se de uma lembrança que o enche de paz e tranqüilidade como se ele vivesse nos Andes, lugar mencionado por ele como despovoado e ainda desconhecido.

23 ANELÃO-ZODÍACO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Annel	s.m. Círculo de metal, com pedras ou sem ellas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Anel	s.m. Círculo de metal ou de outra substancia, que serve para prender ou suspender qualquer coisa.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Zodíaco	s.m. Hum dos círculos maiores da esfera por onde os planetas se movem, está dividido em doze signos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Zodíaco	s.m. Zona ou faixa celeste que tem 18º de largura proximadamente e que gira em torno do céu paralelamente à eclíptica; Cadeia, série ininterrupta

ANELÃO-ZODÍACO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Sou o Sol, tenho altos planetas Aos quais dou luz, mando-os girar No <anelão-Zodíaco>, violetas Afrodita ou Terra-lunar, Zeus-trovador: busco as diletas Do coração. - Mandam entrar?...*” (HO, p. 430).

Sentido: Sociedade em que circula pessoas de alto nível social; círculo social de pessoas com grande poder econômico e político; Grande círculo que comporta os planetas e astros;

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘anelão-zodíaco’, neologismo formal e semântico, surge para demonstrar que toda a alta sociedade do final do século XIX estaria à mercê das mudanças políticas e sociais causadas pela Proclamação da República em 1889. Nessa estrofe, o poeta que sempre almejou esse regime de governo, num arrojado processo metafórico, apresenta a República como um grande poder que atinge, ilumina, ordena e coordena as ações de todos da sociedade, inclusive os de mais alto nível social e os de grande poder político e econômico: “Aos quais dou luz e mando-os girar”.

24 ÁRABE-AMANDO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Árabe	s.m. Título dos Magistrados que entre nós tinham os judeos tolerados até o tempo delRei D. Manuel e que lhe administravão justiça;.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Árabe	Adj. Da Arábia .

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Amar	v.tr. ter amor, afeição a alguém; desejar; querere.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Amar	v.tr. Sentir amor ou ternura por ter afeição; v.i. ter amores; estar apaixonado de amor ou namorado;

ÁRABE-AMANDO (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Tu não és como a árabe infante Encantada no branco corsel Nos desertos d’arêa brilhante, Áurea adaga no cinto de anel, Ou na doce cabilda-ondulante Nos amores de louro donzel; Nos floridos kiosques saltando, Ou n’ogiva fumosa a dormir, Cousas d’Asia amorosa sonhando, Que sonhadas se fazem sentir: Tu não és como a <árabe-amando> Tens no rosto mais santo sorrir! Nem semelha-te a rútila estrela, Nem as ondas douradas do mar,*

Nem a flor esplendida; Terra e céu não te sabe imitar: Brilha uns olhos de bronze e donzela, Docemente te vejo a me olhar” (HS, p. 34).

Sentido: O que não é aparente; que vive de rosto coberto, até mesmo, ao se deitar ou ao se recolher às intimidades.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘árabe-amando’, neologismo formal e semântico, surge demonstrando uma descrição feita por meio de um jogo antitético de atitudes e imagens de alguém. Trata-se de uma descrição pelas vias de oposição. Nesse caso, o poeta percebe a musa como um ser real e concreto e não como uma lenda pertencente a algum conto de fadas asiático.

25 ARENOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Arenoso	adj.m. areyento; prayas areyosas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Arenoso	adj.m. cheio, coberto de areia; areento, areioso, saibroso; que tem areia.

ARENOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: *“Nada mais se aproxima: solitário As bordas me debruço do horizonte, Nutro o abismo de mágoas, de misérias! / Porto de salvação não há na vida, /Desmaia o céu d’estrêlas <arenoso>... / Eu fui amado... e hoje me abandonaram... / Meões do nada, desaparecer-me!” (HS, p. 171).*

Sentido: Se diz do que está cheio; repleto; abarrotado, superlotado, abastado de alguma coisa.

Notas Lingüísticas: O emprego do adjetivo ‘arenoso’ contextualizado nesta abonação literária apresenta um significado bastante divergente das definições dos elementos lexicais presentes nos dois dicionários acima consultados. Nesse verso, o eu lírico, num contexto lúgubre de solidão e muita tristeza, faz referências a um céu que está repleto de estrelas, mas mesmo assim, essa visão não o faz livrar-se das misérias da alma. Num clima melancólico e sombrio, essa estrofe apresenta características do Romantismo ‘mal do século’ a segunda geração romântica brasileira. Neste caso, o adjetivo ‘arenoso’ que se refere especificamente à areia, não condiz com o sentido proposto pelo poeta. Desse modo, o adjetivo ‘arenoso’ pode ser caracterizado como um neologismo semântico.

26 AURAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Aureo	adj. De oiro; em doirado; que abunda em oiro; brilhante; rutilante.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Aureo	adj. De oiro, doirado; cor de oiro; fig. Excelente, magnífico, nobre e elegante.

AURAR (v.i.) (1 oc.)

Abonação: “-O ano da graça, oitenta e cinco, Voltando à pátria, os irmãos meus Velando teu berço e o antigo Mundo incendiado: de Deus Nasceste para mim. Quantos brincos <Auravam> d’esperas por teus!” (HO, p. 446).

Sentido: Fazer-se notar pelo brilho dourado; fazer-se admirar; brilhar; lançar cintilações e brilhos; reluzir.

Notas Lingüísticas: O emprego do verbo ‘aurar’, neologismo formal, nesta abonação apresenta um significado próximo ao da base lexical. O poeta regressava da Europa e encontrava, aqui no Brasil, um ambiente propício para a República: “quantos brincos auravam

d’esperas por teus”, já que vários líderes estavam cuidando “velando teu berço”, esperando para que em breve pudessem proclamar a República. Nesse caso, Sousândrade faz referências ao “ano da graça” (1885), importante para o poeta, pois foi o ano que retornou a São Luis, após uma breve temporada no Chile. Assim, já unido a sua esposa e novamente morando na Quinta Vitória, dividia seu tempo entre a poesia e as lutas contra a monarquia brasileira. Outra referência importante salientada pelo poeta é a questão das revoltas européias as quais foram chamadas de “antigo mundo incendiado”. A Europa passara por graves crises, pois a burguesa ao implantar a industrialização aumentou a exploração do proletariado revoltando o povo.

27 ÁUREA-CÉRULA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Áureo	adj. De oiro; em doirado; que abunda em oiro; brilhante; rutilante.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Áureo	adj. De oiro, doirado; cor de oiro; fig. Excelente, magnífico, nobre e elegante.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Cerúleo	Adj poet. Azul; v.g.as cerúleas ondas do mar.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Cerúleo	Adj. Poet. De cor azul escuro; verde-mar;

ÁUREA-CÉRULA (adj.) (1 oc.)

Abonação: “E um Mac-Kinley imberbe que a pérola Das Antilhas liberta ao mar! Perdida a vi queixosa-quérula: Bradei-lhe, eia! a sós! triunfar! E na imensidade <áurea-cérula> Dos céus de Monroe ei-la a brilhar!” (HO, p. 449).

Sentido: Diz-se da cor azul como o mar ou céu em dias claros, mas com brilho dourado; que tem cor azulada e dourada; que brilha de forma primorosa e bela; relativo ao céu.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘áurea-cérula’, neologismo formal, surge demonstrando a percepção do poeta em relação a uma América livre do colonialismo e formadora de grandes líderes como o mencionado William Mc-Kinley¹⁸ (1843-1901). Grande político norte-americano, e presidente dos Estados Unidos¹⁹ em 1898, Mc-Kinley declarou guerra à Espanha em favor de Cuba uma “pérola das Antilhas liberta ao mar” que brilha na “imensidade áurea-cérula dos céus” americanos.

28 AUREAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Aureo	adj. De oiro; em doirado; que abunda em oiro; brilhante; rutilante.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Aureo	adj. De oiro, doirado; cor de oiro; fig. Excelente, magnífico, nobre e elegante.

AUREAR (v.i.) (1 oc.)

Abonação: “*No valle a prágana <aureando> ao sol! A terra estava negra, rebuçada Em camadas de cinza; além, além Crepe alvacento levantando apenas – E o céu nem soube dar-me um fresco orvalho!*” (HS, p. 292).

Sentido: Fazer-se secar pelo e ao calor; livrar-se da umidade pela exposição ao ar livre para o armazenamento e conservação.

Notas Lingüísticas: O emprego do verbo ‘aurear’, neologismo formal e semântico, contextualizado nesta abonação literária apresenta um significado diferente da base lexical. Nesse contexto, tal vocábulo é utilizado para descrever uma ação que se praticava naquela

¹⁸ ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

¹⁹ A armada americana obteve rápida vitória e o governo espanhol foi obrigado a firmar um protocolo de paz em Washington, em agosto do mesmo ano. Pelo Tratado de Paris, firmado em 10 de dezembro, a Espanha cedeu aos Estados Unidos os territórios de Cuba, Porto Rico, Guam e as Filipinas. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda

época de expor os alimentos ao sol para que se fizesse uma secagem e, só então, armazenar o alimento: “no valle a prágna aureando ao sol”. Nessa estrofe, o poeta denuncia, também, as queimadas que os agricultores faziam após a colheita: “A terra estava negra... em camadas de cinza”.

29 ÁUREO-NEGROR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Áureo	adj. De oiro; em doirado; que abunda em oiro; brilhante; rutilante.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Áureo	adj. De oiro, doirado; cor de oiro; fig. Excelente, magnífico, nobre e elegante.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Negro	adj. De cor preta como a tinta de escrever, carvão apagado.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Negror	s.m. pretidão, negrura.; Escuridade densa

ÁUREO-NEGROR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*E os olhos seus relampaguearam <Áureo-negror>, cóndoro vôo - E nem adeuses resgataram De amor nem fria não tocou - Olhos terríveis! umectaram Ao pranto, que os não separou*” (HO, p. 447).

Sentido: Cor negra brilhante ou que reflete a luz; escuridão densa rutilante; negrura brilhante de tom dourado; escuridade densa reluzente.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘áureo-negror’, neologismo formal, demonstra que o poeta, neste composto formado por adjetivo e substantivo, descreve certos olhos que são tão negros que chama a atenção do eu lírico. Esses olhos, ao se fixarem na direção do poeta, funcionam como raios emitidos por relâmpagos, ou como o olhar de ampla visão que observa as coisas

de cima como um condor em vôo, em busca da caça, contudo transmitem uma tristeza muito profunda “umectaram ao pranto” denotando uma prévia separação.

30 AURIALVA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Áureo	Áureo: adj. De oiro; em doirado; que abunda em oiro; brilhante; rutilante.
Alvo	Alvo: adj. Muito branco;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Áureo	adj. De oiro, doirado; cor de oiro; fig. Excelente, magnífico, nobre e elegante.
Alvo	Alvo: adj. Branco. Fig. Candido, puro.

AURIALVA (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Deixem-ma <aurialva> gloriosa, Sempre-menor, do cidadão A filha-família, a aura, a rosa Florindo em cada um coração, Fazendo d’Amarca formosa Um só amor. Oh, a nação*” (HO, p. 444).

Sentido: Que apresenta, simultaneamente, as cores dourado e branco; auriesbranquiçado; fig: que se percebe transparente e verdadeiro.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘aurialva’ se configura como um neologismo formal. Essa palavra (áureo + alva) foi formada pelo processo de composição. A associação dos referidos elementos foi feita por aglutinação. Num contexto histórico, o poeta caracteriza a forma gloriosa e transparente em que o Brasil se tornara uma nação. Isso foi motivo de muito orgulho e vitória para Sousândrade, enquanto poeta e, enquanto cidadão participativo das mudanças ocorridas naquele tempo. Importante ressaltar que Sousândrade idolatrava não apenas o Brasil, mas toda a América. Assim, Joaquim de Sousa Andrade, cidadão, nutria um sonho utópico de viver numa América unificada numa só nação livre do colonialismo e da escravidão e independente da Europa como um todo. Nesta abonação, o poeta deixa claro

esse desejo ao mencionar que o Brasil – filha-família de aura gloriosa – faz da ‘Amarca’ – possível anagrama da palavra América – “um só amor. Oh, a nação”.

31 AURIR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Áureo	Áureo: adj. De oiro; em doirado; que abunda em oiro; brilhante; rutilante.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Áureo	adj. De oiro, doirado; cor de oiro; fig. Excelente, magnífico, nobre e elegante.

AURIR (v.i.) (1 oc.)

Abonação: “*Truth e o do mar, "velho verídico," Passado - Presente - Porvir, Aí vendo o tesoiro brasílico À colonial lagarta, - o <aurir> Do Império crisális, - e o idílico Borboletear do teu rir,*” (HO, p. 441).

Sentido: desaparecer; perder-se; desfigurar-se.

Notas Lingüísticas: O verbo ‘aurir’, embora não atestado no *corpus* de exclusão, se encontra dicionarizado atualmente, mas ainda com sentido divergente. Neste contexto, ele se configura como um neologismo formal e semântico. Nessa abonação, o poeta faz menção ao desaparecimento do Império em prol do surgimento de um novo regime de governo mais livre e afortunado. O Império, denominado de “colonial lagarta” que está prestes a se metamorfosear, tende a desaparecer. Nesse caso, o “aurir”, ou seja, o desaparecimento desse regime de governo - “velho verídico” - tornar-se-á necessário para a constituição do “tesoiro brasílico”, ou seja, da nação brasileira que será próspera e feliz.

32 AUTOR-SUPREMO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Autor	s.m. A pessoa é primeira causa de qualquer efeito; o primeiro que a inventa.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
----------------	---------------------------------------

Autor	Não consta.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Supremo	Superl. O mais alto, elevado, o de mais alta dignidade e maior excelência.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Supremo	Adj. Que está no seu gênero acima de tudo.

AUTOR-SUPREMO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “Não paiz de naufrágios; e estes ventos, E estes valles chorosos, o arvoredos, E a pobre humanidade ensaio fora Para um céu eternal d’harpas ethereas D’um só cântico e amor: e, distraído, Ou de cansado, ou morto o <Autor-Supremo>, Ao acaso ficou tudo em ordem, Antros feios, montoadas penedias: Tudo pergunta o que é ... que vale... tudo Balbucia em sua dor! A aves trinão Sem saber do seu canto; os homens chorão; Bale a ovelha no campo; as nuvens tremem, Vão fugindo de horror, nada se entende; E por fallar se esforça a natureza, Que de imperfeita está desfallecendo. Que bello templo, se acabado o mundo! Natural harmonia a um Deos sómente, Uma vista, uma voz; não este inferno” (HS, p. 112).

Sentido: Ser absoluto; ente infinito de poder supremo; Deus onipresente; Criador de todas as coisas;

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘autor-supremo’, neologismo formal e semântico, surgiu para renomear o substantivo ‘Deus’ o criador de todas as coisas, que sem ele, tudo fica feio, sem ordem, sem forma e com muita dor.

33 BALANÇOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Balanço	s.m. O movimento, agitação que com o balanço se communica
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Balanço	s.m. movimento alternativo em sentidos oppostos; abalo, sacudidela.

BALANÇOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “O’ tempo onde a poesia também nasce! Coroa triumphal das mãos das auras,
 Dão-te louvor os animaes contentes; Conversa a natureza com suas hervas; Cresce a
 vegetação, cantando o rio; O céu de transparente azul, e os mares Pela corrente
 <balançosa> o levão. N’um leito do liquor: eu também vivo! O céu, a terra sorri, Brilhao
 astros, nascem flores, Cantão aves na montanha, Formosa estação de amores!” (HS, p. 83).

Sentido: Que balança; que possui balanceio; que se encontra em movimento de deslocamento alternado; que oscila.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘balançoso’ (balanço + oso) se configura como um neologismo formal e caracteriza a corrente marinha que embriaga pelo seu movimento. Aqui, o poeta descreve a natureza como um abrigo que protege e envolve, num ambiente de muita paz e beleza. É interessante observar, que tal ambiente é típico do romantismo em que a natureza era vista como um refúgio em que se consegue sossego e calma para a tão agitada alma.

34 BARDO-CIDADÃO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Bardo	s.m. Sebe de balsseiro ou silvado com que se atalha a entrada nas defesas e serrados; espécie de curral mudável em que se guardam por noite as ovelhas que se muda para ir estercando as terras.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Bardo	s.m. espécie de curral mudável onde ficam de noite as ovelhas para irem estercando a terra. Parvo, zote. Poeta e recitador.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Cidadão	s.m. o homem que goza dos direitos de alguma cidade, das isenções e privilégios, que contém no seu foral, posturas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Cidadão	s.m. o que habita numa cidade. Aquelle que goza dos direitos civis e políticos num estado.

BARDO-CIDADÃO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “É-te a guarda d’honra, ó divina, A luz do <bardo-cidadão>, Qual é social força a que inclina A realeza: ao coração Às glórias o que predestina Toda a porvir revolução” (HO, p. 438).

Sentido: Indivíduo com imaginação inspirada; indivíduo de caráter idealista;

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘bardo-cidadão’, neologismo formal, representa o que o poeta acreditava em relação aos cidadãos daquela época. Nessa estrofe, o eu lírico demonstra que é a força da sociedade que eleva o país à glória, mesmo que para isso sejam feitas revoluções. Sabe-se que o Brasil viveu inúmeras revoltas armadas no período regencial e imperialista, sendo que tais revoltas se estenderam até o final do século. Nesse caso, não sabemos ao certo, se Sousândrade era a favor das revoltas armadas, mas com certeza, ele era a favor da mudança, da evolução e do desenvolvimento humano, político e econômico do seu país de origem.

35 BEIJO-CÉUS

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Beijo	s.m. osculo; toque com os beijos na face, mão, ou em qualquer objeto por mostra de amor, respeito, ou religião.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Beijo	s.m. o acto de chegar os lábios fechados a qualquer objeto e em seguida abri-los com força; osculo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Céu	s.m. A região ethérea. O lugar onde está Deos e os Bemaventurados. Fig. Região, clima.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Céu	s.m. o espaço indefinido em que se movem todos os astros; a parte desse espaço limitada pelo horizonte.

BEIJO-CÉUS (s. m.) (1 oc.)

Abonação: “Sagrado mar trouxe-o ao Deserto... Onde encantados ’stamos nós? E sempre longes, sempre pertos, Nesta paixão dos sempre a sós... -"Congée." Um <beyjo-céus> abertos. Eia! cerra o véu! tempo atroz!” (HO, p. 446).

Sentido: Ato ou efeito de tocar os lábios pressionando alguma parte que lhe inspire bons sentimentos. Diz-se do beijo que eleva as pessoas tornando-as felizes e complacentes, enlevadas pela demonstração de carinho; demonstrativo de prazer, afeto ou desejo.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘beyjo-céus’ o poeta reúne em uma única palavra duas palavras ‘ilhas’ criando uma terceira. A nova palavra foi utilizada para ‘demonstrar’ beleza do beijo trocado entre os amantes “um beyjo-céus abertos”, ou seja, um lindo e apaixonado beijo. Trata-se de um neologismo formal de sintetismo característico de Sousândrade que criou uma cadeia metafórica resumida num único elemento lexical.

36 BERRADEIRO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Berro	s.m. Voz do boi, vaca, toiro, cabrito, ovelha.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Berro	s.m.voz de boi, cabrito, ovelha, e de outros animais. A voz humana quando é emitida em tom elevado e áspero. Bramido, rugido.

BERRADEIRO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Nos trazião Nossa mãi preta e todos os escravos Mil presentes d’infancia: a cuya nova Tingida e resinosa; o cará roxo; Dois ovos de perdiz, da glauca tonna; A leda,<berradeira> seryquara De pés e olhos vermelhos, verdoengos Longo bico e a plumagem; uns filhinhos Do coráo viridante em quentes plumas” (HS, p 281).

Sentido: Que brami e emite brados muito intensos; que ou o que grita ou berra.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘berradeira’ se configura como um neologismo formal e semântico. Esse vocábulo foi criado para caracterizar o som emitido pelo pássaro “seryquara” que é muito intenso e assemelha a berros ou gritos. Nesse contexto, o poeta demonstra certo saudosismo e carisma em relação aos amigos negros que o presenteavam com vários objetos que, apesar de simples, eram bastante apreciados pelo eu lírico: “Nos trazião Nossa mãe preta e todos os escravos Mil presentes d’infância”.

37 BONINOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Bonina	s.f. Florzinha mimosa do campo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Bonina	s.f. planta da família das composts; também chamada margarida dos prados.

BONINOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “A’ frescura repousemos Do <boninoso> pomar, Meigas auras, meiga flor
Contemplando, ó doce amor!” (HS, p. 57).

Sentido: Que tem muita flor, muita bonina; florido; relativo à bonina; repleto de flores.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘boninoso’ se configura como um neologismo formal. Esse vocábulo caracteriza um pomar que se encontrava bastante florido. Aqui, novamente, a paisagem romântica predomina. Nessa abonação, o eu lírico se vê contemplando a natureza, refúgio de paz e harmonia que faz bem aos sentidos. Tudo isso, para se livrar da agitação das cidades. O contexto romântico fica mais evidente se analisarmos os vocábulos selecionados

pelo poeta ao descrever o lugar em que reina a paz: frescura, repousar, boninoso, pomar, meigas auras, flor, contemplar, doce amor.

38 BORBOLETA-GIRASSOL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Borboleta	s.f. insecto que tem asas delgadas e farpas cabeças de que há várias espécies, planta que da flores do mesmo nome

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Borboleta	s.f. nome comum a todos os insetos alados da ordem dos lepidópteros. Fig. Pessoa leviana e inconstante

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Girassol	s.m. flor grande e amarela que vai voltando como o sol sobre a sua haste. Oriental: pedra preciosa.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Girassol	s.m. nome dado a algumas plantas cujas flores se voltam para o sol quando ele está acima do horizonte.

BORBOLETA-GIRASSOL (s. f.) (1 oc.)

Abonação: “*Ser teu Great-Dog: e tu meu Sírio! Oh, <borboleta-girassol>! Gênio-amor!*

oh, luz-delírio! Oh, tanta luz! tanto arrebol (O riso-céus!) e o lume e o lírio De teus cabelos de crisol!” (HO, p. 434).

Sentido: Indivíduo volúvel e inconstante que exerce grande poder de atração em relação aos seus pares.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘borboleta-girassol’, neologismo formal e semântico formado pelo processo de composição, o poeta reúne dois substantivos criando um terceiro. Nesse caso, ele nomeia a amada de forma a demonstrar certa infidelidade e inconstância, mas também, uma grande atração sofrida por ele em relação a ela. Este ‘ser amado’ apresentado pelo poeta pode ser uma personificação da pátria feita pelo nacionalista poeta. Assim, essa

cadeia metafórica reflete o interesse de exaltação dos valores nacionais proposto por Sousândrade.

39 BRANDEAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Brandir	v.at. mover vibrando a lança ou espada para empregar melhor o golpe acenando de o dar. Mover-se vibratoriamente o corpo elástico. Fig. Tocar os paus, tanger o negócio.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Brandir	v.t. agitar com a mão uma espada, uma lança, antes de descarregar o golpe, um dardo, antes de o arremessar, um facho. Menear, acenar com qualquer objeto. V.i. vibrar, oscilar.

BRANDEAR (v.i.) (1 oc.)

Abonação: *“E perdeu-se. Meu Deus, como eu te vejo Presidindo o teu orbe, e a mim no leito Do sofrimento que me dás, e a terra Em mil formas – de frutos, d’homens, d’aves – Hoje a fazer-se, por comer-se inda hoje, De tão má, tão faminta que a fizeste! E ris deste espetáculo, impassivo Lá no teu céu dormindo ao nosso pranto! E ris mofando ao moribundo em vascas, Quando em berros estorce o corpo e os braços, Debaixo do carrasco em negra luta, Em sinistro< brandear> ringindo o leito!” (HS, p 176).*

Sentido: Golpear; aplicar pancadas; afligir; angustiar por meio meneios e acenos usando objetos que vibram.

Notas Lingüísticas: O verbo ‘brandear’, neologismo formal, surge representando as descrenças do eu lírico em relação ao mundo; alguém se divertia com essa situação. O poeta menciona também que pessoas tiram proveito e vivem à custa do sofrimento da maioria desfavorecida: “E ris desse espetáculo, impassivo Lá no teu céu dormindo ao nosso pranto”. E num pessimismo absoluto, credita a Deus tais atrocidades. Importa ressaltar que embora

esse vocábulo não esteja atestado no corpus de exclusão, o verbo ‘brandear’ se encontra dicionarizado atualmente, contudo apresenta um significado bastante divergente do proposto pelo poeta.

40 BRANCO-MIMOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Branco	Adj. De cor semelhante a do papel ordinário limpo, como a cal limpa, a neve

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Branco	Adj. Que tem a cor da neve, cal, leite; alvo, candido

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Mimoso	Adj. Delicado, melindroso que se offende de qualquer mal por delicadeza natural.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Mimoso	Adj. Acostumado a ser tratado com mimos, desvelo e meiguice. Fig. ameno, delectável, delicioso, carinhoso, tenro, meigo.

BRANCO-MIMOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Vão saltando os crioulos; vão nos mansos, Nos esbeltos corseis <**branco-mimosos**> Meu pai, minhas irmãs; atrás os servos, E os cães ladrando á fugitiva corsa;” (HS, p. 280).

Sentido: Que se apresenta de cor alva e com delicadeza ao mesmo tempo; que possui a cor da neve e é carinhoso, meigo e delicado.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘branco-mimoso’, neologismo formal criado pelo processo de composição, traz a caracterização de um animal que é conduzido a uma caçada a corças. Nesse caso, a descrição feita pelo poeta lembra que o pai, as irmãs vão em cavalos mais tranqüilos, pois tendem a oferecer mais segurança: “Nos esbeltos corseis branco-mimosos

meu pai, minhas irmãs; atrás os servos”. Lembrando que, naquela época, a caça, além de ser permitida, era um esporte bastante praticado e envolvia famílias inteiras.

41 BRASIL -BRILHANTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Brasil	Adj. Pau brasil: vermelho de que se extrai tinta da mesma cor cozinhando em água. Cor brasil.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Brasil	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Brilhante	p. at. De brilhar. Que brilha. Subst. Toma-se pólo diamante de fundo abrilhantado. Um anel de brilhantes.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Brilhante	Adj. Que brilha; reluzente; fig. luzido, pomposo, luxuoso, magnífico; que enleva ou arrebatava os sentidos; que atrai e seduz o espírito sem dar tempo a reflexão; ilustre glorioso; famoso; célebre; próspero, feliz.

BRASIL-BRILHANTE (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “ *Politrópon, fui naufragado: À França, eternal gratidão Das festas da Indústria... Coitado Vaidoso o três Napoleão! - Do mundo dos reis exaltado Um <brasil-brilhante>, ao Salão*” (HO, p. 437).

Sentido: Caráter do que é Célebre; qualidade do que é próspero, ilustre e famoso; qualidade que se distingue por brilhantismo.

Notas Lingüísticas: No vocábulo ‘brasil-brilhante’, neologismo formal, o poeta retrata um Brasil valioso e brilhante e o lança em um cenário do primeiro mundo. É como se ele visse na Europa um grande cenário industrial em que o Brasil deveria estar inserido: “Do mundo dos reis exaltado um brasil-brilhante ao salão.”

42 BRASILEIRO-AMERICANO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Brasileiro	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Brasileiro	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Americano	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Americano	Adj. Da américa

BRASILEIRO-AMERICANO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Triunfador o vês romano, Do capitólio altivo descer O <Brasileiro-Americano> Honrado como tem de ser Cada um eleito soberano Que te dê mais resplandecer:*” (HO, p. 446).

Sentido: Caráter de quem é nascido na América, especificamente, no Brasil.

Notas Lingüísticas: No vocábulo ‘brasileiro-americano’, neologismo formal, o poeta registra com orgulho a honra de ser nascido no Brasil e ainda ser americano. Sousândrade sonhava com uma América unificada e livre do colonialismo, além de ser apaixonado pelo Brasil. Apesar de ter vivido bastante tempo fora do Brasil, o poeta sempre exaltou a nação brasileira com muito orgulho e devoção.

43 BRASÍLICO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Brasil	Adj. Pau brasil: vermelho de que se extrai tinta da mesma cor cozinhando em água. Cor brasil.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Brasil	Não consta

BRASÍLICO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Truth e o do mar, "velho verídico," Passado - Presente - Porvir, Aí vendo o tesoiro <brasílico> À colonial lagarta, - o aurir Do Império crisális, - e o idílico Borboletear do teu rir,*” (HO, p. 445).

Sentido: Brasileiro; proveniente e originário do Brasil;

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘brasílico’, neologismo semântico, surge caracterizando o “tesoiro” brasileiro: o povo e as riquezas naturais - testemunhando o desaparecimento do Imperialismo e abrindo as portas para a República, novo regime de governo, bastante almejado por Sousândrade e por vários grupos importantes da sociedade, além de políticos brasileiros que eram contra um regime monárquico e dependente. Uma monarquia não permitiria o desenvolvimento do Brasil, por isso seria necessário que os governantes fossem escolhidos pelo povo e que houvesse uma maior participação da população nas decisões do país. Nesse caso, o fraco desempenho de Dom Pedro II frente às decisões políticas e econômicas e as insurgências revoltosas ocasionaram a proclamação da República, o que resolveria boa parte dos problemas recorrentes de insatisfação popular. Embora o adjetivo ‘brasílico’ já se encontra dicionarizado atualmente, aqui, ele aparece com um sentido diferente caracterizando o substantivo ‘tesoiro’.

44 BRIGAS TENTÁCULAS

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Briga	s.f. pendência, peleja de razões ou ferir.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Briga	s.f. lueta, peleja. Rixa, disputa, contenda.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Tentáculo	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Tentáculo	s.m. cada um dos apêndices moveis não articulados que saem da cabeça ou parte anterior de muitos animais (moluscos e alguns peixes) e em que alguns deles têm os olhos, mas que são quase sempre órgãos de tato.

BRIGAS TENTÁCULAS (s.f.) (1 oc.)

Abonação: *“Ao serão, que selvagerias! Da Harpa doirada, oh! que encordoar! "I hate you!" não vias, não vias O inimigo! e lutar! e lutar! "Que a um republicano te havias, Horrores! e vais-me deixar! – Hora – Hora – eis-me sol todo fâculas Que tu és, tu és – oh , o splêndido sol! Se és as manchas belas imáculas Vítimas, como um girassol - Recomeçam
brigas tentáculos>: Que noivado! que home inter wall!... Não foi minha culpa, na luta Tocar da roseira os botões(...) Altar nas constelações Quão doce ajoelhar!... oh! escuta! Pedra d'ara a arder... Sagrações, (HO, p. 436)*

Sentido: Ato coligado de adversários de bastante poder que se atacam para resolver desavenças; rompimento de relações sociais interligadas por disputa de poder e ideais.

Notas Lingüísticas: Em ‘brigas tentáculos’, neologismo formal, o poeta registra a constante disputa por poder em que o dominado não consegue fugir da dominação. É como se sentissem atraídos por essa situação: “quão doce ajoelhar”. Num contexto histórico, a proclamação da República poderia ser a solução para amenizar inúmeros problemas que o povo brasileiro passava sem ter condições de se libertar.

45 CABILDA-ONDULANTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Cabilda	s.f. Arab. Associação de família que vivem no mesmo lugar. V.g. que vem em cabildas como ciganos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
----------------	---------------------------------------

Cabilda	s.f.tribu ou associação de famílias de selvagens, de ciganos.
---------	---

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Ondulante	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Ondulante	Adj. ondeante

CABILDA-ONDULANTE (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Tu não és como a árabe infante Encantada no branco corcel Nos desertos d’arêa brilhante, Áurea adaga no cinto de anel, Ou na doce <cabilda-ondulante> Nos amores de louro donzel Nos floridos kiosques saltando, Ou n’ogiva fumosa a dormir, Cousas d’Asia amorosa sonhando, Que sonhadas se fazem sentir: Tu não és como a arabe-amando Tens no rosto mais santo sorrir!;*” (HS, p. 34).

Sentido: Associação de famílias que não se fixa nos lugares para compor moradia.

Notas Lingüísticas: No composto ‘cabilda-ondulante’, neologismo formal, o poeta descreve a inconstância da amada. Como símbolo de comparação, apresenta as famílias árabes que não se fixam em lugares determinados e vivem se mudando e a representação dos contos de fadas como princesas e heróis que lutam pelo amor da musa amada, além de poder contar com os poderes mágicos das lendas: “árabe infante encantada no branco corcel (...) coisas d’Asia amorosa sonhando”, ou seja, trata-se de uma ficção fora da realidade da amada a qual deve procurar ser mais autêntica.

46 CALDA-ENCANTO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Calda	s.f. O açúcar derretido em água com certo ponto para conservas de frutas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Calda	s.f. líquido engrossado por uma dissolução de açúcar fervido nele; xarope.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
----------------	---------------------------------------

Encanto	s.m. encantamento; coisa que encanta
---------	--------------------------------------

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Encanto	s.m. encantamento; tudo o que maravilha, arrebatava e cativa os sentidos e causa delícias.

CALDA-ENCANTO (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Rosas reverdejam; e helianto No sol mirar-se é a feliz Doce união, da <calda-encanto> Co’o generoso vin-vieux. Ris? (O riso-céus!) pelo teu pranto Dei toda sorte minha. Eu quis!;*”(HO, p. 433)

Sentido: Líquido fervido com açúcar e engrossado que maravilha e agrada ao paladar e causa delícias e encantamento.

Notas Lingüísticas: Por meio do composto ‘calda-encanto’, neologismo formal, o poeta descreve a relação das plantas com o sol, principalmente, o girassol – helianto. Nesse contexto, o poeta valoriza essa relação comparando o par perfeito ‘sol’ e ‘helianto’ com ‘calda-encanto’ e vin-vieux (vinho velho). Sabe-se que os vinhos, quando bem armazenados e envelhecidos, adquirem uma valorização especial tornando-se cada vez mais saborosos. Assim, a mistura da calda com o vinho é perfeita, pois um produto valoriza o outro.

47 CARMINIZAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Carmim	s.f. Tinta artificial extraída do pau Brasil moída com paes de oiro ou da cochonilha com pedra hume de Roca; líquido carmim: sangue.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Carmim	s.f. substancia corante carmezim extrahida da cochonilha ou de diversos vegetais.

CARMINIZAR (v.t..) (1 oc.)

Abonação: “o jardineiro sol da madrugada Banhando as flores de perfume e tintas, Ou quando da palmeira aos pés arroja A menêante imagem, no occidente <Carminizando> o mar, e a natureza Entre as mysticas sombras de uma tarde, Quanto eu amára!” (HS, p. 289).

Sentido: Dar a cor carmim a; tingir algo de carmim; fazer corar.

Notas Lingüísticas: O verbo ‘carminizar’, neologismo formal, aparece para caracterizar o tingimento avermelhado do oceano pelo raiar do sol o qual é responsável pela beleza dos jardins: “o jardineiro sol da madrugada”. Ao nascer, o sol leva vida, perfume e encanto a toda natureza: “banhando as flores de perfume e tintas”. Esse verbo surge para demonstrar o espaço natural descrito pelo poeta retratando um legítimo ambiente romântico representado pela exuberância da natureza, sempre usada como um refúgio místico.

48 CETIM-BRANCO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Setim	s.m. seda ou tecido de lã com superfície muito lisa e lustrosa

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Setim	s.m. estojo de tecido de seda macio e muito lustroso. Diz-se qualquer estojo assetinado. Fig. coisa macia ou suave como o setim.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Branco	s.f Adj. De cor semelhante a do papel ordinário limpo, como a cal limpa, a neve.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Branco	s.f. Adj. Que tem a cor da neve, cal, leite; alvo, candido.

CETIM-BRANCO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Visões de um leito <cetim-branco> - Sino d’Isá, que vens quebrar Se escreves bel. Menino manco Morreu Caim terra a lavar, Abel eu sou, que deixo o flanco De umbror e venho a te saudar.”(HO, p. 433)

Sentido: Tecido de cor branca e lustrosa; que possui cor branca e acetinada ao mesmo tempo; fig: claro; próspero; pacífico e brilhante.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘cetim-branco’, neologismo formal, representa as visões que o poeta tinha em relação ao seu país de origem. Nessa estrofe, Sousândrade faz um trocadilho com o nome da Princesa Isabel que estava prestes a assinar a lei Áurea. O poeta tinha visões positivas sobre o futuro do Brasil após a libertação dos escravos e a proclamação da República, por isso, a cor branca acetinada: “leito cetim-branco” representaria um futuro pacífico e brilhante para o país livre da escravidão e do Imperialismo. Assim, o poeta saúda a princesa com sinos e torna-se ‘Abel’, nesse caso, fazendo outro trocadilho do nome de Is(abel) com os personagens bíblicos e irmãos Caim e Abel. Abel era pastor de ovelhas e foi assassinado por Caim.

49 CÉU-AMOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Céu	s.m. A região ethérea. O lugar onde está Deos e os Bemaventurados. Fig. Região, clima.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Céu	s.m. o espaço indefinido em que se movem todos os astros; a parte desse espaço limitada pelo horizonte.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Amor	s.m. Sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amável; afeição; bemquerença de nós mesmos e de nossas coisas

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Amor	s.m. Afeição profunda; sentimento vivo de gosto por alguma coisa; apego; desejo.

CÉU-AMOR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “E os dois insetos asas douram Quatro no abraço encantador Ao claro clima e em que, se choram Olhos à luz, faces não coram - Vê bem como é o <céu-amor>: ‘Oh! a encantada interna flor!’” (HO, p. 439)

Sentido: Local onde reina a felicidade e a harmonia; lugar de completo bem-estar e felicidade; espaço limitado pelo horizonte que se traduz em um lugar de afeição profunda e apego.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘céu-amor’, neologismo formal, renomeia o céu que é lugar de bem-viver de muitos animais e representa a liberdade buscada pelo poeta em tempos difíceis e de muitas mudanças no país e no mundo. Tal liberdade deveria ser regada com muito amor, paz, fraternidade e prosperidade.

50 CICLISTA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Ciclo	s.m. Período de tempo ou certo número de anos que acabados se tornam a contar de novo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Ciclo	Não consta.

CICLISTA (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Do raio X na luz sagrada, Voador dos ares através Navegamos co’a doce amada Ao pólo ermo! à esp’rança! Tu és De glória a incógnita gelada Que move a terra, Firmes pés, Polaris <ciclista>, da rosa D’em voltas – brilha qual manhã! Beijo a cabeça gloriosa: Oh! strelejas! feres! “Mamã Só a beija!” Tal corajosa Treme abalada agulha-imã!” (HO, p. 434).

Sentido: Relativo ou pertencente a um ciclo; que retorna periodicamente e se repete num certo grau.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘ciclista’, neologismo formal, cujo sufixo – ista – é formador de nome de ação. Esse vocábulo surge caracterizando um movimento cíclico e inconstante do Brasil que estava sempre envolvido em conflitos internos e externos. Isso fazia com que a esperança de melhores dias, também, fosse cíclica, ou seja, ora se tinha, ora não. Importante ressaltar que esse vocábulo não foi encontrado atestado no *corpus* de exclusão, apesar de encontrar-se dicionarizado atualmente, contudo, apresenta um sentido referente à locomoção por meio de bicicleta. Nesse caso, o sentido atual não condiz com o proposto pelo poeta.

51 CINZA-ESPERANÇA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Cinza	s.f. O que resta do corpo combustível bem queimado

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Cinza	s.f. pó a que ficam reduzidas certas substancias depois de queimadas. Fig. destruir; desfazer em cinzas; sinal de luto; humilhação; aflição.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Esperança	s.f. O desejo ou afeto com que se espera algum futuro com confiança de se alcançar; que é o nosso desejo; expectativa;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Esperança	s.f. espera de um bem provável. A coisa que se deseja e se espera; confiar, esperar.

CINZA-ESPERANÇA (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “À yankea, à parísea balança... Pesara mais que o Imperador; Do incêndio d’Albion²⁰, < cinza-esp’rança>... E donde Libertas a amor Surde armada; e é tua a trança... - Tal, “perdido” foi vencedor” (HO, p. 437).

²⁰ Albion – antiga denominação da Inglaterra; o poeta, possivelmente alude ao chamado “Grande Incêndio”, que

Sentido: Sentimento de lembrança daquilo de ruim que já passou, mas com expectativas de um futuro melhor.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘cinza-esperança’, neologismo formal, traduz bem a situação brasileira no final do século XIX. Dom Pedro II, Imperador do Brasil, fora pressionado a deixar o país, pois a República havia sido proclamada em 15 de novembro de 1889. Nesse caso, no dia posterior, Dom Pedro II escreveu uma carta ao Marechal Deodoro da Fonseca agradecendo e concordando em deixar o país com sua família. Eles decidiram ir para a Europa. Dessa forma, a palavra ‘cinza-esperança’ exprime dois contextos: Cinzas foi o que restou do Império, e esperanças – desejo de um futuro melhor – foi o que restou para o povo ante a um novo sistema de governo.

52 CISPLATINETE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Cisplatina	Não consta.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Cisplatina	Não consta.

CISPLATINETE (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*O pão d’alma e luz, do banquete Montevideano, em que faz Brinde d’honra a <cisplatinete> Irmã mais velha, a doce paz De Buenos Aires e o Catete, E o ândeo lar. Sonhar Bogotá!*” (HO, p. 431).

devastou a cidade de Londres em 1666, precedido por uma epidemia de peste bubônica (a referência histórica fornece ao Inferno Financeiro, localizado por Sousândrade num cenário urbano, as labaredas alegóricas) (CAMPOS, 1966, p. 76).

Sentido: Relativo à cisplatina²¹; fig: pacífico; sereno; que passa uma atmosfera de paz.

Notas Lingüísticas: Esse vocábulo traz um sufixo que caracteriza um diminutivo afetivo relacionando o carisma do poeta ao ato de paz, assim ele menciona vários países da América do Sul e clama pela liberdade e a paz entre as nações. Mais uma vez a afeição do poeta pela América como um todo, envolvida num clima de paz, é ressaltado nessa obra. O adjetivo ‘cisplatinete’ caracterizando “a doce paz”, apresentado por essa estrofe, retoma uma parte importante da história envolvendo as conquistas brasileiras. Cisplatina foi o nome dado pelo império brasileiro ao território anexado como província de 1821 a 1828 e correspondente ao atual Uruguai. Por isso, houve um conflito ocorrido de 1825 a 1828 entre o Brasil e o Uruguai. A conhecida guerra da Cisplatina foi iniciada como um movimento separatista da província Cisplatina e terminou com o reconhecimento da independência uruguia pelo Brasil, mediante o Tratado da Cisplatina.

53 CÓNDORO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Condor	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Condor	s.m. Ave de rapina da família dos abutres..

CÓNDORO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*E os olhos seus relampaguearam Áureo-negror, <cóndoro> vôo - E nem adeuses resgataram De amor nem fria não tocou - Olhos terríveis! umectaram Ao pranto, que os não separou*” (HO, p. 447).

²¹ Cisplatina. Região correspondente ao atual Uruguai. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Sentido: Referente ao Condor; sombrio; umbroso; tristonho; que desperta sentimento de melancolia; Fig. sobressalente; individual.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘cóndoro’, neologismo formal e semântico, mantém parte do sentido da base lexical, pois por meio da cor negra do pássaro o poeta traduz uma idéia de tristeza, ausência de luz e de vida. Nesse caso, além de uma mudança formal do vocábulo houve grande variação de semas traduzindo sentidos bastante diversos dos propostos pela base. No contexto apresentado por essa estrofe, o poeta menciona que a aparente melancolia apresentada por aqueles olhos era ‘terrível’ e o deixou tocado. Nesse sentido, o poeta relacionou a tristeza daqueles olhos à negrura e a certa voracidade do pássaro que tem excelente visão e possui uma plumagem negra. Interessante observar que o pássaro Condor é encontrado ao longo de toda a cordilheira dos Andes, ou seja, na América. Dessa forma, o poeta demonstra, mais uma vez, sua fascinação pela cultura americana de forma geral.

54 CONVULSOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Convulso	Adj. Em que há convulsão (encolhimento, retraimento de nervos).

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Convulso	Adj. Em que há convulsões; tremulo; agitado.

CONVULSOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “O’ tu! Que nos relâmpagos dos olhos Embalaste minh’ alma, vaga incerta Cahida nos teus pés, n’ um céu d’ mores Levada por encanto – e <convulsosa>, E ávida de ti, ampla qual nuvens, Me enlouqueceste de uma vida eterna!” (HS, p. 271).

Sentido: Trêmulo; agitado; oscilante; que convulsa; que contorce e remexe.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘convulsoso’, neologismo formal e semântico, mantém parte do sentido da base lexical, pois caracteriza a alma do eu lírico que se vê trêmula e ávida pela presença da amada que enlouquece o poeta de amores e o deixa caído de paixão por ela, apenas pelo olhar.

55 CRISÁLIS

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Crisálida	s.f. O estado do insecto que está cerrado numa casca como fava antes de se transformar em borboleta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Crisálida	Não consta

CRISÁLIS (adj.) (1 oc.)

Abonação: *“Truth e o do mar, “velho verídico,” Passado - Presente - Porvir, Aí vendo o tesoiro brasílico À colonial lagarta, - o aurir Do Império <crisális>, - e o idílico Borboletear do teu rir,” (HO, p. 441).*

Sentido: Coisa em estado de imobilidade; estágio de preparação; algo em estado de expectativa de algum acontecimento ou transformação.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘crisális’, neologismo formal e semântico, mantém um pouco do sentido da base lexical, mas apresenta, também, uma importante movimentação de semas. Apesar de esse vocábulo ter uma base lexical voltada a caracterizar um estágio da metamorfose ocorrida entre insetos, nesse contexto, ele passa a caracterizar um país demonstrando, no entanto, uma intensa divergência quanto ao sentido proposto pelo corpus de exclusão e a base lexical. Assim, para essa abonação esse vocábulo apresenta a idéia de algo que está parado, imóvel e recolhido, contudo prestes a obter a grande transformação. Ao

retomar o contexto histórico, podemos observar que imobilidade era a característica que retratava o Brasil com maior precisão, pouco antes da proclamação da República. Dom Pedro II já não tinha mais o controle da situação e das tomadas de decisão e o povo já ansiava e lutava por mudanças.

56 ÇUCENAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Açucenal	s.m. Lugar onde estão muitas açucenas plantadas(flor, lírio branco mui cheiroso.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Açucena	s.f. Lírio branco.

ÇUCENAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: *“Donde o rir lírios-Tiradentes, <Çucenais> coroas, de amo Às Eucaristias contentes. Porque Washington o lavrador É o Batismo dos continentes Da Liberdade - ao peito a flor,”* (HO, p 441)

Sentido: Florido; pacífico; que transmite segurança, paz e ternura.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘çucenal’, neologismo formal e semântico surgiu da variação da palavra ‘açucena’ que é um lírio de bastante perfume. Nessa abonação, ‘çucenal’ caracteriza as coroas, ou seja, reinados e países que primam pela liberdade, almejada em todos os continentes. Nessa estrofe, Sousândrade cita Tiradentes (1746-1792) que insurgiu contra a dominação colonial portuguesa e já almejava a liberdade. Na época da insurgência, Tiradentes foi morto para servir de exemplo para o povo, felizmente, quase cem anos depois a tal mudança aconteceu: “rir lírios-Tiradentes” e o Brasil se tornou livre do colonialismo e do imperialismo. O poeta, também, cita George Washington, o primeiro presidente dos Estados Unidos da América. Esse país se tornou república bem antes do Brasil e se constituiu como

um exemplo a ser seguido pelos demais países de todos os continentes, segundo o ponto de vista desse autor-cidadão.

57 DÂNTEO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Dante	p. at. De dar, antiq com que se punha a data.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Dante	Adj. Que escreve, que data, datado: Dante em Almerim.

DÂNTEO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*E Itamarati... <dânteo> abismo Dado pra berço à mais gentil Revolução! E eu cismo, cismo Vendo e ouvindo o inférneo alcantil, De Waterloo sepulcro mutismo, Fundo o gemer -ai do Brasil!*” (HO, p. 441).

Sentido: Grande confusão; completa desordem; sofrido; que causa dor no corpo e na alma; que atormenta e assombra; inferneira.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘dânteo’, neologismo formal e semântico, surge caracterizando um grande abismo que se formou no poder político brasileiro após a proclamação da república. Ao contrário do que se esperava a mudança de regime não resolveu a maioria dos problemas existentes no Brasil e os políticos não se entendiam. O poeta não se conformava com a situação ao perceber que os conflitos continuaram, mesmo após a mudança, ou seja, éramos uma República, mas com os mesmos problemas de império. No Itamarati²², sede do governo, reinava a balburdia. Nessa estrofe, Sousândrade critica duramente a situação brasileira citando, inclusive, a batalha de Waterloo²³ em que Napoleão

²² Itamarati. Sede do governo de 1889 a 1897 - ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

²³ Batalha de Waterloo, Combate travado em 18 de junho de 1815, nas proximidades da cidade de Waterloo, a

Bonaparte foi derrotado. Ele temia pelo futuro do Brasil que se via diante do fracasso: “E eu cismo, vendo e ouvindo o inféneo alcantil (...) fundo o gemer, ai do Brasil”. Nesse caso, o vocábulo “dânteo” faz referência ao poeta italiano Dante Alighieri (1265-1321) que escreveu um poema alegórico que conta sua passagem pelo inferno, purgatório e paraíso. Sousândrade temia o Brasil tivesse o mesmo destino do personagem desse poema.

58 DEMOCRACIA-PURA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Democracia	s.f. Forma de governo na qual o Summo Império ou os Direitos Majestáticos residem actualmente o povo e são por elle exercidos

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Democracia	s.f. governo em que o povo exerce a soberania. A influência do povo no governo de um estado; sociedade livre em que prepondera a influência popular. O povo a classe operária; partido democratico

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Puro	Adj. Estreme, sem mistura.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Puro	Adj. Que não está misturado com substância estranha.

DEMOCRACIA-PURA (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “Rei da <democracia-pura> ‘Da saúde e o fraternal Deus, ‘Da água cristalina e murmura ‘E à mesa um só prato; e por teus ‘Bombardeada a Europa, à ventura ‘Antilhana pérola!’” – Deus!” (HO, p. 436).

Sentido: Forma pura, ou seja, sem mistura ou sem alteração, de organização política que reconhece o direito que tem cada membro da comunidade de participar da gestão dos assuntos públicos. A palavra democracia é originária da Grécia clássica.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘democracia-pura’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical, e demonstra que o regime de governo almejado pelo poeta deve ser gerido pela democracia. No contexto apresentado por essa estrofe, o poeta menciona que Deus é o rei desse tipo de organização política em um regime de governo que beneficia o povo. Segundo Sousândrade, a democracia deveria conduzir todas as tomadas de decisões no regime de governo republicano, e sempre em benefício do povo.

59 DENTISTA-MÁRTIR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Dentista	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Dentista	s.m. o que se dedica ao tratamento das enfermidades dentárias

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Mártir	s.c. Pessoa que padeceu martírio pela fé. A que padece por qualquer causa.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Mártir	s.m. e f. o que padeceu tormentos e até a morte pela fé; o que sofre trabalhos e tormentos por qualquer coisa; vítima .

DENTISTA-MÁRTIR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “Sou Órion! em meu talabarte Brilham, amor, amor, amor, Teologais - o <Dentista-Mártir>; Floriano e a Redentora Flor - Belém do pão, meiga reparte Rações de glória ao vencedor!” (HO, p. 430)

Sentido: Profissional que se dedica ao tratamento dos dentes e por algum motivo se aplicou a pena de morte e/ou tortura por não renunciar crenças religiosas ou políticas.

Notas Lingüísticas: O composto “Dentista-Mártir”, neologismo formal, renomeia Joaquim José da Silva Xavier, cognominado Tiradentes, que foi um patriota brasileiro. Um dos líderes da inconfidência mineira que lutou contra a dominação da Colônia portuguesa e por insurgir

contra a coroa foi torturado, morto e esquartejado. As partes de seu corpo foram penduradas em todos os lugares de vista estratégica da cidade para servir de exemplo do que aconteceria com os insubordinados. Sousândrade faz inúmeras menções a Tiradentes nessa obra, pois sempre nutriu grande admiração por essa causa e pelo dentista martirizado, quase se espelhando nele. Esse inconfidente sempre lutou por mudanças políticas, pela liberdade e contra a colonização. É notável, no entanto, que Sousândrade, também, enfrentou grandes problemas ao defender questões sociais e a mudança do regime político brasileiro, além de ser, também, declaradamente contra a colonização de qualquer país. Acreditamos que ambos, Sousândrade e Tiradentes, lutavam pela mesma causa, contudo em tempos e situações diferentes. Ambos, também, pagaram um alto preço pela defesa de seus ideais, pois enquanto Tiradentes foi condenado à morte pela sua insurgência, Sousândrade foi marginalizado e condenado ao esquecimento.

60 DEODÓRICO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Deodoro	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Deodoro	Não consta.

DEODÓRICO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Doirado paço-agoiro caótico De titular mofo e bolor, Mais d’escravos tempos um pórtico, Do que pra berço de uma flor; Domino noir templo < deodórico> Mais, do que à liberdade-amor*” (HO, p. 439).

Sentido: Que comanda e conduz de forma desorganizada; relativo a Deodoro da Fonseca;

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘deodórico’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical caracterizando um lugar, ou seja, um templo comandado pelo Marechal Deodoro da Fonseca²⁴. Nesse ambiente deveria reinar a ‘liberdade-amor’, mas o que prevalece é a negrura do caos e da obscuridade: “De titular mofo e bolor, mais d’escravos”. Esse templo pode ser a sede do governo, já que o Marechal Deodoro da Fonseca foi declarado chefe de Governo Provisório quando a República foi proclamada. Mais tarde, em 1891, ao ser votada a primeira constituição brasileira, foi eleito presidente da República pela Assembléia Constituinte tendo o Marechal Floriano Peixoto como vice. Contudo, renunciou nove meses depois de instituído presidente, pois não suportou a pressão da liderança paulistana e as constantes conspirações e revoltas em todo o Brasil.

61 DESCAMBIAMENTO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Descâmbio	Ver escãibo; Troca

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Descambio	Não consta

DESCAMBIAMENTO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Quão límpidas ondas banharam Aos pães em sonoras manhãs! - Ceres, Lícios que a água turvaram, Metamorfoseados em rãs, Aos <descambiamientos> cantaram Anárquicos seus rataplãs*” (HO, p. 435)

Sentido: Decaimento; mudança de atitude para pior; degeneração; estado de declínio.

²⁴ Fonseca, Deodoro da (1827-1892). Militar e político brasileiro. Primeiro presidente da república em 1891, após a queda da monarquia em 1889. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Notas Linguísticas: O vocábulo ‘descambiamento’, neologismo formal e semântico, transmite um sentido diferente da base lexical, pois caracteriza uma mudança de comportamento apresentados pelos deuses mitológicos Ceres²⁵ e Lícios e não o tipo de troca que sugere a acepção do dicionário pesquisado. Nesse contexto, o autor mostra que os deuses transformados se anarquizaram e rufaram seus tambores – rataplãs. Num contexto histórico, poderíamos relacionar, esses deuses mitológicos citados pelo poeta, a pessoas influentes, principalmente advindos da agricultura, que clamaram por seus direitos e imposições. É sabido que ao final do século XIX, principalmente após a proclamação da República, muitas oligarquias, principalmente as agrárias, dos estados de São Paulo e de Minas Gerais conspiravam para tomar o poder e comandar o país, tanto que conseguiram. Desse modo, em um país de economia essencialmente agrária, esses dois estados se alternavam no poder da política nacional.

62 DESERTO-SAARA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Deserto	Adj. Ermo, despovoado, v.g. desertas praias

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Deserto	Adj. Desabitado, despovoado, ermo, solitário; abandonado;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Saara	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Saara	Não consta.

DESERTO-SAARA (adj.) (1 oc.)

²⁵ Ceres - Deusa romana da agricultura e da fecundidade da terra. Corresponde à deusa grega Deméter.
©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Abonação: “Ao horizonte rubro-flavo, Luminosos templos de Alá, O homem adora: é o livre escravo De quanto sente e de quanto há Nos céus, no oásis, no doce favo De uns seios <desertos-saaras>” (HO, p. 440).

Sentido: Improdutivo, ressequido e caloroso; endurecido e quente; que possui extremo calor; que traduz solidão e desconforto.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘deserto-saara’, neologismo formal e semântico, retrata o ambiente em que se encontrava o escravo recém-libertado no Brasil. Sem muita perspectiva de um futuro digno, a maioria dos escravos optava por continuar vivendo nas fazendas e trabalhando em troca de moradia e comida. Acreditamos que “seios desertos-saaras” é a representação da acolhida oferecida aos escravos livres pela nação que os atraíram e, também, de como eles eram vistos naquele contexto de necessidade de mão de obra especializada e em um mundo capitalista. A mão-de-obra escrava já se tornara improdutivo e inconveniente. Vale lembrar que Sousândrade sempre denunciou e foi contra a maneira subumana que os escravos eram tratados.

63 DESFARPAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Farpa	s.f. tira pendente do pendão ou estandarte recortado angularmente e aguda. As barbas do anzol e das setas para que fincadas não saíam com facilidade,
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Farpa	s.f. ponta penetrante dentada na extremidade em ângulo agudo, como na barba do anzol ou na ponta da seta; tiras angular pendente do pendão ou estandarte.

DESFARPAR (v.t.) (1 oc.)

Abonação: “*E no eterno da dor sombras lúbricas Vem-me a fronte d’insonias pisar, Se destorce o meu corpo, em minh’alma Se <desfarpa> o remorso a calar!*” (HS, p. 161).

Sentido: desfiar-se; soltar-se; destroçar-se; transformar-se ou rasgar-se em farpas; destilar-se.

Notas Lingüísticas: O verbo ‘desfarpar’, neologismo formal e semântico, apresenta uma idéia de que o eu lírico está extasiado de remorso e que esse sentimento lhe é visível. Por meio desse vocábulo, o autor cria uma imagem que torna possível a percepção da inquietude do poeta pelo leitor. Nesse caso, tamanha dor e desespero, ambientes lúgubres e inquietação do eu lírico traduzem um contexto de clara tendência romântica. É interessante ressaltar que o clima romântico, em toda sua extensão, envolve toda a obra ‘Harpas Selvagens’, a primeira publicação de Sousândrade.

64 DESONDAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Onda	s.f. porção de água do mar ou do rio que se levanta sobre o olivel da superfície e planura das águas. Fig. ondas do vestido; dos cabelos crepos
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Onda	s.f. porção de água do mar que se eleva e se desloca; depressão e elevação da superfície das águas. Fig. líquido espalhado ou derramado em grande quantidade: ondas de sangue,

DESONDAR (v.t.) (2 oc.)

Abonação: “*O sol <desonda> seus raios Pelos declivos do monte; As nuvens se purpurêo, Vestem galas o horizonte: (...) De ramos enfeitada, um lácteo bafo Exhalando saudável; pelos ares Poenta nuvem de marfim <desonda> Do caminho de fita. A voz confusa Da leda caravana matinava*” (HS, p. 129).

Sentido: Lançar-se; estender-se em determinada direção; precipitar-se; desfazer-se ou perder a feição de onda;

Notas Lingüísticas: Em um típico contexto romântico, o verbo “desondar” vem descrever a ação da natureza. Esse vocábulo, neologismo formal e semântico, denota uma paisagem exótica e atraente, pois inunda a mente do leitor de imagens que harmonizam a mente e clamam pelo descanso e pela paz. A imagem descrita pelo poeta suscita a visão do belo, de uma natureza perfeita, sentida e buscada como refúgio.

65 DESROLAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Rolar	v. mover alguma coisa revolvendo-a sobre si. Fig. as correntes e ventos forão rolando o navio para a costa; as ondas rolam.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Rolar	v.t. fazer andar de roda; fazer avançar dando voltas ou girando sobre si mesmo avançando; galgar em rolos passar revolteando por cima de; rebolar.

DESROLAR (v.i.) (1 oc.)

Abonação: “*Nevado seio a arregaçar dormindo Em seus leitos de azul resvala, ondula; E as longínquas montanhas fumarentas A balançarem na água; e o nevoeiro <Desrolando> dos céos, diffuso ao longe*” (HS, p. 274).

Sentido: soltar-se; desprender-se; libertar-se.

Notas Lingüísticas: O verbo ‘desrolar’, neologismo formal e semântico, surge também colaborando na caracterização do contexto romântico, já que Sousândrade, embora a frente de seu tempo pelas suas criações léxicas, não abandonou a vertente romântica, sobretudo no que

se refere ao nacionalismo e valorização da natureza. Ao contrário, sempre deixou claro seu ponto de vista em relação a tudo que acreditava.

66 DIVINO-CELESTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Divino	Adj. Coisa de Deus; concernente a Deus. Fig. maravilhoso. Sobrenatural; extraordinário.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Divino	Adj. Pertencente a Deus; sublime, magnífico, perfeito, excelente.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Celeste	Adj. Do céu; de cor do céu limpo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Celeste	Adj. Que está ou aparece no céu; sobrenatural; divinal, supremo; superior, magnífico;

DIVINO-CELESTE (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Que estação <divina-celeste!> Ver-te, aumentam olhos do Deus Da humanidade sem a peste Com que desbarata os ateus Que vivem-lhe ao seio e Ele os veste. - Quanto Ele luz nos risos teus!*” (HO, p. 432)

Sentido: Maravilhoso; que causa prazer e agrada aos sentidos; divinal; perfeito; supremo.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘divina-celeste’, neologismo formal, surge para caracterizar uma estação que fora bastante produtiva. Nesse caso, tal estação mencionada na abonação poderia ser a representação de todas as mudanças ocorridas no Brasil no período que envolveu as últimas décadas do século XIX. Esse foi um período de transformações bastante significativo em todas as áreas do país e considerado pelo poeta como uma “estação divina-celeste” que comoveu e convenceu inclusive os incrédulos.

67 DOCE-ELÉTRICA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Doce	Adj. Que causa no paladar sensação semelhante a que causa o mel. Fig. suave, agradável.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Doce	Adj. Que tem um sabor como o do açúcar e do mel. Que não é amargo. Fig. fraco, agradável; leve, brando, benigno
Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Elétrico	Não consta.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Elétrico	Adj. Que tem eletricidade; luz elétrica que é produzida por faíscas elétricas contínuas.

DOCE-ELÉTRICA (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Caiu borrasca; e eu firme. Quando Chegaste, à noite e que eu te ouvi, Tua voz cantava e transformando (Todos olhando) os céus de ti Luz <**doce-elétrica**> irradiando E que ao mundo negas for me” (HO, p. 434).

Sentido: Que chama a atenção pela singeleza e a beleza resplandecente; que produz luminosidade branda; que cintila agradavelmente; que emite faíscas brilhantes benignas e sensações agradáveis.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘doce-elétrica’, neologismo formal e semântico, destaca a emissão do brilho irradiado pela luz possivelmente de uma estrela que apareceu no céu após uma tempestade. Historicamente, essa estrofe pode ser a representação metafórica da chegada da República vista como celebridade aqui no Brasil: “à noite e que eu te ouvi, Tua voz cantava e transformando...”, ou seja, algo importante, doce, radiante que demonstrava bastante altivez.

68 EBÚRNEO-RÓSEO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Ebúrneo	Adj. De marfim, fig. alvo e liso como o marfim;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Ebúrneo	Adj. Que é de marfim; branco; liso e alvo como o marfim; v.g. ombros ebúrneos

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Róseo	Adj. De rosa ou cor de rosa. V.g. os róseos dedos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Róseo	Adj. Relativo a rosa; que tem a cor ou o perfume da rosa; rosado; próprio da rosa

EBÚRNEO-RÓSEO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Foi ao sol... como é formoso, Leda barca em mar de azul – Fazes do mundo um primor! E mais que o mundo o teu rosto D’<ebúrneo-róseo> pallor: Por elle que tudo alegre, Por elle rujo de amo*” (HS, p. 58).

Sentido: Que se apresenta na cor branca e rosada ao mesmo tempo; de um rosado claro, suave e liso;

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘ebúrneo-róseo’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical, pois caracteriza a tonalidade aparente da face de alguém que o poeta aprecia e deseja muito.

69 EDENAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Edênico	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Edênico	Adj. Relativo ao éden; paradisíaco;

EDENAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “A eterna luz que faz cegueira E trevas faz do bem e o mal, Our first shining riscando a terra Doirado fósforo <edenal> - Quão doce-luz! quão verdadeira! Quão encantada virginal! ” (HO, p. 434).

Sentido: Paradisiáco; relativo ao Éden - paraíso terrestre, segundo a Bíblia; situação encantadora; que cintila maravilhando a todos; que causa prazer aos sentidos; que resplandece.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘edenal’, neologismo formal e semântico, traduz a idéia de intenso brilho que reluz do poeta e de mais alguém após uma situação, considerada por ele, de muito prazer, e isso o encanta e o envolve: “our first shining riscando a terra/ Doirado fósforo edenal – Quão doce-luz”.

70 ENCOBRAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Cobra	s.f. Réptil escamoso e venenoso; corda que amarra a rezes no pasto, fig. sabido e fino.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Cobra	s.f. nome comum a todos os répteis da ordem dos ophidios.

ENCOBRAR (v.i.) (1 oc.)

Abonação: “E a cadencia do golpe e dos gritos Mais o horrível da scena redobra: Ruge a fera de um lado, a innocente Oh, de dores se morde, se< encobra> ” (HS, p. 158).

Sentido: Contorcer-se; serpentear; imprimir movimentos fortes de torção; dobrar-se, retorcer-se; contrair-se.

Notas Lingüísticas: O verbo ‘encobrar’, neologismo formal e semântico, descreve a situação de tortura em que viviam os escravos. Trata-se da descrição de uma realidade que chocava e envergonhava o poeta. Ele descreve a cena como horrível e revela as atitudes dos senhores de escravos frente às suas vítimas: “Ruge a fera de um lado”, e do outro lado a parte mais fraca e atormentada: “a inocente oh, de dores se morde, se encobra”. Aqui, Sousândrade apresenta outra faceta estilística e demonstra uma atitude de quem se dá conta da realidade e a avalia com apego. Nesse caso, ele preconizava a objetividade procurando fazer um retrato fiel do que observava na sociedade, principalmente, em relação à questão social escravista. Nessa abonação, é perceptível a agudeza dos detalhes descritivos demonstrando que Sousândrade também dominava o estilo do Realismo - escola literária do fim do século XIX e que era contrária às concepções românticas da arte.

71 ESTIVADOR-CURTIDOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Estivar	v.t por contrapeso no navio, estivar o navio.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Estivador	Adj. e s.m. carregador de navio, arrumador de navio

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Cortidor	s.m. o que curte coiros,

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Cortidor	s.m. operário que tem ofício de cortar peles ou coiros.

ESTIVADOR-CURTIDOR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Talheres de oiro, ao aristocrata Almoço estou. Democracia No jornal, lembra a intemerata Nau de Páris... só carecia D<’estivador-curtidor>. Grata Berlim, como é Faure a harmonia!*” (HO, p. 449).

Sentido: Alguém que organiza, cuida, arruma e ordena por um longo período de tempo e tira o máximo proveito de tudo; operário que recebe a carga e a arruma no navio de forma a manter ou aumentar sua longevidade, durabilidade e estabilidade.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘estivador-curtidor’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical, contudo surge para reforçar a crítica sousandradina em relação à situação do Brasil no final do século XIX. Nessa estrofe, o poeta denuncia que o país embora tivesse proclamado a República não tinha implementado a democracia como tipo de organização política, já que os membros da comunidade não participavam da gestão dos assuntos públicos, apenas alguns aristocratas. Contudo, no jornal era publicado o inverso e o poeta cita, ironicamente, a íntegra, pura e incorrupta “intemerata Nau de Paris” como exemplo e traz o vocábulo ‘estivador-curtidor’ que seria a pessoa que tomaria conta dessa Nau, e era, justamente, o que faltava também aqui, no Brasil. Alguém que tomasse conta e soubesse conduzi-lo ao desenvolvimento.

72 FAMINTAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Faminto	Adj. que tem muita fome. Fig. mui desejoso.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Faminto	Adj. que tem muita fome; esfaimando; famélico; famulento. Fig. ávido que apetece, que deseja ardentemente; fervido; caloroso, cobiçoso.

FAMINTAR (v.i.) (1 oc.)

Abonação: “*Um braço de gigante monstruoso D’etherea serrania se alongando Penetre as águas, < famintando > presa As entranhas revolve; longas ondas O rodêão e bravejão, como feras Seus irmãos defendendo: lentamente,*” (HS, p. 125).

Sentido: Sentir necessidades que precisam ser sanadas com urgência; buscar, veementemente, por algo que o satisfaça; ter necessidades urgentes por estar em estado de privação de algo importante.

Notas Lingüísticas: O verbo ‘famintar’, neologismo formal e semântico, exprime outro ambiente poetizado por Sousândrade. Nessa estrofe, o poeta personaliza a natureza elevando-a a um estágio de sublimação. É como se as cordilheiras fossem o braço de um gigante aprisionando as águas as quais se revolvem apavoradas clamando por liberdade. Nesse contexto, podem-se observar características simbolistas no estilo de Sousândrade traduzidas por uma visão subjetiva, simbólica e espiritual do mundo. Nessa abonação, há uma combinação subjetiva de sentimentos e de pensamentos, de figuras e de formas conduzidas a ter um sentido próprio. Lembrando que o Simbolismo foi um movimento literário e artístico do fim do século XIX que surgiu na França como reação contra o Realismo e o Parnasianismo e situava o valor da obra de arte na combinação subjetiva de vários elementos regidos por leis próprias.

73 FÉBREO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Febre	s.f. Movimento desordenado da massa do sangue como frequência aturada das pulsações, lesão das funções acompanhada de um calor excessivo as mais das vezes. Adj. de moeda; a que falta alguma pequena porção do peso legal; substantivamente, a porção muito tênue que falta ao justo peso da lei: os febres da moeda.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Febre	s.f. perturbação na economia animal caracterizada pela frequência do pulso e aumento de calor. Fig. agitação desordenada; desejo ardente de possuir alguma coisa.

FÉBREO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*E d’impuro que era, inda sinto Os meus ossos tremerem rangendo; Oh! São lavas que as veias me inundam, < Febreas > línguas me a pel refrangendo*” (HS, p. 161).

Sentido: Caloroso; que tem tom malicioso e mordaz; diz-se daquilo que provoca maldade e/ou malquerença; entusiasmado.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘fébreo’, neologismo formal e semântico, surge caracterizando o substantivo ‘línguas’ que são traduzidas como maliciosas e, por isso perigosas. Nesse contexto metonímico, línguas (parte) substituem as pessoas (todo) que se prestavam a divulgar os segredos alheios de forma prejudicial. Isso deixava todos de sangue quente, ou seja, bastante nervosos: “São lavas que as veias me inundam”.

74 FELINO-TRIUNFANTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Felino	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Felino	Adj. relativo, pertencente ao gato; que pertence a espécie dos gatos; fig. fingido, dissimulado, hipócrita.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Triunfante	p. pres. De triunfar. Diz-se das coisas grandiosas como para ornato de triunfo: triunfar – receber as honras do triunfo fig. conseguir uma vitória.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Triunfante	Adj. que triunfa; que recebeu as honras do triunfo; vencedor; vitorioso; alegre; jubiloso.

FELINO-TRIUNFANTE (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*São Salvador! ao navegante Quão belo o ser salvo por ti, Ó luz divina à noite errante Nas praias de Guanaani, Qual olhar <felino-triunfante> Da terra encantada! E tal vi*” (HS, p. 438)

Sentido: Que dissimula com ar de triunfo; apresenta a vitória dissimuladamente com ar de vencedor recebendo honras de triunfo.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘felino-triunfante’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical e caracteriza o substantivo ‘olhar’ personificando ‘terra encantada’. Aqui, tem-se outro contexto de descrição da natureza com certo exotismo e beleza como se os elementos naturais tivessem vontade e vida própria.

75 FIRME-ABERTO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Firme	Adj. fixo, imóvel, que não se abala.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Firme	Adj. firme, sólido, seguro.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Aberto	Adj. abertura feita para dar passo a alguma cousa; entrada; buraco; fenda; fresta; oportunidade; boa ocasião.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Aberto	Adj. sem obstáculo que impeça de entrar, de sair, de ver,.

FIRME-ABERTO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Não cinópida Helena, ela Que acende guerrear ao furor; Mas Heleura terra-donzela Virgem ardente, em puro amor, <Firmes-abertos> olhos, a bela, O sangue-novo, o mundo-dor*” (HO, p. 433).

Sentido: Perspicaz e seguro de si; sagaz; inteligente, vivo e bastante firme; esperto e transmite segurança.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘firme-aberto’, neologismo formal e semântico, traduz um outro contexto nacionalista. Nessa abonação, o poeta idealiza o Brasil, uma terra recém descoberta: “terra-donzela”, e o chama de “virgem ardente” que deve permanecer com os olhos perspicazes e seguros de si para poder se desenvolver e conquistar o futuro. Estudos demonstraram que Sousândrade era grande estudioso da língua grega, nesse caso, a menção “cinópida Helena”, “heleura terra-donzela” traduz um pouco de seu helenismo em sinal de devoção aos costumes, estilos e pensamento da Grécia antiga. Outra observação interessante é a quase ausência de verbos, nessa estrofe. Isso deveria exprimir um contexto estático, mas não é isso que ocorre. Há constante movimentação e ação, outra novidade na estrutura escrita, proposta por Sousândrade.

76 FRUTINAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Frutificar	v.i. dar fruto // fig do ânimo ou alma: dar de si obras do entendimento ou da vontade.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Frutificar	v.i. dar fruto (a planta). //Estar e frutificação. // (fig) Produzir resultado vantajoso, dar utilidade ou benefício

FRUTINAL (s.m.) (1 oc.)

Abonação: *”Oh, a bandeira incendiária Em flegros campos – um rosal Guardando a bela árvor, à hasteária Gravado teu nome auroral, Infância pátria ignara vária E do encantador <frutinal> Eu tão zeloso! oh, verdeante Que o pomo das de oiro em amor, Como és a coroa irradiante A arder-nos da fronte ao redor! Co’o riso-céus, o amor amante À luz do lábio encantador.” (HO, p. 437)*

Sentido: Que frutifica; relativo à origem de algo; que gera bons frutos ou bons resultados; que gera uma espécie de deliberação sobre alguns assuntos com resultados vantajosos.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘frutinal’, neologismo formal e semântico, exprime a simbologia representada pela bandeira brasileira num contexto de ‘redescobrimento’ do Brasil enquanto nação. Trata-se de uma verdadeira declaração de afeto nacionalista.

77 GÊNIO-AMOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Gênio	s.m. o talento ou disposição, aptidão, propensão para alguma arte; espíritos ou quase deidades a quem eles atribuíam a criação ou influência na criação das coisas; inclinação para o mal ou para o bem.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Gênio	s.m. espírito bom ou mau que segundo a opinião dos antigos acompanhava os homens desde o nascimento até a morte, ou que presidia certos lugares, ao encadeamento de certos fatos; o mais alto grau de potência intelectual que pode atingir o espírito humano; talento; disposição natural; aptidão para uma coisa.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Amor	s.m. sentimento com que o coração propende para o que lhe parece amável, fazendo disso o objeto de suas afeições e desejos; benevolência; afabilidade; brandura; afeição.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Amor	s.m. afeição profunda; gratidão; respeito; desejo sensual.

GÊNIO-AMOR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Rosas reverdejam; e helianto No sol mirar-se é a feliz Doce união, da calda-encanto Co’o generoso vin-vieux. Ris? (O riso-céus!) pelo teu pranto Dei toda sorte minha. Eu quis Ser teu Great-Dog: e tu meu Sírio! Oh, borboleta-girassol! <Gênio-amor>! oh, luz-delírio! Oh, tanta luz! tanto arrebol (O riso-céus!) e o lume e o lírio De teus cabelos de crisol! Acompanhei-te solitário E sem ser visto, a ser o juiz Do teu bom caráter, sacrário Que estudo (mamã creu e diz): Lady-like; e do relicário Do sentimento, um Deus feliz*” (HO, p. 434).

Sentido: Intelecto benevolente; ser com alto grau de potência intelectual, talento, disposição natural e brandura.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘Gênio-amor’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical e nomeia a musa amada pelo poeta, que seria o Brasil, nesse caso, personificado na Princesa Isabel.

78 HARPAS-SELVAGENS

Bases Lexicais	
Harpas Selvagens	Obra publicada por Sousândrade em 1857.

HARPAS-SELVAGENS (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*E do Marquês "Menino de Ouro" O quadro exposto: e eu diante a olhar (Há quarenta anos), ora o agoiro N'<Harpas-Selvagens> a vibrar Ouvides e aprendei o tesouro Das ciências dos destinos, do ar:*” (HO, p. 441).

Sentido: Declaração ou comunicação a respeito de algo polêmico e controverso que aconteceria; denúncia como ato ou efeito de prever; antecipação do que ainda irá acontecer.

Notas Lingüísticas: O vocábulo “Harpas-Selvagens” surgiu do título da obra poética publicada por Sousândrade em 1857. Na época em que a obra foi produzida ocorreu, como sempre, grandes movimentações no Brasil. Nessa estrofe, o poeta cita o golpe da maioria de Dom Pedro II que precisava tomar posse do trono e se tornar Imperador, pois o país recém libertado do colonialismo necessitava com urgência de um líder que serviria de barreira contra as rebeliões e as agitações populares que ameaçavam dividir o país. Assim, Dom Pedro II, “O

menino de oiro”, em 1840, ou seja, “há quarenta anos atrás”, aos quatorze anos de idade se tornou imperador do Brasil e chefe de governo. Desse modo, ao produzir a obra, citada como um ‘agoiro’ ao regime monarquista, o poeta previa a chegada da República. Nessa abonação, ele confirma sua previsão, ou seja, a mudança de regime político aconteceu como havia preconizado e, ele se vangloria, pois se vê conhecedor das “ciências do destino”.

79 HÚMUS-ATEUS

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Húmus	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Húmus	s.m. terra vegetal que forma solo fértil de todos os lugares do globo e da qual se nutrem vegetais. É uma matéria negra que provém da decomposição dos animais e vegetais.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Atheo	s.m. que nega a existência de Deus.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Atheu	s.m. o mesmo que ateuista; descrente; ímpio; que nega a existência de Deus.

HÚMUS-ATEUS (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “Luz, luz – só têm eternidade Os que irradiaram aos céus Través térrea humanidade, Tenebrosos <húmus-ateus> Riqueza – de fertilidade Donde o pão, que nutre aos de Deus;” (HO, p. 445).

Sentido: Matéria orgânica de origem, predominantemente, vegetal, de cor escura que fertiliza o solo ainda virgem; terra vegetal que forma solo fértil que, com tanta produção, encanta até mesmo o descrente.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘humus-ateus’, neologismo formal e semântico, mantém o sentido da base lexical e caracteriza a fertilidade de uma terra que gera o alimento sustentando a todos e fará isso por bastante tempo. Essa fertilidade é considerada, pelo poeta, como uma riqueza que se expande por todo o país e agrada até aos mais descrentes.

80 INFANTINO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Infanta	s.f. princesa do sangue real, irmã Del-Rei ou do príncipe sucessor.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Infanta	s.f. princesa, filha do rei que não é herdeira da coroa. A esposa de um infante.

INFANTINO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*N’aérea barca helespontina Lobo do mar, salvei-a: ri! Quão divinal! quão sacarina! A linda jóia!... "Can not see." Beijo-lhe as tranças; na< **infantina**> Boca há segredos de rubi*” (HO, p. 436).

Sentido: Relativo à infância; infantil; pertencente à realeza; que se percebe nobre e inocente ao mesmo tempo.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘infantino’, neologismo formal, mantendo o sentido da base lexical, assinala uma descrição afetuosa dada pelo poeta a uma pessoa bem quista por ele. Pela descrição, o eu lírico a vê como alguém de bastante importância, beleza e carisma.

81 INFÉRNEO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Inferno	s.m. lugar de penas eternas depois da vida onde os ímpios padecerão a privação da vista de Deus; buraco em que anda a roda no moinho d’água; talha do moinho para onde se tira a massa.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Inferno	s.m. lugar subterrâneo em que habitavam as almas dos mortos. Coisa excessivamente desagradável que causa muito desgosto; lugar em que reina a discórdia e a confusão.

INFÉRNEO (adj.) (1 oc.)

Abonação: *“Itamarati... dânteo abismo Dado pra berço à mais gentil Revolução! E eu cismo, cismo Vendo e ouvindo o < inférneo > alcantil, De Waterloo sepulcro mutismo, Fundo o gemer -ai do Brasil!” (HO, p. 441).*

Sentido: Diz-se de um lugar ou coisa que é desagradável e causa desgosto excessivo; relativo ao inferno por representar discórdia, confusão e maus sentimentos.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘inférneo’, neologismo formal e semântico, traduz a situação de balbúrdia em que se encontrava a sede do governo da recém proclamada República. Era como se o poeta vislumbrasse o desentendimento ocorrente naquele ambiente: “E eu cismo, cismo vendo e ouvindo o inférneo alcantil”. Nesse contexto, o Brasil se encontrava a beira de um abismo, ao invés de sobressair-se e desenvolver. Precisava de bons governantes que alavancasse o País e o impulsionasse à frente para uma economia bem estruturada gerando boa qualidade de vida à população.

82 INTRANSITÓRIO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Transitório	Adj. sem longa duração; de passagem; sem permanência.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Transitório	Adj. passageiro, breve, que dura pouco.

INTRANSITÓRIO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Altos degraus da glória, a glória Co’a genial c’roa tua além Cercar-me a fronte, da vitória Que na bela alma se contém Encantadora <intransitória> Como a verdade, o sumo bem” (HO, p. 434).

Sentido: Que não varia; incontestável; que não demanda transição e nem requer mudança.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘intransitório’, neologismo formal, caracteriza a alma como algo que não é passageiro. Nessa abonação, o poeta menciona que a glória, a vitória e a verdade também devem ser de caráter intransitório e permanente.

83 JARDINOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Jardim	s.m. porção de terra cultivada e plantada de flores.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Jardim	s.m. espaço ordinariamente fechado por muros ou grades, junto as casas de habitação ou separado em lugar público. Fig. mulher que exageradamente se enfeita com flores; país, terreno fértil onde há muita vegetação.

JARDINOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Companheiros gentis da meninice, Da carreira nos prados, se perdêrão; Meigas adolescentulas celestes, Que descer dos mais annos me fazião No<jardinoso> albor andar com ella Fechadas flores, tão cheirosas, forão!” (HS, p. 275).

Sentido: Exuberante; cheio de beleza; animado e vigoroso.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘jardinoso’, neologismo formal e semântico, exprime um ambiente de amizade e beleza na natureza. Nessa abonação, o poeta descreve os anos de outrora em que convivia com os amigos na infância e por onde brincavam. A palavra

‘jardinoso’ retrata o quão belo e prazeroso era estar com uma pessoa que era especial ao eu lírico e bastante jovem, pois estava, ainda, a desabrochar-se: “que descer dos mais anos me faziam no jardinoso albor andar com ela fechadas flores”.

84 JOVITO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Jovial	Adj. amigo de rir; e fazer rir.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Jovem	Adj. alegre; folgazão; prazenteiro; engraçado; espirituoso; chistoso

JOVITO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Que também de cinzas < jovito > Renato, à frígie diz: sou Deus, Tu és meu riso; o peito aflito Buscou-te em vão terra, em vão céus, N’alma sondando e no Infinito, Até que t’encontrou. E os teus?*” (HO, p. 431).

Sentido: Amigo de se rirem juntos; alegre; de pouca idade e espirituoso;

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘jovito’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical caracterizando uma pessoa chamada Renato a qual se diz Deus que está bastante aflito e realiza uma busca pela amada: “buscou-te em vão terra, em vão céus”, pois se tratava de alguém muito querido e apreciado por ele: “tu és meu riso”. O vocábulo ‘jovito’ também pode ser uma criação de Sousândrade advinda de uma referenciação à mitologia, já que o deus Júpiter é também conhecido por Jove e é o soberano dos deuses na crença dos romanos e se equivale ao deus grego Zeus. Nesse caso, jovito (Jove + ito) pode ser uma menção ao deus Jove caracterizando Renato como um pequeno deus possuidor de vários poderes em meio ao infinito. O próprio nome ‘Renato’ (Re + nato) traduz a idéia de renascimento: “que também

de cinzas jovito Renato”. Nesse verso, podemos vislumbrar, também, a menção à ave Fênix²⁶, ser mitológico, que ao morrer queimada, após um longo ciclo de vida, ressurgia das próprias cinzas para viver mais mil anos. Assim, Renato, o renascido, é comparado à Fênix que, segundo a crença cristã, simboliza a morte e a ressurreição para a vida eterna.

85 LIBERDADE-AMOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Liberdade	s.f. faculdade de fazer impunemente e sem ser responsável tudo o que não é proibido pela lei sem haver quem arbitrariamente tome conhecimento disso. Estado da Nação que não reconhece superioridade a outra.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Liberdade	s.f condição do homem livre; daquele que não é propriedade de um dono qualquer

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Amor	s.m. sentimento com que o coração propende para o que lhe parece amável, fazendo disso o objecto de suas afeições e desejos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Amor	s.m. afeição profunda.

LIBERDADE-AMOR (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Doirado paço-agoiro caótico De titular mofo e bolor, Mais d’escravos tempos um pórtico, Do que pra berço de uma flor; Domino noir templo deodórico Mais, do que à< liberdade-amor>” (HO, p. 439).*

Sentido: Direito que cada um tem de estar livre em um ambiente de paz; condição de homem livre e responsável pelos atos num ambiente de afeição, sem violência e/ou perturbações sociais.

²⁶ Fênix - Ave fabulosa egípcia, ligada ao culto do deus Ra. Semelhante à águia, com asas douradas e vermelhas, vivia mais de mil anos. Ao sentir a morte, deixava-se consumir pelo Sol, para em seguida renascer das próprias cinzas. ©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

Notas Lingüísticas: O sentido do vocábulo “liberdade-amor” revela a expectativa que o poeta tinha em relação ao Brasil ao se tornar República. Contudo, ao contrário do que essa nova palavra sugere, os tempos de escravidão ainda prosseguiriam mais do que ele imaginara, agora sob outras vertentes. Nesse contexto, o povo continuava sendo explorado, apenas os ricos influentes participavam dos assuntos políticos, a democracia ficou anulada, ou seja, a República não resolveu os problemas recorrentes, muito menos os conflitos populares: “Doirado paço-agoiro caótico”.

86 LÍRIOS-TIRADENTES

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Lírio	s.m. flor de várias espécies e a planta que dá; lírio branco: açucena.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Lírio	s.m. planta da família das irideas notável pelo seu aroma e cor; zôo. Variedade de peixe-espada; fortif. Ferro de três pontas que se armava nas estacas o fundo das covas para espetar quem nestas caíssem

Bases Lexicais	Minienciclopédia – Aurélio Século XXI
Tiradentes	Joaquim José da Silva Xavier (1746-1792) Alferes foi líder da conjuração Mineira; denunciado, foi enforcado e esquartejado. Insurgiu contra o sistema monárquico e colonizador implementado por Portugal.

LÍRIOS-TIRADENTES (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Donde o rir <lírios-Tiradentes>, Çucenais coroas, de amor Às Eucaristias contentes. Porque Washington o lavrador É o Batismo dos continentes Da Liberdade - ao peito a flor*” (HO, p. 441).

Sentido: Que causa sensação de liberdade e euforia; apresenta sensação de vitória e conquista; demonstração de emoção significativa que mobiliza afetos e conquistas.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘lírios-Tiradentes’, neologismo formal e semântico, surge para demonstrar que a luta de Tiradentes não foi em vão. A independência do Brasil em 1822 e a proclamação de República em 1889 evidenciam que apesar de ter passado muito tempo o objetivo dele foi conquistado, ou seja, o Brasil estava livre da Monarquia e do Imperialismo e tinha se tornado uma República Federativa. A conquista de tudo isso deveria valer “o rir lírios-Tiradentes”, demonstrativo de prazer e alegria pela glória conseguida. Assim, nessa abonação, Sousândrade mostra que a América se tornou um continente da liberdade, batizada pelos Estados Unidos e que até a igreja se alegrou.

87 LUZ-DELÍRIO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Luz	s.f matéria que emana do sol; lume; o corpo que dá luz;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Luz	s.f claridade produzida por certos corpos;fig. evidência; verdade; certeza.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Delírio	s.m. desordem; perturbação da imaginação causada por doença; falar diparatado; fig. de quem pensa mal por ignorância.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Delírio	s.f. perturbação temporária das faculdades intelectuais causada por doença; fi. Exaltação de espírito; alucinação; exaltação, excesso de paixão ou sentimento; entusiasmo, furor poético.

LUZ-DELÍRIO (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Ser teu Great-Dog: e tu meu Sírio! Oh, borboleta-girassol! Gênio-amor! oh, < luz-delírio >! Oh, tanta luz! tanto arrebol (O riso-céus!) e o lume e o lírio De teus cabelos de crisol!. Acompanhei-te solitário E sem ser visto, a ser o juiz Do teu bom caráter, sacrário Que estudo (mamã creu e diz): Lady-like; e do relicário Do sentimento, um Deus feliz”* (HO, p. 434).

Sentido: Ser que irradia luz e faz perder a razão; que causa alucinação e exaltação; ser que eleva o espírito causando furor poético, entusiasmo e excesso de paixão.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘luz-delírio’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical e nomeia o Brasil, a musa amada pelo poeta personificada na Princesa Isabel.

88 MARERIAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Maré	s.f. o crescimento e mingua que se observa nas águas do mar, o seu fluxo e refluxo; ensejo próprio de navegar; fig. todos os negócios, as mulheres tem suas marés, i.é. ocasiões e circunstâncias ou estados favoráveis a quem comete; vez, oportunidade, ensejo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Maré	s.f. fluxo e refluxo do mar e das coisas sociais; a marcha dos acontecimentos humanos;

MARERIAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Quantas meninas vão por entre as flores De bellas graças, de formoso corpo! Pisando a relva de Diana a casta Montanheza e da mágica Velleda: Virgens <mareriais>, ó lindas flores! Humanas flores, cândidas donzellas!*” (HS, p. 101).

Sentido: Inconstante; circunstancial; que possui comportamento leviano e volúvel;

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘marerial’, neologismo formal e semântico, exprime a forma inconstante de ser das donzelas apreciadas pelo poeta as quais são bem jovens. Nesse caso, elas são graciosas, cândidas e belas e caminham pela relva de um lugar pitoresco. Em um cenário tipicamente romântico, o eu lírico apresenta uma imagem que lhe causa extremo prazer.

89 METAMORFOSEAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Metamorfose	s.m. ou f. transformação de uma substancia em outra; a que vemos insetos tornados de Lagarta ou ninfa em borboleta. Fig. Metamorfose da República
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Metamorfose	s.f. mudança de uma figura ou forma para outra; cada uma das transformações dos seres sujeitos ao metamorfismo; mudança do aspecto geral das pessoas originada por alteração no modo de vestir ou por outra qualquer.

METAMORFOSEAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*E eu te pressentindo – Libertas <Metamorfoseal> redenção De tanta crisálida às festas; Porém, nunca a transformação! Ó genial musa! eis que às sextas Encontro-te: és a solidão:*” (HO, p. 446).

Sentido: Que apresenta mudança de aparência, caráter e circunstância, mas mantém a essência; mutável; transformante.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘metamorfoseal’, neologismo formal, mantém o sentido da base, e caracteriza a suscetibilidade de mudança que a nação brasileira se encontrava. Segundo o poeta, a mudança ocorreria, mas de forma superficial. Nesse caso, a essência continua a mesma, ou seja, uma transformação real e profunda jamais aconteceria. De fato, historicamente, o proclamar da República pouco resolveu a situação da crise brasileira. Assim, tanto a exploração do povo, quanto as manifestações e revoltas populares continuaram tomando, inclusive, proporções maiores.

90 MISTAS-IRMÃS

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Misto	s.m. o que se compõe de várias coisas misturadas. Adj. império misto: poder de impor penas pecuniárias e não de sangue. Cor mista: a que resulta da mistura de duas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Misto	s.m. mistura, reunião de duas ou mais coisas; conjunto, composto.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Irmão	s.f. filho do mesmo pai ou mãe ou de ambos; respeito de outros filhos ou filhas;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Irmã	s.m. diz-se da pessoa do sexo feminino em todos os casos em que for aplicada o que se diz de irmão para as pessoas do sexo masculino.

MISTAS-IRMÃS (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*E a formosura onipotente Qual o astro das verdes manhãs Do Dentista, em dia contente D’escolinhas <mistas-irmãs> Com que honrei eu, quando Intendente, Libertas, a que honra-me as cãs*” (HO, p. 448).

Sentido: Que se apresenta como uma mistura de características que são complementares; reunião de duas ou mais coisas em que há ligação ou são interligadas; ligação entre duas ou mais coisas por afinidade ou adoção.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘mistas-irmãs’, neologismo formal, caracteriza o substantivo ‘escolinhas’ e apresenta um sentido de afinidade entre dois contextos: brasileiro e norte-americano, “D’escolinhas mistas-irmãs com que honrei eu, quando intendente”. Sabe-se que Sousândrade fora prefeito de São Luiz do Maranhão e como primeiro Intendente distribuiu terras aos escravos livres e, junto com sua filha Maria Bárbara, fundou o Colégio Industrial sob práticas e costumes norte-americanos, incluindo classes mistas e as comemorações natalinas com Papai Noel de vermelho e branco. Nesse caso, o poeta comemora no dia de Tiradentes: “do dentista em dia contente” a fundação do que seria a escola mais prestigiosa de São Luis.

91 MUGIBUNDO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Mugir	v.i. dar mugidos; fig. gritar desentoadamente.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Mugir	v.i. dar mugidos; fig. berrar, gritar despropositadamente. Fig. soprar fortemente, bramir, fazer grande estrondo (falando do mar, do vento).

MUGIBUNDO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “E <**mugibundo**> ao longe o mar contando Os meus desgostos ás sonoras plagas, Ao peito meu sonoro d’oco tronco, Que o vapor fraco do meu pranto exhala, Fendido ao coração que se convulsa Sem verter uma seiva!” (HS, p. 250).

Sentido: Ruidoso; que emite sons característicos; que produz forte estrondo; barulhoso e movimentado; cheio de ruídos e movimentos.

Notas Lingüísticas: O vocábulo “mugibundo” surge para caracterizar o substantivo ‘mar’ personificado nessa abonação. Esse neologismo adveio do verbo mugir unido ao sufixo -bundo que traz a idéia de cheio de; propenso à. Como essa alteração causou mudança na forma e no sentido da palavra, esta pode ser classificada como neologismo formal e semântico. Nesse caso, a formação dessa palavra apareceu num contexto que reflete um ambiente natural, mas de forma sublimada que traduz um estado de espírito conturbado e desgostoso do eu lírico, desse modo, trata-se de uma situação e ambiente típicos da tendência simbolista.

92 MUNDO-DOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Mundo	s.m. o universo criado; fig. os homens. Adj. limpo, puro ex: as mundas almas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Mundo	s.m. tudo o que Deus criou e a vista ou os desejos dos homens podem abranger. A humanidade, o gênero humano, os homens em geral. A vida humana, a vida presente e atual. Adj. limpo, asseado, polido e purificado.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Dor	s.f. sensação molesta causada por coisa, que ofende o corpo ou inquieta e ofende a alma; sentir suas desgraças; fig. sentimento, pena, pesar.
Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Dor	s.f. sensação desagradável causada por lesão ou por um estado anômalo dos órgãos; sofrimento físico; sentimento triste; impressão moral desagradável; pesar, mágoa, aflição

MUNDO-DOR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Não cinópida Helena, ela Que acende guerrear ao furor; Mas Heleura terra-donzela Virgem ardente, em puro amor, Firmes-abertos olhos, a bela, O sangue-novo, o <mondo-dor>*” (HO, p. 433).

Sentido: Padecimento; amargura; penúria; angústia; muita mágoa e sofrimento.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘mondo-dor’, neologismo formal e semântico, revela que o poeta estava sempre acompanhando os acontecimentos políticos e sociais ocorridos no Brasil do final do século XIX. Era grande o sofrimento do povo, naquela época, pois havia muita fome, revoltas e muita violência. As riquezas e as terras sempre mal distribuídas e miséria tomava conta daquele ambiente. Nessa estrofe, Sousândrade cita a cultura grega: “Nã cinópida Helena... Que acende guerrear ao furor”, nesse caso, os gregos eram um povo que vivia em constante guerra por conquistas, desse modo, o Brasil poderia seguir o exemplo dos gregos e se tornar também um povo guerreiro.

93 MUSA-AMOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
musa	s.f. Deusa que inspira os poetas

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
musa	s.f. suposta divindade ou gênio que inspira a poesia.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
amor	s.m. sentimento com que o coração propende para o que lhe parece amável, fazendo disso o objecto de suas afeições e desejos.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
amor	s.m. afeição profunda.

MUSA-AMOR (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Doutra dona... oh, a inteligência Dona... mas, cetim branco e flor! ‘Menina e moça’, áurea existência Musa cívica a <Musa-Amor>! Já fotografara-te o pensamento Que um pensamento houve a transpor*” (HO, p. 429).

Sentido: Ser considerado digno de profundo respeito e inspirador de poesia e de bons sentimentos; objeto de afeição e desejos.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘musa-amor’ o poeta reuniu em um único elemento lexical dois substantivos. A nova palavra foi utilizada para ‘renomear’ a pátria muito querida pelo poeta. Sabe-se que o Brasil passava por um processo de mudanças políticas em que se instaurava a República, regime muito ensejado por Sousaândrade. A nova forma surgiu pela junção de duas lexias e, com a junção, houve também a união dos sentidos, caracterizando-se, assim, como uma lexia neológica formal criada pelo processo de composição.

94 NEVINITENTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Neve	s.f. vapo que congelando-se na atmosfera torna a cair em flocos mui alvos. Fig. frieza
Nitente	adj. que resiste, forceja contra.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Neve	s.f. água congelada que cai da atmosfera em leves flocos extremamente brancos; fig. extrema alvura; extremo frio;
Nitente	adj. nítido, fulgente, luzidio. Que forceja, resistente.

NEVINITENTE (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Prateando rompe o lírio <Nevinitentes> casulos, Roda delle o beija-flor Illude-se vendo amor*” (HS, p. 58).

Sentido: Que possui cor branca e emite brilho luzidio; brilhante e forte ao mesmo tempo e belo de se ver; que se apresenta em extrema alvura e resistência tamanha com luminosidade resplandecente.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘nevinitente’, neologismo formal, mantém parte do sentido da base lexical caracterizando a alvura do lírio, quando em botão, que mais parece um casulo de tão resistente e pode até confundir o beija-flor. Esse vocábulo surgiu pelo processo de composição em que a palavra nova foi criada por meio da união das palavras ‘neve’ e ‘nitente’. Nesse caso, a associação desses dois elementos foi feita por aglutinação.

95 NÓCTEO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Nocturno	Adj. da noite, noctivado: que anda de noite.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Nocturno	Adj. que aparece ou se realiza de noite; music. Composição musical de caráter melancólico.

NÓCTEO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Do vendaval, batendo impuras azas No <nocteo> corvo; os ares corta o bosque, Uiva o mar á sua sombra fugitiva*” (HS, p. 103).

Sentido: Sombrio; que denota medo e insegurança; que se oculta entre as sombras antevendo desgraça e infelicidade; tenebroso.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘nocteo’, neologismo formal, exprime uma visão subjetiva, simbólica e espiritual do mundo percebido pelo poeta. Essa abonação denota um obscuro estado de espírito do eu lírico que se vê cercado de inseguranças, impurezas e sombras.

96 NOITIDÃO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Noite	s.f. o tempo em eu o sol anda por baixo do nosso horizonte e fica escuro o nosso hemisfério.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Noite	s.f. espaço de tempo entre o crepúsculo da tarde e o alvorecer da manhã; trevas; obscuridade, escuridão; mistério; cegueira, ignorância; incerteza.

NOITIDÃO (s.f.) (1 oc.)

Abonação: “*Um phantasma sumio-se espavorido, Bello voando á <noitidão> do abysmo, Onde apparece: <<passa, e leva o echo Da tua voz, ó sombra mysteriosa, Que nós da crença>>*” (HS, p. 277).

Sentido: Condição do que é escuro; escuridão; inexistência de luz devido à profundidade de uma fenda na terra ou na rocha.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘noitidão’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical e caracteriza novamente um ambiente simbolista de sublimação da realidade, pois eleva o sentimento afetivo a patamares irrealis tornando-o sublime e misterioso.

97 NEOPÁTRIO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Pátrio	Adj. da pátria

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Pátrio	Adj. pertencente ou relativo à pátria.

NEOPÁTRIO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “ Ó Liberdade, flor senhorita Qual Santa Teresa, a união Da luz e do amor, a bendita Crucis – pentastral pavilhão Que há sangue e o rubor nobilita A arder <neopátrio> coração ” (HO, p. 441).

Sentido: Honrado; orgulhosamente nacionalista; valoroso; que é novo e honrado pertencente a algum país ou nação;

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘neopátrio’, neologismo formal, mantém parte do sentido da base lexical, pois caracteriza o coração do poeta que se considera o mais recente patriota do mais novo país livre do Imperialismo. Acontece que Sousândrade via a República como uma libertação do regime monarquista. Nessa estrofe, o poeta apresenta a liberdade com verdadeira adoração, pois ela é a união da luz e do amor e representa o propósito que o poeta pretendia alcançar desde que começou a acompanhar os acontecimentos políticos e sociais, inclusive os relacionados à escravidão. Para o poeta, a busca pela liberdade deveria gerir todas as decisões políticas tomadas acerca do país.

98 OMHERIAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Homérico	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
----------------	---------------------------------------

Homérico	Adj. relativo a Homero que pertence a Homero ou aos seus poemas e estilo; Heróico; épico; digno de ser cantado em epopéia.
----------	--

OMHERIAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Dedos de rosa há ainda Aurora D’heróicos tempos <omheriais> Abrindo as portas do dia: a hora Do leite a espumar nos currais, Do orvalho e da fonte sonora, Da alegria e a bênção dos pais*” (HO, p. 444).

Sentido: Extraordinário; grandioso; que tem caráter de aventura e fantástico; que possui caráter desmedido de ação.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘omheriais’, neologismo formal e semântico, retoma o sentido da base lexical caracterizando o substantivo ‘tempos’ como grandioso e aventureiro como os poemas épicos produzidos por Homero. Trata-se de poemas com dados e pormenores geográficos, históricos, folclóricos e filosóficos, e descrevem com perfeição os modelos de conduta e os valores morais da sociedade grega e do tempo em que foi escrita a obra. Além de símbolo da unidade e do espírito helênico, os poemas: *Ilíada* e *Odisséia* são fontes de prazer estético e ensinamento moral. Nesse caso, os modelos de conduta e os valores morais gregos eram ensinados pelo poeta que evoca aqui, a vida bucólica e de abundância que viveu na fazenda onde morou com os pais. Era realmente um tempo de muita felicidade e glória; eram de fato: “heróicos tempos omheriais”. Interessante observar, também, que o vocábulo ‘omehriais’ nos parece uma forma de anagrama montado por Sousândrade a partir da lexia ‘homeriais’. Destaca-se aqui a característica sousandradina de trabalhar a palavra em seu formato e sentido.

99 PAÇO-AGOIRO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Paço	s.m. casa nobre onde el-Rei habita; onde faz junta das câmaras e se dizem os paços do castelo. Fazer paço: fazer-lhe corte; obsequia-lo; cortesia.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Paço	s.m. casa nobre e sumptuosa para habitação de reis;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Agoiro	s.m. predição do sucesso futuro, fundada na observação do canto e vôo das aves.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Agoiro	s.m. presságio tirado do canto das aves; prognóstico, vaticínio; predição.

PAÇO-AGOIRO (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Doirado < paço-agoiro > caótico De titular mofo e bolor, Mais d’escravos tempos um pórtico, Do que pra berço de uma flor; Domino noir templo deodórico Mais, do que à liberdade-amor*” (HO, p. 439).

Sentido: Sinal de riqueza que prenuncia algo ruim; lugar suntuoso agourento; luxo que pressupõe maus prognósticos.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘paço-agoiro’, neologismo formal e semântico, surgiu para demonstrar a insatisfação do eu lírico em relação à realidade pungente e negativa que prevalecia na sede do governo após a proclamação da República. Nesse caso, o lugar luxuoso onde deveria reinar a liberdade, a democracia e a organização, reinava a negrura da escravidão, o conflito e a desordem. Nessa estrofe, o poeta denuncia e critica a situação caótica em que se encontrava o Brasil logo após a mudança de regime político que ‘elevou’ o Brasil império à condição de República.

100 PARAISAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Paraíso	s.m. o jardim onde forão postos nossos primeiros pais; fig. bemaventurança;

	jardim delicioso.
--	-------------------

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Paraíso	s.m. vasto parque dos antigos persas. Lugar onde Deus pôs Adão e Eva. Fig. delicioso.

PARAISAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*E foste? ai! <paraísal> gloriosa, Provocando a todos sgrimir, - Morra quem tocar nesta rosa! Qual madalenita do rir, (O riso-céus!...) voz tempestuosa Te ordena aí parar! Ao porvir*” (HO, p. 444).

Sentido: Prazeroso; agradável; que causa muito prazer; delicioso.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘paraísal’, neologismo formal e semântico, denota a simpatia do eu lírico em relação a alguém estimado por ele e demonstra seu desempenho cavalheiresco em relação à defesa e a sedução de uma dama: “Provocando a todos sgrimir – morra quem tocar nesta rosa!”. Nesse caso, essa rosa poderia ser a personificação da nação brasileira que se encontrava desprotegida e necessitada do amparo de seus patriotas.

101 PENTASTRAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Astro	s.m. todo corpo celeste; planetas, estrelas, cometas; fig. conhecimento astrológico de futuros.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Astral	Adj. que pertence aos astros; astro: fig. pessoa que distingue em talento, sabedoria, virtude ou formosura.

PENTASTRAL (adj.) (2 oc.)

Abonação: “Mundo-novo riso açucenas, (O riso-céus!) vejo-a na luz Musa armada, Minerva-Atenas, Força e firmamento azuis Qual brilha por noites serenas <Pentastral> símbolo da Cruz” (HO, p. 429).

Sentido: Que possui formato de um astro celeste com cinco lados ou pontas; fig. brilhante.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘pentastral’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical, pois caracteriza um astro formado por cinco pontas, possivelmente uma estrela. Nessa estrofe, o poeta caracteriza a República como um astro que se apresenta sob o símbolo da cruz e é percebido por todos pelo seu brilho ou importância. Ele a percebe, contudo, como um mundo-novo que se valerá de muita luta e força para conquistar seu espaço frente ao seu povo e a outros países: “Musa armada Minerva-Atenas”. Mas, o Brasil brilhará frente às outras nações como um “pentastral símbolo da Cruz”.

102 PRADINAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Prado	s.m. campo de erva não cultivado e de ordinário pasto.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Prado	s.m. terreno coberto de plantas herbáceas que servem para forragens e de que gado utiliza já como pastagem, já depois de cortadas comendo-as em verde ou em seco.

PRADINAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Em pallida orfandade eu fui qual folha Nas asas dos tufões ludibriada: Da selva me arrancarão tenra e murcha, Quando o sol rodeava-me n’um berço De flores e favonios, quando as aves No trino virginal d’argentea infância...Que amanhecer, ó mãe, quanto era horror! Collocado me achei n’um horizonte Onde o fogo queimára a terra, as flores, Tanto

sorriso <**pradinal**> no monte,(...) Chorei! Perdidas lagrymas de órfão Pedi consolações!
 Porém, á terra. E os meus gemidos as soidões comêrão;” (HS, p. 291).

Sentido: Singelo; inocente; ingênuo; aquilo que se apresenta de maneira natural; que é feito de forma espontânea sem artificialismos; natural; sincero; verdadeiro.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘pradinal’, neologismo formal e semântico, exprime a triste condição de orfandade descrita pelo eu lírico. Neste contexto, o poeta relata a situação de alguém que foi levado por várias situações e pessoas e que isso o deixava especialmente triste e desconsolado. Contudo, em um cenário de tristeza, o órfão chora solitário e pesaroso. É sabido que Sousândrade ficou órfão de pai e mãe muito cedo, e por acreditar nos “amigos” perdeu grande parte de sua herança. Nessa estrofe, o poeta relata suas dores do presente e um passado de paz e felicidade: “rodeava-me num berço de flores e favônios, quando as aves No trino virginal d’argentea infância”.

103 PRIMAVEROSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Primavera	s.f. a estação do ano que precede o estio; o princípio do verão; fig. ano; flor de seis folhas alvadias que se dá na sumidade de um talo alto redondo.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Primavera	s.f. estação do ano que vai de março a junho. Fig. época primeira; tempo primordial; aurora; anos relacionado à pessoa jovem.

PRIMAVEROSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Não me viste passando, ó mar, tão ledó Nas asas da esperança? E uns doces ares Sem esforço levavão-me inspirado N’um circulo de amores vaporoso, <**Primaverosas**> graças respirando, Rosa encarnada ao sol exposta abrindo,” (HS, p. 132).

Sentido: Que lembra a primavera pelo frescor, aroma e beleza; maravilhoso; perfeito; encantador; primoroso.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘primaveroso’, neologismo formal e semântico, traduz um ambiente de beleza e harmonia com a natureza. O eu lírico inspira-se “n’um círculo de amores vaporoso” e sublima a beleza de uma mulher elevando-a ao *status* de rosa ao se abrir. Nesse caso, trata-se de uma beleza de “primaverosas graças” e de muito frescor e perfeição.

104 QUEIXOSO-QUÉRULO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Queixa	s.f. palavras com que damos a entender o dano, mal, injúria que sofremos por doença, ou feito por alguém; querella, lamento.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Queixoso	Adj. que se queixa; fig. triste, sentido; que exprime queixa ou lamento; ressentido; ofendido; agravado.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Quérula	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Quérulo	Adj. poet. Que se queixa; lamentoso, plangente.

QUEIXOSO-QUÉRULO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*E um Mac-Kinley imberbe que a pérola Das Antilhas liberta ao mar! Perdida a vi <queixosa-quérula>: Bradei-lhe, eia! a sós! triunfar! E na imensidade áurea-cérula Dos céus de Monroe ei-la a brilhar!*” (HO, p. 449).

Sentido: Que se apresenta triste, lamentoso, ressentido; que exprime queixa ou lamento; ofendido; agravado; injuriado.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘queixoso-quérulo’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical e caracteriza alguém que se apresenta lamentoso. Essa estrofe apresenta citação

de nomes envolvidos na história dos Estados Unidos. Trata-se de uma representação metafórica que envolve o jovem Mac-Kinley, presidente dos EUA em 1897, as Antilhas que formam um colar de ilhas entre a América do Norte e a do Sul, entre o mar das Antilhas, e o oceano Atlântico. Sabe-se que as Antilhas sofreram uma intervenção norte-americana no passado invocada pela doutrina Monroe²⁷.

105 RIDOSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Ridente	Adj. poet. Que se ri; risonho;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Ridente	Adj. poet. Risonho; que se ri; alegre. Fig. vicejante; florido: prados ridentes.

RIDOSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: *“Ao clima das palmeiras transplantado, Enche-as das festas do guerreiro e os cantos Á voz do maracá <ridoso> e bello; Caminho de Pascal, sobre os altares” (HS, p. 136).*

Sentido: Sonoro; que provoca ruído semelhante ao riso; barulhento; que produz ruído e rumor causando alegria e agitação; que provoca o riso e a alegria por meio de som ritmado.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘ridoso’, neologismo formal e semântico, exprime a característica do som emitido pelo maracá, instrumento musical indígena usado em festas cerimônias religiosas e guerreiras. Nessa estrofe, o poeta exalta a cultura interna relacionada aos nativos brasileiros que dançam ao som ‘ridoso’ do maracá (espécie de chocalho feito de

²⁷ Doutrina Monroe, proposta por James Monroe, presidente dos EUA de 1817 a 1825, é o preceito pelo qual os Estados Unidos rejeitaram qualquer tipo de intervenção política de potências européias no continente americano. Apenas os EUA poderiam intervir antes da Europa, ou para evitar que isso ocorresse.
©Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

cabaça seca). Desse modo, a cultura brasileira é apresentada como festeira, com muita beleza, alegria e sempre num cenário natural e paradisíaco. Outra característica dessa estrofe é exaltação do índio e sua cultura nativa, mas tipicamente brasileira.

106 RISO-CÉUS

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Riso	s.m. O acto de rir; o gesto que se faz com a boca; e talvez o som que soltamos ao rir

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Riso	s.m. ação ou efeito de rir; movimentos da face eu traduzem a vontade de rir.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Céus	s.m. A região ethérea. O lugar onde está Deos e os Bemaventurados. Fig. Região, clima.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Céus	s.m. o espaço indefinido em que se movem todos os astros; a parte desse espaço limitada pelo horizonte.

RISO-CÉUS (s. m.) (6 oc.)

Abonação: “Mundo-novo riso açucenas, (O <riso-céus>!) vejo-a na luz Musa armada, Minerva-Atenas, Força e firmamento azuis Qual brilha por noites serenas Pentastral símbolo da Cruz” (HO, p. 429).

Sentido: Algo que eleva as pessoas tornando-as felizes e complacentes, enlevadas pela beleza, pela paz e pela inspiração do belo; demonstrativo de prazer como um sorriso.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘riso-céus’ o poeta reúne em uma única palavra dois substantivos de vida autônoma criando um terceiro. Nessa abonação, a palavra foi utilizada para ‘nomear’ o Brasil enquanto República recém-proclamada. O vocábulo ‘Riso-céus’ demonstra que o poeta produziu um neologismo a partir de duas palavras pertencentes ao

léxico da língua portuguesa caracterizando-se como uma lexia neológica semântica e formal criada pelo processo de composição. Em um sintetismo característico, Sousândrade fez do sintagma: ‘Um riso que eleva aos céus’ o composto: “riso-céus”. Trata-se de uma cadeia metafórica resumida em um único elemento lexical.

107 ROCHEDO-NEGROR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Rochedo	s.m. penhasco

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Rochedo	s.m. grande massa de pedras muito alta e geralmente escarpada; roca, rocha batida do mar; penha; penhasco

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Negrume	s.m. negrura ou negridão.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Negror	s.m. pretidão, negrura; escuridade densa.

ROCHEDO-NEGROR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*Qual um revólver fumegante O Pão d’Açúcar, ao fulgor Da calma há raios, em diamante Esfulge. Truth! à luz do amor Vinda ela, desenha, ermo Atlante, Céus, nuvens, <rochedos-negror>”* (HO, p. 435).

Sentido: Grande massa de rocha escarpada de cor bastante escura; penhasco negro; pedra com escuridade densa.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘rochedo-negror’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical a qual renomeia o Pão de Açúcar, um grande e famoso rochedo localizado na cidade do Rio de Janeiro e atual ponto turístico. Nessa estrofe, o poeta descreve o local como uma calmaria apenas aparente, pois o ‘Pão d’Açúcar’ parecia um revólver fumegante, e além

de ser erno e de se alcançar céus e nuvens, se apresentava bastante escuro. Contudo, havia “raios, em diamante... à luz do amor”, como se a luz do sol conseguisse penetrar e abrilhantar aquela paisagem exótica e apreciada.

108 RUBRO-VINHO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Rubro	Adj. mui vermelho.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Rubro	Adj. vermelho vivo que tem cor do sangue, do fogo

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Vinho	s.m. o mosto na primeira fermentação.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Vinho	s.m. liquido alcoólico produzido pela fermentação do sumo da uva; fig. embriaguez; bebedeira; cor de vinho: a cor roxa.

RUBRO-VINHO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Manhãs de outubro: ao primeirinho Clarão, qual dela, acordo e estou À matinal luz <rubro-vinho> Frescura d’alma; e as rosas vou Aonde em vestido cor de ninho Ela, eu olhando, ontem revooou*” (HO, p. 438).

Sentido: Que possui cor vermelha intensa e produz êxtase; que se apresenta sob cor bastante avermelhada; muito vermelho; algo cor do sangue que inebria e entontece.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘rubro-negror’, neologismo formal, caracteriza a luz matinal, que embora vermelho vivo como o sangue ou fogo, refrigera a alma do eu lírico que percebe a ausência de alguém que se foi no dia anterior.

109 RUIDANTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Ruído	s.m. estrondo, som forte. Fig. nome, fama, brado.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Ruído	s.m. rumor; barulho; estrépito; som que desperta os nossos sentidos; fragor, fracasso, trom, estrondo. Fig. fama, notícia de ação notável praticada por pessoa ilustre; renome.

RUIDANTE (adj.) (1 oc.)

Abonação: *“Hão trombas como os elefantes, Talvez de mor força moral, As borboletas estelantes Qual alma em luz aereal: Aquelas dão guerras <ruidentes>; Esta glória a Plato e ao rosal” (HO, p. 444).*

Sentido: Que provoca rumor e agressão; cheio de barulho; que há ruído, clamor e agitação; estrondoso; barulhento; que se vê notado pelo estrondo e estrago que provoca.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘ruidente’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical e reflete as situações provocadas por pessoas sisudas que se apresentam com semblantes carregados demonstrando mau humor. Nesse caso, pessoas carrancudas geram guerras e situações de interação difíceis, já as pessoas bem-dispostas e bem-humoradas irradiam luz, paz e transmitem alegria e glória.

110 SAGRADO-ENCANTADOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Sagrado	s.m. lugar vedado a profanidade, asilo,

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Sagrado	Adj. que recebeu consagração; que se sagrou; diz-se das pessoas que inspiram veneração profunda ou respeito religioso.; inviolável que não se deve infringir

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Encantador	Adj. que encanta: beleza encantadora.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Encantador	Adj. o que encanta ou faz encantamentos; que seduz, que atrai, que arrebat, que produz sentimentos afetuosos, que deleita os sentidos ou causa satisfação.

SAGRADO-ENCANTADOR (adj.) (1 oc.)

Abonação: “Fêz sua coroa gloriosa - Oh! a amante não tocada a amor! Oh! a mais bela! a ideal esposa! Morta à paixão em que há terror, Dafne! ó Dafne! ó láurea! ó rosa! Que adeus <sagrado-encantador>!” (HO, p. 446).

Sentido: Que encanta e produz sentimentos afetuosos; que inspira veneração profunda e deleita; de profundo respeito que gera satisfação e prazer.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘sagrado-encantador’, neologismo formal, exprime um caráter afetuoso com que o poeta percebe uma situação de despedida de algo ou alguém que necessita partir. Trata-se de um adeus imprescindível que o torna algo sagrado e que encanta ao mesmo tempo. Em meio ao tema política que envolveu toda a obra sousandradina, e ainda por se referir à coroa, e a ninfa Dafne²⁸, esse cenário descrito, nessa estrofe, leva-nos a inferir que tal adeus ‘sagrado-encantador’ foi dado ao Imperialismo que deixou de vigorar no Brasil em 1889.

111 SEMPRE-HODIERNO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Sempre	Adv. Em todo o tempo, sem cessar;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Sempre	Adv. A todo momento, a toda hora, em toda ocasião; continuamente;

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Hodierno	Adj. de hoje, deste dia pouco usado.

²⁸ Segundo a mitologia a ninfa Dafne foi transformada em um pé de louro o qual é bastante usado para fazer também coroas simbolizando glória.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Hodierno	Adj. muito moderno, dos dias de hoje; recente.

SEMPRE-HODIERNO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Deus o Infinito, <sempre-hodierno>, Abismo-Entranha universal Onde os astros giram internos - Incompreensível? oh! qual! Teus olhos atestam o Eterno E este amor indica o Eterno:*” (HO, p 445).

Sentido: Que está sempre presente; onipresente em toda a parte e a todo momento; que acompanha continuamente até nos dias de hoje.

Notas Lingüísticas: O vocábulo ‘sempre-hodierno’, neologismo formal, caracteriza a onipresença de Deus que é infinito e eterno. Essa lexia neológica mantém o sentido da base lexical e traduz certa fé do poeta em relação à doutrina divina e na existência de Deus. Nessa estrofe, Deus é descrito nos preceitos do cristianismo como infinito, eterno, onipresente e controlador das ações humanas, contudo exerce um controle sempre gerido pelo amor.

112 SIRENAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Sirena	s.f. sereia

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Sirênico	Adj. poet. Relativo às sereias. Fig. encantador.

SIRENAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Eu morra ao menos sem te ouvir longínqua Teu canto< sirenal>; roçar tua vestia Crepitante a cahirem minhas pálpebras*” (HS, p. 211).

Sentido: Que encanta, seduz e exerce influência irresistível; que envolve totalmente, desencaminha e atrai.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘sirenal’, neologismo formal e semântico, reflete a atração que o eu lírico sente ao ouvir o canto sedutor de alguém que lhe parece afetuoso. Nessa estrofe, o poeta descreve o poder de influência que o canto ‘sirenal’ tem e deseja ouvi-lo antes que a morte lhe feche as pálpebras. Desse modo, o eu lírico sublima a presença feminina e a eleva a um grau mitológico que detentora do poderes das sereias, cujo canto inebria os mortais homens, aqui, influencia, envolve e atrai o poeta.

113 SOCIAL-IDEAL

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Social	Adj. que é propenso a viver em sociedade e conversação dos seus semelhantes; que respeita a alguma sociedade, que deu ser a ela

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Social	Adj. que diz respeito à sociedade; sociável; próprio dos sócios de uma sociedade ou comunidade; relativo a uma sociedade

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Ideal	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Ideal	Adj. que só existe na idéia, no espírito; imaginário, fantástico, chimérico, que reúne todas as perfeições concebíveis e independentes da realidade; conjunto abstrato de perfeições de que se faz idéia, mas que se não pode atingir completamente: o ideal de beleza.

SOCIAL-IDEAL (adj.) (1 oc.)

Abonação: “(Abre Beatriz: Isabelzinha Aprende ao piano e encanta o lar) "Sou Fé, que aos combates caminha; Esp’rança, que aos céus há de chegar; Caridade, que é justa linha <Social-ideal>". Côndoro o olhar” (HO, p. 430).

Sentido: Se diz de uma situação propícia e perfeita que agrada a maioria; diz respeito à sociedade que ao reunir condições perfeitas agrada e ajuda a todos.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘social-ideal’, neologismo formal, exprime o ponto de vista do poeta o qual acreditava que praticar a caridade era o caminho a ser percorrido pela alta sociedade. Num contexto histórico, e em relação à princesa Isabel, a caridade ensejada pelo poeta era a assinatura da lei Áurea que libertaria todos os negros que viviam em regime de escravidão. Assim, ele nutria a esperança e a fé de que a escravidão chegaria ao fim, principalmente, pelas mãos ‘caridosas’ da princesa Isabel.

114 SUDORADO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Sudorífico	Adj. que promove o suor.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Sudorífico	Adj. que promove ou desenvolve em grande quantidade o suor

SUDORADO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*D’uma noite affrontosa: quando um dia Raiará para mim? Quando este peso Poderei sacudir, que tanto mata? Acordar, levantar-me deste leito Da terra, duro e triste, e< sudorado> Do meu peito que em forças se desfaz?...*” (HS, p. 132)

Sentido: Coberto por suor; cheirando a suor; fig. conseguido com muito custo e esforço.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘sudorado’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical caracterizando o substantivo ‘peito’ que se apresenta suado e quase sem forças. Nessa estrofe, numa cadeia metafórica, o poeta descreve uma situação de muito sofrimento que não tem fim. Isso equivaleria a uma situação problemática infundável e que os problemas nunca se

solucionariam. Nesse caso, a pessoa não conseguiria paz nem tranquilidade de espírito, mesmo com muito esforço. É como se uma noite angustiante de muitos pesadelos nunca findasse e a pessoa não conseguisse acordar para se livrar do incômodo.

115 SUSSURROSO

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Susurro	s.m. zumbido, diz-se do som que fazem as abelhas.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Sussurrante	Adj. que sussurra; que emite sussurro; que murmura; que tem um som um tanto vago.

SUSSURROSO (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*E o mar todo é coalhado De mil gentes passageiras, De ledas vagas cercadas, <Susurrosas>, lisongeiras:*” (HS, p. 122)

Sentido: Que emite sons constantes e um tanto vagos; murmúrio; que emite sussurro; que produz sons imprecisos, suaves e constantes.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘sussurroso’, neologismo formal, revela um ambiente marítimo em que há muitas pessoas cercadas das vagas, ou seja, das ondas. Tantas pessoas coalham todo o mar, apesar de estarem de passagem. Nesse caso, tanto as ondas quanto as pessoas emitem sussurros e se apresentam envaidecidas e agradáveis. Aparentemente, a imagem desse ambiente causa prazer ao poeta que se mostra um espectador em relação àquela cena.

116 TEOLOGAR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
theologia	s.f. sciencia de Deus, e das coisas Divinas, cerca do que se deve crer a esse

	respeito, e se diz dogmática, ou à cerca do que se deve obrar, e se diz moral .
--	---

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
theologia	s.f. ciência de Deus e das coisas Divinas. // Particularmente, a doutrina da religião cristã. // Conhecimento de Deus fundado na razão humana.

TEOLOGAR (v.i.) (1 oc.)

Abonação: “Sou Órion! em meu talabarte, Brilham, amor, amor, amor, <Teologais> - ó Dentista-Mártir; Floriano e a Redentora flor - Belém do pão, meiga reparte Rações de glória ao vencedor!” (HO, p. 130)

Sentido: orar; falar com Deus; falar da ciência divina para alguém; falar de Deus e das coisas divinas; doutrinar; ensinar o conhecimento de Deus baseado na razão humana.

Notas Lingüísticas: O emprego do verbo “Teologar” contextualizado nesta abonação literária apresenta um significado próximo aos das bases lexicais presentes nos dois dicionários consultados. Nesse verso, Sousândrade faz referências a Tiradentes que morreu pelo Brasil numa insurgência republicana e foi martirizado. Assim, o poeta pede que ele ore ou que orem por ele. Possivelmente, a formação surgiu da deverbação do substantivo ‘teologia’. Importa ressaltar que esta palavra neológica pode ser caracterizada como um neologismo formal e também semântico, já que houve mudanças na forma e acréscimos de sentidos.

117 TERRA-DONZELA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Terra	s.f. a terra este planeta que habitamos; região; minha pátria.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Terra	s.f. lugar ou localidade em que se está ou que se habita; domínio, propriedade, cidade ou aldeia; pátria.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Donzela	s.f. mulher moça solteira que servia a grande Senhora; senhora mimosa e delicada que se trata grandemente.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Donzela	s.f. dama solteira, virgem; denominação de todas as senhoras solteiras.

TERRA-DONZELA (s.f.) (1 oc.)

Abonação “*Não cinópida Helena, ela Que acende guerrear ao furor; Mas Heleura*²⁹

<**terra-donzela**> *Virgem ardente, em puro amor, Firmes-abertos olhos, a bela, O sangue-novo, o mundo-dor.*” (HO, p. 433)

Sentido: Pátria recém-formada; terra que ainda não foi cultivada; propriedade ou região ainda virgem.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘terra-donzela’, neologismo formal, surgiu nomeando o Brasil, que na época da produção dessa obra, ainda, era uma pátria recém-descoberta, recém-libertada, e República recém-proclamada. Tudo era novidade e, segundo o poeta, a ‘terra-donzela’ e de sangue-novo deveria ficar firme e lutar pela paz e pelo desenvolvimento.

118 TERRA-CÉU

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Terra	s.f. a terra este planeta que habitamos; região; minha pátria.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Terra	s.f. lugar ou localidade em que se está ou que se habita; domínio, propriedade, cidade ou aldeia; pátria.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Céu	s.m. a região etérea. O lugar onde está Deus e os bemaventurados. fig. região clima.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Céu	s.m. a região que se crê habitada por Deus, pelos anjos e bem-aventurados;

²⁹ Heleura ou Helê (em parte, de Hele, princesa mitológica que procurou fugir da cólera de sua madrasta montada num carneiro de velo de ouro) é, para o poeta, a encarnação da Liberdade e a musa do Novo Éden (a jovem República) (CAMPOS, 1966, p. 77)

	bem-aventurança, felicidade eterna.
--	-------------------------------------

TERRA-CÉU (s.f.) (1 oc.)

Abonação “*Novo mundo, que à minha porta Senta-se e lembra os lares meus, Que ainda eu sou alma que aporta Nas encantadas <terras-céus>... "Oh! a esta borboleta morta 'Stragam, tocando-a os dedos teus!' (HO, p. 438)”.*

Sentido: Região que se considera um paraíso; Pátria em que reina a felicidade; lugar agradável e prazeroso; propriedade ou região que possui um bom clima e é muito bom de viver.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘terra-céu’, neologismo formal, mantém parte do sentido da base lexical, e nomeia um lugar bastante especial ao eu lírico. Lembrando que ‘O Novo Mundo’ foi um jornal para o qual Sousândrade trabalhou nos Estados Unidos escrevendo artigos e resenhas literárias. Nessa estrofe, o poeta parece desolado em meio à saudade que sente do Brasil, a encantada terra-céu, ao se encontrar tão distante de seu lar.

119 TERRA-MANHÃ

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Terra	s.f. a terra este planeta que habitamos; região; minha pátria.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Terra	s.f. lugar ou localidade em que se está ou que se habita; domínio, propriedade, cidade ou aldeia; pátria.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Manhã	s.f. espaço do dia que se levanta a aurora até ao meio dia; amanhã: o dia que está próximo de vir.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Manhã	s.f. o tempo que medeia entre o nascer do sol e o meio dia. O amanhecer; fig. princípio, começo, a primeira parte de um período de tempo.

TERRA-MANHÃ (s.f.) (1 oc.)

Abonação “Deus pai de pretos. Tão amado, Se tua dindinha é a mãe, Basta eu ser, contigo, o afilhado: Distribuí-lhes <terras-manhãs> Da República o ente adorado Símbolo teu, meus talismãs” (HO, p. 438).

Sentido: Região produtiva e bem-sucedida; terra que gera prosperidade e riqueza; idéia de um futuro promissor; propriedade ou região bastante promissora.

Notas Lingüísticas: A palavra ‘terra-manhã’, neologismo formal, destaca o sentido afortunado relacionado às terras do Brasil após a proclamação da República. Sabe-se, que ao ser proclamada a República, Sousândrade foi nomeado primeiro Intendente (prefeito) de São Luiz e nesse cargo distribuiu terras para os escravos livres e presidiu a comissão que redigiu o primeiro projeto de Constituição republicana do Maranhão. E o poeta ressalta que bastou ele ter a sorte: ser ‘afilhado de Deus’, ou seja, receber a nomeação pela política, fez algo de bom aos seus queridos amigos negros: “Distribuí-lhes terras-manhãs Da República o ente adorado Símbolo teu, meus talismãs.”

120 TRAFICADOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Traficante	s.m. o que trata em comércios e vive de indústria, de ordinário se diz a má parte.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Traficante	Adj. negociante, comerciante. Fraudulento; tratante; embusteiro (atualmente só é usado neste acepção).

TRAFICADOR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*E o corpo despe desta impura terra?... Que importa – és pobre, nada vales. Olha, O homem que lá vês dellas cercado É vil <traficador>, nasceu tão baixo: E hoje um potentado numeroso, Vai às salas do rei, brilhante o peito!*” (HS, p. 222).

Sentido: Negociante de comércio fraudulento e ilegal; embusteiro; que pratica negócio clandestino e ilícito.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘traficador’, neologismo formal, demonstra o senso de observação do poeta em relação a esse tipo de pessoa. Nesse caso, para ele, traficante e/ou ‘traficador’, eram pessoas vis que nada valiam. Entretanto, embora fossem pessoas com péssimas características, eram extremamente bem recebidas e bem tratadas pelo rei, já que por meio dessa prática se tornavam pessoas de muito poder, riqueza e bastante influência: “E hoje um potentado numeroso, vai às salas do rei, brilhante o peito!”.

121 TRONO-AMOR

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Throno	s.m. trono

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Trono	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Amor	s.m. sentimento com que o coração propende para o que lhe parece amável, fazendo disso o objecto de suas afeições e desejos

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Amor	s.m. afeição profunda

TRONO-AMOR (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “*E eu do capitólio sou ganso, Da Liberdade o <trono-amor>: Na paz da América eu descanso, E a guerra eu sou e a magna dor: Beijando teus cabelos, tranço Tuas asas do sol-beija-flor*” (HO, p. 446).

Sentido: Lugar de bons sentimentos que reina a liberdade e a paz; elevação dos bons sentimentos e de afeição profunda; reinado de paz e amor.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘trono-amor’, neologismo formal, denota que comandantes de qualquer país, sobretudo os da América, devem investir os preceitos da liberdade em suas decisões e construir uma gestão embasada no princípio da paz. Nessa estrofe, o poeta descreve que se sente em paz e descansado, pois está na América, lugar venerado por ele.

122 VELUDOSO-VERDEANTE

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Veludo	s.m. seda com pêlo alto, vulgar.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Veludo	Adj. veloso, coberto de velo; s.m. tecido de seda ou de algodão com pêlo extremamente macio, curto e assetinado

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Verdejar	v.i. aparecer verde.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Verdear	v.i. o mesmo que verdejar, ablaquear.

VELUDOSO-VERDEANTE (adj.) (1 oc.)

Abonação: “*Do resplendor sol (palpitante Coração) que à nuvem corou Qual o apagassem e levante Novo ao diorama iluminou Folhã, **veludoso-verdeante** Que a um leque de virgem ornou*” (HO, p. 445).

Sentido: Que se apresenta aveludado e de cor verde; que tem a textura ou aparência macia ao toque e de cor esverdeada.

Notas Lingüísticas: O adjetivo ‘veludoso-verdeante’, neologismo formal, mantém o sentido da base lexical e caracteriza o substantivo folhão, ou seja, o babado que enfeita o leque de uma virgem. Trata-se de uma virgem observada pelo poeta em uma pintura (diorama) estampada em um quadro traduzindo uma cena que faz palpitar seu coração.

123 VIRENTE-AUREA

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Virente	Não consta

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Virente	Adj.f. verde, que verdeja, verdejante, viridente (fig) florescente, robusto, próspero.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Áureo	adj.m. poet. De oiro, em doirado.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Áureo	adj.m. de oiro, doirado //Cor de oiro.

VIRENTE-AUREA (adj. f.) (1 oc.)

Abonação: “<Virente-aurea> *bandeira/ Eu choro assim te olhando/ No ar desenrolando:*” (HS, p. 8).

Sentido: Diz-se de algo que é verde com brilho dourado.

Notas Lingüísticas: Na palavra ‘Virente-aurea’ o poeta reuniu em um único elemento lexical dois adjetivos criando um terceiro. A nova palavra foi utilizada para ‘caracterizar’ a bandeira do Brasil, país querido pelo poeta. O vocábulo ‘Virente-aurea’ demonstra que o poeta produziu um neologismo a partir de duas palavras de vida autônoma do léxico da língua portuguesa e com a junção surgiu também a união dos sentidos. Nesse caso, trata-se de uma

lexia neológica formal criada pelo processo de composição que manteve o sentido da base lexical.

124 VOEJO-COLIBRI

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Voejo	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Voejo	s.m. pó que se levanta de farinha quando está agitada; Voejar: v.i. o mesmo que esvoaçar ou volitar // andou voejando de flor em flor.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Moraes (1813)
Colibri	Não consta.

Bases Lexicais	Definição do dicionário Aulete (1881)
Colibri	s.m. ave de cores brilhantes, também denominada beija-flor ou chupa mel.

VOEJO-COLIBRI (s.m.) (1 oc.)

Abonação: “-Rigoleto?... oh, libertinagens!... Oiço, homem vão, femme varie... Pérfidous sons, oásis-miragens, Trêfegos <voejos-colibris>: Do lumefátuo apago imagens; Do amor sagrado amo-a e vivi” (HO, p. 435).

Sentido: Movimento ou deslocamento muito rápido pelo ar; passagem rápida e efêmera pelo ar; vôo rápido e controlado em que se paira no ar; fig. inconstância; infidelidade.

Notas Lingüísticas: O substantivo ‘voejo-colibri’, neologismo formal, traduz uma imagem de inconstância em relacionamentos amorosos por parte do poeta. Nessa estrofe, vários vocábulos exprimem a conduta de pessoas que se entregam imoderadamente aos prazeres sexuais: rigoleto, libertinagem, péfidous sons, trêfegos voejos-colibris. Contudo, são situações aparentemente também vividas pelo poeta as quais ele gostaria de esquecer em prol de um amor verdadeiro: “do lumefátuo apago imagens; do amor sagrado amo-a e vivi”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesse item, arrolaremos os resultados alcançados por meio dessa pesquisa. Assim, como já mencionamos anteriormente, o objetivo dessa pesquisa que resultou nessa dissertação foi elencar, por meio de um glossário, os neologismos encontrados nas obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de Ouro’ (1889/1899) de Sousândrade. Utilizamos para isso, uma compilação exhaustiva de todos os vocábulos: substantivos, adjetivos e verbos, não atestados nos dicionários ou *corpus* de exclusão. Nesse caso, na demonstração dos resultados, ressaltaremos os principais aspectos de arremate de nosso trabalho.

Partindo de nossa principal hipótese que se configurou na possibilidade de haver criações léxicas nas obras sousandradinas, pudemos concluir que tal hipótese se confirmou, já que foram encontradas inúmeras criações léxicas, dentre as quais elencamos nesse trabalho apenas 124 (cento e vinte e quatro) entre neologismos formais e semânticos. Os demais vocábulos neológicos encontrados foram enquadrados em critérios divergentes, pois são expressões idiomáticas, palavras híbridas e até palavras estrangeiras. Como optamos por registrar apenas vocábulos da língua portuguesa, sob a formação de palavras por derivação e por composição, deixamos de lado os demais neologismos para, possivelmente, ressurgirem num próximo trabalho.

Também como resultado, dos 124 neologismos inventariados, tem-se: 61 (sessenta e um) são compostos e os demais 63 (sessenta e três) foram formados pelo processo de derivação. Assim, percebemos que a criatividade de Sousândrade aborda todos os tipos de formação sem, contudo, privilegiar nenhum processo específico. A princípio, acreditávamos que os vocábulos neológicos formados pelo processo de composição apareceriam em maior quantidade e, principalmente, nas últimas obras publicadas pelo autor. Nesse caso, apenas essa última hipótese se confirmou, pois a criação de compostos sousandradinos quase não foi

encontrada em sua primeira publicação, mas em grande maioria na sua última, que foi “Harpa de Ouro”. Nesse contexto, percebemos que o autor ousou mais nas suas últimas obras, pois houve um aprimoramento de técnica na medida em que ele foi acumulando conhecimento de várias culturas.

Pudemos perceber que o neologismo apareceu no decorrer de toda a obra analisada, demonstrando assim, como propôs Guilbert (1975), que o ser humano, além de ter uma realidade a exprimir, deseja compartilhar suas experiências. Nesse caso, Sousândrade, buscou na neologia estilística, uma maneira de expressar suas idéias de maneira nova. Em meio ao domínio central da neologia, os neologismos criados por esse autor abarcaram novidades morfológicas, semânticas e pragmáticas, como foi proposto por Rey (1976) e muitos deles se constituíram concomitantemente em neologismos formais e semânticos, pois ao mesmo tempo em que houve modificação na forma vocabular, tal modificação se configurou em intensa movimentação de semas levando novos e inusitados sentidos à base lexical.

Verificamos, também, que Sousândrade, ao criar seus compostos, exprimiu diferentes situações ao utilizar a reunião de unidades autônomas da língua acrescentando ou criando novos sentidos para esses vocábulos neológicos. Em meio a uma neologia de forma, teoria proposta por Boulanger (1979), esse poeta criou neologismos cuja seqüência lexical referenciada por várias bases exprime um referente único, ou seja, funciona como unidade simples traduzindo uma realidade nova ou não.

No decorrer da pesquisa, observamos que nossa última hipótese também se confirmou já que pela análise das obras ficou evidente que o léxico utilizado pelo autor exprime a realidade vivida por ele e se apresenta espelhada em suas criações léxicas. Nesse caso, a vida pessoal e o ponto de vista sócio-político-ideológico do autor sempre estiveram expressos em toda obra de várias formas. Assim, percebemos que Sousândrade utilizou o léxico e muitas de suas criações neológicas com uma função simbólica de evocação das culturas estrangeiras e

nacionais, de ideologias e filosofias dominantes a fim de se expressar enquanto agente criador e um ser nacionalista, ávido por mudanças e conhecimento. Para isso, contemplou-nos com inúmeras construções léxicas representativas do seu estilo e da sua ideologia tais como: *bardo-cidadão*, *Brasil-brilhante*, *dentista-mártir*, *democracia-pura*, *deodórico*, *mistas-irmãs*, *terra-donzela*, *terra-céu*, *terra-manhã*, *neopátrio* coração. Esses vocábulos traduzem o nacionalismo sousandradino, já que renomeiam o Brasil de várias maneiras, além de expor de forma clara sua ideologia em relação à política e a sociedade como um todo.

Muitas vezes, também percebemos que Sousândrade personificou o Brasil na princesa Isabel e se referia a sua terra natal por meio de vocábulos aparentemente destinados à princesa: *alma-claridão*, *aliança-amor*, *alma-Deus*, *amor-luzeluz*, *beijo-céus*, *riso-céus* entre outros. Diante disso, embasados pela teoria proposta por Barbosa (2000), a qual assevera que o neologismo funciona como instrumento ideológico, concluímos que o código lingüístico, sobretudo, o neologismo, de fato funcionou, nessas obras analisadas, como instrumento de construção ideológica de uma cultura e expressou pensamentos e pontos de vista de uma pessoa ou de um grupo.

Finalmente, ao terminarmos as buscas pelos vocábulos não atestados no *corpus* de exclusão, percebemos, como postulou Sablayrolles (1996), que o teste de atestação nos dicionários nos insenta de tomar uma decisão pessoal em relação ao estatuto neológico dos vocábulos cotejados das obras literárias. Desse modo, concordamos que o dicionário não deveria ser o único aparelho medidor do sentido neológico do léxico, nem poderia servir como único instrumento de análise, mas na falta de um critério mais efetivo e seguro, optamos por manter a adoção dos dicionários para verificar a condição de atestados e não atestados e o teor de novidade dos vocábulos neológicos analisados.

No próximo item, à guisa de conclusão, apresentaremos nossas considerações com base nos resultados alcançados nessa pesquisa.

CONCLUSÃO

Nessa última parte, apresentaremos o estudo que efetuamos sobre as unidades léxicas neológicas tendo em vista os dados comprovados.

Condiderando o caráter literário das obras analisadas para obtenção dos dados dessa pesquisa, percebemos que o neologismo literário surge, esculpido pelo autor, da necessidade que se tem de criar vocábulos novos quando os existentes já não lhe são suficientes, apesar de que é sabido que na literatura ocorre a existência de vários níveis de emissores e de intérpretes. Nesse caso, pudemos observar que o autor emprega vocábulos novos aproveitando-se de que o leitor não os conhece, mas além da criação de neologismos literários por expressividade ou por ousadia, o autor, às vezes, cria um elemento lexical novo para suprir uma necessidade de se constituir um contexto sintático como, por exemplo, uma substantivação de um verbo, adjetivação de um substantivo ou formação de verbos a partir de várias classes de palavras.

Nesse contexto, analisar a obra literária sousandradina envolve mais que uma pesquisa acurada sobre movimentos literários, estilo ou bibliografias. Fazer uma leitura dessas obras sem apoio de teorias e estudos sobre os textos, também não é produtivo. Trata-se de uma obra sincrética que apenas uma boa leitura e um amplo conhecimento de mundo permitem vislumbrar a complexidade dela.

Em nossas atividades de estudo sempre demos muita importância à pesquisa bibliográfica e à leitura sobre tudo, inclusive sobre história nacional e internacional de várias épocas. Decidimos, então, aplicar esses conhecimentos à pesquisa, tentando desvendar o sentido proposto pelo poeta nessas obras. Acreditamos que, no fundo, foi o prazer da descoberta que aumentou o nosso desejo de aprofundar a pesquisa. Concluímos que a obra de Sousândrade é um emaranhado de intertextos que envolvem acontecimentos presentes,

passados e futuros de cunho pessoal, filosófico, histórico nacional e internacional, daí a necessidade de entender o contexto histórico e o próprio estilo do poeta para intuir as referências, além do conhecimento de bibliografias disponível.

Descobrimos que frases aparentemente desconexas encobrem uma mensagem perfeitamente inteligível para quem ache o ponto de arremate que serve de estímulo para prosseguir o trabalho.

A partir daí, pode-se crer que a diferença poemática de Sousândrade estaria relacionada a leituras e em uma tradição que era desconhecida de seus pares. É a própria escrita inovadora desse autor, em contraste com qualquer parâmetro de seu tempo, que exige uma análise desvinculada de gêneros literários e de uma história literária canônica. Da mesma forma, é a própria complexidade do fluxo da sua narrativa poética, seu uso de palavras raras ou oriundas de outros idiomas ou de rimas em diversas línguas, bem como de sua retórica complexa, que demandariam, da parte dos estudiosos, pesquisas e análises igualmente complexas.

Contudo, esta complexidade é inerente à própria arte do poeta, pois ele lia os poetas ingleses e americanos e abusava de palavras e expressões em inglês e de outros idiomas em sua poesia. Entretanto, não haveria neste trabalho um espaço para analisar sua linguagem em um contexto mais amplo, no que se refere, segundo os irmãos Campos (2002), ao seu extremo sintetismo, suas deformações expressivas, sua tremenda agressividade formal e conteudística, suas aglutinações com línguas estrangeiras. Contentamos, assim, em analisar os traços específicos apenas de suas invenções vocabulares, principalmente, as que incluíram o processo de formação de palavras em língua portuguesa, apoiados em contextos abonatórios das obras literárias.

Para obtermos uma relativa compreensão da obra de Sousândrade, procuramos identificar as referências que eram, de certa forma, evidentes no texto como: nomes próprios,

deuses mitológicos, datas, lugares e alguns acontecimentos históricos e ligá-los ao nosso conhecimento de mundo. Assim, buscamos apoio na Enciclopédia Barsa e algumas vezes na Internet, além de alguns livros didáticos de história para as informações que estavam fora do alcance de nosso conhecimento. O objetivo foi facilitar a leitura e compreensão dos textos a fim de promover uma definição mais segura dos neologismos e, ainda, levar essa compreensão aos leitores e pesquisadores e a quem mais o nosso glossário se destinar. Nesse caso, usamos o item ‘notas lingüísticas’ componente das análises vocabulares para levar esse conhecimento para o glossário, à guisa de informação. As referências pesquisadas abrangem neologismos, personagens, eventos históricos e autobiográficos, lugares, citações e intertextos.

Além da análise da obra, pesquisamos a vida e a época de Sousândrade para entender o contexto em que ele viveu e escreveu. Esse trabalho serviu para aclarar muitas de nossas dúvidas em relação aos textos, muitas vezes incompreensíveis, a princípio. No entanto, percebemos que para entender a obra sousandradina, vista pelos críticos como enigmática, descobrimos no contexto sócio-histórico-ideológico e nas vivências desse autor a chave para desvendar o mundo de Sousândrade. Por isso, sob uma forma mais simplificada e contextualizada, esse glossário seria dirigido, ainda, para o leitor comum, procurando criar um interesse pela obra do autor. Esperamos, também, que sirva de incentivo à procura de novas linhas de pesquisa.

Não pretendemos, contudo, esgotar aqui as possibilidades de análise das obras em seus vários aspectos, apenas contribuir com uma humilde mostra do muito que esse poeta representa. Por outro lado, tentamos também demonstrar a íntima ligação entre a vida e a obra do poeta. Todavia, por motivos óbvios, falta-nos, ainda, bagagem teórica, para um trabalho mais completo.

Sugerimos, entretanto, para dar continuidade a essa pesquisa de análise, um trabalho voltado a um estudo lexical comparativo entre as obras de Sousândrade a fim de perceber as várias influências lingüísticas registradas nas obras, sobretudo, as estrangeiras, além de realizar um estudo morfológico que envolva formação de palavras, em especial, o hibridismo, os empréstimos e outros processos de formação. Outro ponto interessante da obra de Sousândrade que renderia relevantes trabalhos seria o campo do discurso, em que a constituição do sujeito sousandradino se mostra como uma farta seara de pesquisa. Ainda, tendo em vista que a obra sousandradina se configura num emaranhado de intertextos, um estudo intertextual fazendo relações internas e externas com outras obras de Sousândrade e até com outros autores seria outra sugestão nossa.

Mas, o nosso trabalho deve continuar, já que faltam aspectos a serem esclarecidos, sobretudo os referentes à análise de alguns vocábulos neológicos e algumas situações de cunho contemporâneo, pois Sousândrade utilizava a notícia de jornal em seus textos e ainda mudava de enfoque de modo constante. Por isso, faltam-nos, ainda, alguns pontos de referência. Isso nos levou a crer que há necessidade de um aparato crítico e teórico para apreciar a obra sousandradina, assim, acreditamos que o nosso glossário pode servir de base para essa apreciação.

Dessa forma, a representatividade incomum de uma Era manifestada na obra sousandradina, sobretudo no que tange à criação de novas palavras e de um novo estilo, foi o que nos motivou a fazer um estudo aprofundado dessa inventividade de Sousândrade, que inovou a poética da segunda metade do século XIX por meio da potencialidade simbólica da língua.

Nas obras ‘Harpas Selvagens’ (1857) e ‘Harpa de ouro’ (1889/1899), que serviram de base para nossa análise e investigação lexical, foram encontrados inúmeros neologismos criados por este autor, além de nomes desconhecidos, frases truncadas em vários idiomas,

inversões, ou seja, um mundo, ainda, a ser desvendado. Contudo, o fato de tais obras apresentarem estruturas complexas, palavras usadas aparentemente só pela sonoridade e muitas criações léxicas, não significa que qualquer proposta de análise funcionará ou que o escrito é sem sentido. Ao contrário, constatamos que todas as palavras seguem uma lógica que pode fugir a uma análise superficial. Embora, nós reconheçamos o desconhecimento de várias estrofes das duas obras e apesar de todo nosso esforço, muitas passagens ainda são obscuras e pudemos ter incorrido a muitos erros nas análises obtidas. Todavia, as que conseguimos decifrar nos levaram a crer que as outras, também, possam ser interpretadas, bastando descobrir a chave que permita sua interpretação.

Diante disso, partindo de nosso objetivo primeiro de montar um glossário dos neologismos criados por Sousândrade em duas de suas obras e considerando a criatividade aparente desse autor, fez-se pertinente analisar estas obras já que foi possível inventariar inúmeros neologismos que demonstram a inventividade de Sousândrade. Desse modo, pudemos perceber que ao trabalhar com a linguagem, esse autor, utilizou determinadas construções ou imagens que se desviaram dos padrões do léxico e que vários vocábulos foram criados para exprimir a realidade ou o ponto de vista do poeta. Assim, podemos dizer que Sousândrade percebeu que a matéria prima à sua disposição era a palavra e ele a usou com maestria e singularidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, Francisco Júlio Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 1. ed. Lisboa: Livraria do editor Antonio Maria Pereira, 1888. 1913 p.

BARBOSA, Maria Aparecida. Dos processos de engendramento e manifestação do neologismo nos discursos essencialmente figurativos. In: AZEVEDO, José Carlos de. **Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino**. Petrópolis - RJ: Vozes, 2000. p. 176-191.

_____. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista Brasileira de Lingüística**, São Paulo, v. 8, n.1, p.15-30, ano 8, 1995.

_____. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global Editora, 1981. 309 p.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2001 528 p.

BOULANGER, Jean-Claude. Néologie et terminologie. **Néologie en marche**. Montreal: Éditeur officiel du Québec, 1979. v.4, 127 p.

CAMPOS, Augusto e Haroldo de. **Sousândrade: poesia**. 1. ed. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1966. 91 p.

CAMPOS, Augusto e Haroldo de. **Re visão de Sousândrade: textos críticos, antologia, glossário e bibliografia**. 3. ed. rev.e ampl. São Paulo: Perspectiva, 2002. 653 p.

ENCICLOPÉDIA Barsa. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicação Ltda, 1995. v.1. Projeto eletrônico desenvolvido por LEXIKON INFORMÁTICA LTDA. <http://www.lexikon.com.br>

GUILBERT, Louis. **La créativité lexicale**. Paris: Librairie Larousse, 1975. 285 p.

HAENSCH, G. et al. **La lexicologia de la lingüística teórica a la lexicografia pratica**. Madrid: Gredos, 1982. 535 p.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. (formato eletrônico)

MORAES SILVA, Antônio de. **Dicionário de língua portuguesa**. Fac-símile da 2ª edição de 1813. Rio de Janeiro: Officinas da S.A. Litho-typographia fluminense, 1922. 872 p.

REY, Alain. Néologisme: un pseudo-concept? **Cahiers de lexicologie**, Paris, v. 28, p. 3-17, 1976-1.

SABLAYROLLES, Jean-François. Néologisme et nouveauté(s). **Cahiers de lexicologie**, Paris, v. 69, p. 5-42, 1996-2.

SOUZA-ANDRADE, Joaquim. **Harpas selvagens**. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Lemmert, 1857. 310 p.

_____. Harpas de ouro. In: WILLIAMS, Frederick G. e MORAES Jomar. **Poesia e prosa reunidas de Sousândrade**. São Luís – MA: Edições AML, 2003. p. 429-450.

WILLIAMS, Frederick G. **Sousândrade**: vida e obra. São Luís – MA: Edições SIOGE, 1976. 279 p.

ÍNDICE DAS PALAVRAS NEOLÓGICAS

	Palavras classificadas como neologismos: formais e semânticos	<i>Pág.</i>
1	ABYSMOSO	76
2	ACENTRADO	77
3	ACHO	78
4	ACIMAR	79
5	AEREAL	80
6	AGULHA-IMÃ	81
7	ALGODOOSO	82
8	ALIANÇA-AMOR	83
9	ALMA-CLARIDÃO	84
10	ALMA-DEUS	85
11	ALMOÇO	85
12	ALMO-FLUENTE	86
13	ALVO-AZUL	87
14	ALVORAL	88
15	ALVÓREO	89
16	ALVURA-MEL	90
17	AMAZÓNEO	91
18	AMBROSIADO	92
19	AMORENADO	92
20	AMOR-LUZELUZ	93
21	ANDEAL	94
22	ÂNDEO	95
23	ANELÃO-ZODÍACO	96
24	ÁRABE-AMANDO	97
25	ARENOSO	98
26	AURAR	99
27	ÁUREA-CÉRULA	100
28	AUREAR	101
29	ÁUREO-NEGROR	102
30	AURIALVA	103
31	AURIR	104
32	AUTOR-SUPREMO	104
33	BALANÇOSO	105
34	BARDO-CIDADÃO	106
35	BEIJO-CÉUS	107
36	BERRADEIRO	108
37	BONINOSO	109
38	BORBOLETA-GIRASSOL	110
39	BRANDEAR	111
40	BRANCO-MIMOSO	112
41	BRASIL -BRILHANTE	113
42	BRASILEIRO-AMERICANO	114
43	BRASÍLICO	114

44	BRIGAS TENTÁCULAS	115
45	CABILDA-ONDULANTE	116
46	CALDA-ENCANTO	117
47	CARMINIZAR	118
48	CETIM-BRANCO	119
49	CÉU-AMOR	120
50	CICLISTA	122
51	CINZA-ESPERANÇA	122
52	CISPLATINETE	123
53	CÓNDORO	124
54	CONVULSOSO	125
55	CRISÁLIS	126
56	ÇUCENAL	127
57	DÂNTEO	128
58	DEMOCRACIA-PURA	129
59	DENTISTA-MÁRTIR	130
60	DEODÓRICO	131
61	DESCAMBIAMENTO	132
62	DESERTO-SAARA	133
63	DESFARPAR	135
64	DESONDAR	135
65	DESROLAR	136
66	DIVINO-CELESTE	137
67	DOCE-ELÉTRICA	138
68	EBÚRNEO-RÓSEO	139
69	EDENAL	139
70	ENCOBRAR	140
71	ESTIVADOR-CURTIDOR	141
72	FAMINTAR	142
73	FÉBREO	143
74	FELINO-TRIUNFANTE	144
75	FIRME-ABERTO	145
76	FRUTINAL	146
77	GÊNIO-AMOR	147
78	HARPAS-SELVAGENS	148
79	HÚMUS-ATEUS	149
80	INFANTINO	150
81	INFÉRNEO	150
82	INTRANSITÓRIO	151
83	JARDINOSO	152
84	JOVITO	153
85	LIBERDADE-AMOR	154
86	LÍRIOS-TIRADENTES	155
87	LUZ-DELÍRIO	156
88	MARERIAL	157
89	METAMORFOSEAL	158
90	MISTAS-IRMÃS	158
91	MUGIBUNDO	160

92	MUNDO-DOR	160
93	MUSA-AMOR	161
94	NEVINITENTE	162
95	NÓCTEO	163
96	NOITIDÃO	164
97	NEOPÁTRIO	165
98	OMHERIAL	165
99	PAÇO-AGOIRO	166
100	PARAISAL	167
101	PENTASTRAL	168
102	PRADINAL	169
103	PRIMAVEROSO	170
104	QUEIXOSO-QUÉRULO	171
105	RIDOSO	172
106	RISO-CÉUS	173
107	ROCHEDO-NEGROR	174
108	RUBRO-VINHO	175
109	RUIDANTE	175
110	SAGRADO-ENCANTADOR	176
111	SEMPRE-HODIERNO	177
112	SIRENAL	178
113	SOCIAL-IDEAL	179
114	SUDORADO	180
115	SUSSURROSO	181
116	TEOLOGAR	181
117	TERRA-DONZELA	182
118	TERRA-CÉU	183
119	TERRA-MANHÃ	184
120	TRAFICADOR	185
121	TRONO-AMOR	186
122	VELUDOSO-VERDEANTE	187
123	VIRENTE-AUREA	188
124	VOEJO-COLIBRI	189

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.